

# SERÕES

N.º 9  
MARÇO  
DE  
1906



❖ REVISTA MENSAL ILUSTRADA ❖

FERREIRA & OLIVEIRA, L. LISBOA

# Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
CANÇÃO DE PRIMAVERA (quadro de W. BOUGUEREAU).....	166
O CASAMENTO DO REI DE HESPAÑA (16 illustrações e 1 vinheta).....	167
DUAS GLORIAS LITTERARIAS DO BRAZIL (6 illustrações) por João Luso.....	175
O CYSNE MORTO (2 illustrações) poesia por FILINTO D'ALMEIDA .....	181
O PORTO VELHO (22 illustrações) por JUSTINO DE MONTALVÃO.....	184
ANGELUS (quadro de MILLET).....	194
PHANTASIA EM SOL MAIOR (3 illustrações) por ZACHARIAS D'ACA.....	195
CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES Ribeira d'Algés.....	198
PHENOMENOS TELEPATHICOS (10 illustrações) por CRUZ ANDRADE.....	199
BENITA, Romance Africano (10 illustrações) por H. RIDER HAGGARD.....	205
RESOLUÇÃO (1 vinheta) poesia por MARIA O'NEILL.....	215
CONGRESSO MEDICO (32 illustrações) pelo DR. ALFREDO LUIZ LOPES.....	216
PASCHOA FLORIDA (3 illustrações) por DOMINGOS GUIMARÃES.....	228
CHARLATÃES (10 illustrações) por ALFREDO DE MESQUITA.. ..	229
SE A MOCIDADE SOUBESSE... (2 illustrações) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	236
OS SERÕES DOS BÉBÉS—AO PÉ DA LAREIRA (6 illustrações).....	245
ACTUALIDADES (15 illustrações).....	249

## OS SERÕES DAS SENHORAS (26 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS .....	pag. 153	MANEIRA DE CONHECER O CARACTER DAS	
ARRANJO DE VESTIDOS.....	» 153	PESSOAS PELAS LINHAS PHYSIONOMICAS	pag. 160
ROUPA BRANCA.....	» 153	LAVORES FEMININOS .....	» 161
RENDAS E BORDADOS.....	» 154	TRATAMENTO DO CABELLO.....	» 163
TOILETTES DE MEIA ESTAÇÃO.....	» 155	PELOS ALTOS:—O PATRIARCHA DOS REIS	» 164
Os NOSSOS FIGURINOS .....	» 156	CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 165
CHAPEUS DE PRIMAVERA.....	» 157	NOTAS DA DONA DE CASA.....	» 167
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	» 159		

### Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

## A MUSICA DOS SERÕES

MEDITANDO — PAS-DE-QUATRE

por HENRIQUE DA ROCHA PINTO..... 4 paginas

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

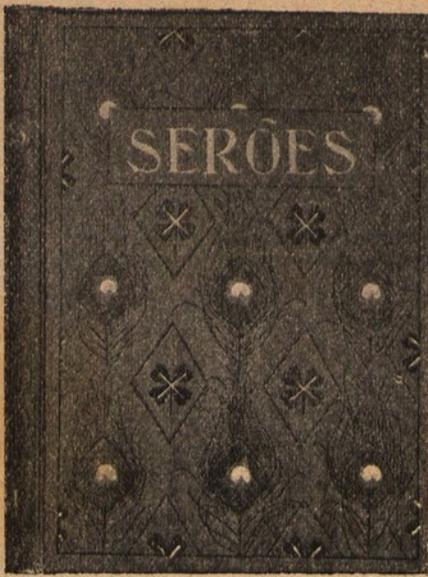
### Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno..... 2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 1\$200	Moeda fraca..... 12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

# As capas e encadernação dos "SERÕES,,



Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol., da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de 300 réis. «Os Serões das Senhoras» e a «Musica dos Serões» só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas espezias.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

**FERREIRA & OLIVEIRA L.<sup>DA</sup>**

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remetente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos «**SERÕES**» forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1.7600; — e se já os numeros avulso dos «**SERÕES**» se evidenciam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço—o volume completo mais mostra que os «**SERÕES**» são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

## GRANDE DEPOSITO

◀ DE ▶

### Moveis de ferro e colchoaria

◀ DE ▶

### JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

◀ LISBOA ▶

## A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

**A. TELLES & C.<sup>o</sup>**

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de minas geraes

**BRAZIL**

Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Depositos em Lisboa

Conservaria Pómona de Lisboa, rua da Prata, 111 a 113; Confeitaria Pires, rua da Palma, 68, 72; Pastellaria Raymundo, praça dos Restauradores, 22; Jacintho Nunes Quintas, rua Paschoal de Mello, 27; Casa Progresso de Bemfica, rua Direita de Bemfica, 212 e 212-B; Pastellaria Taboense, rua de D. Pedro V, 55, e em todas as succursaes da Companhia de Panificação Lisbonense.



## Correspondência dos SERÕES

### OS NUMEROS ANTERIORES DA 2.<sup>a</sup> SERIE

A direcção dos *Serões*, em consequencia da extraordinaria acceitação que tem merecido a nossa revista, viu-se obrigada, como já dissemos, a reeditar varios numeros da sua 2.<sup>a</sup> serie.

Apezar d'isso, a 2.<sup>a</sup> edição do 1.<sup>o</sup> numero acha-se exgotada, e está-se imprimindo com toda a diligencia a 3.<sup>a</sup> edição.

Já se acha á venda a 2.<sup>a</sup> edição do numero 4, e está-se procedendo á reedição dos numeros 2 e 3, tambem exgotados.

Repetindo os nossos agradecimentos pela sympathia excepcional com que o publico portuguez e brasileiro acolheu os *Serões*, fazemos estas prevenções para os colleccionadores da revista, afim de não ficarem com as suas collecções truncadas.

Será conveniente que os nossos prezados assignantes e leitores tratem de solicitar quanto antes os numeros que por acaso lhes faltarem, em vista do rapido exgotamento que teem tido as edições e reedições.

### AS CAPAS DOS «SERÕES»

Continuamos a fornecer capas para o 1.<sup>o</sup> volume da 2.<sup>a</sup> serie do nosso magazine, correspondente ao 1.<sup>o</sup> semestre (junho a dezembro de 1905) da publicação.

Para *Os Serões das Senhoras* e para a *Musica dos Serões* estão-se confeccionando capas especiaes em que se encadernarão os numeros correspondentes ao anno que termina em junho de 1906.

Cada volume de cada uma d'estas collecções corresponderá portanto a dois volumes do magazine. Tomámos esta deliberação por isso que os volumes, correspondentes a se-

mestres, ficariam demasiadamente exiguos, ao passo que, se encadernassemos essas collecções juntamente com o magazine, os volumes seriam em demasia compactos.

### QUEBRA-CABEÇAS

Com relação aos problemas insertos no nosso numero 7 apenas recebemos uma carta do sr. Luiz Braz, á qual adeante nos referimos.

*Problema dos automoveis.*— Diz-nos o sr. Luiz Braz que este problema já era do seu conhecimento, e que o resolvera em 25 mudanças constando-lhe porem que se resolve em 22. Pois os movimentos ainda se podem reduzir a 18, como se pode ver em seguida:

1. Carro n.<sup>o</sup> 5 para o refugio.
2. N.<sup>o</sup> 2 para o logar do n.<sup>o</sup> 5.
3. N.<sup>o</sup> 3 para o espaço entre o refugio e o telheiro de baixo.
4. N.<sup>o</sup> 5 para o logar do n.<sup>o</sup> 3.
5. N.<sup>o</sup> 3 para o logar do n.<sup>o</sup> 2.
6. N.<sup>o</sup> 2 para o refugio.
7. N.<sup>o</sup> 6 para o espaço entre o refugio e o telheiro de cima.
8. N.<sup>o</sup> 2 para o logar do n.<sup>o</sup> 6.
9. N.<sup>o</sup> 6 para o refugio.
10. N.<sup>o</sup> 3 para o telheiro de baixo, em logar do n.<sup>o</sup> 5.
11. N.<sup>o</sup> 1 para o espaço entre o refugio e o telheiro de baixo.
12. N.<sup>o</sup> 6 para o telheiro de cima, em logar do n.<sup>o</sup> 1.
13. N.<sup>o</sup> 1 para o logar do n.<sup>o</sup> 2 do telheiro de cima.
14. N.<sup>o</sup> 3 para o espaço entre o refugio e o telheiro de cima.

15. N.º 4 para o refugio  
 16. N.º 3 para o logar do n.º 4 no telheiro de baixo.  
 17. N.º 1 para o telheiro de baixo.  
 18. N.º 4 para o telheiro de cima.

*Tribulações de um industrial.*—Este problema, adivinhou-o effectivamente o sr. Luiz Braz, e, segundo os seus desejos, participamos a Matultimo que o lançamento do debito deve ser feito na importancia de 142\$500 reis. Pode

pois Matultimo descançar quanto antes a alma attribulada do industrial.

Damos um descanso á nossa secção *Quebra-cabeças*, que recommencaremos apenas da parte dos nossos leitores se manifestar um acrescimo de interesse por ella.

Receberemos pois de muito bom grado todas as contribuições que de futuro nos remettam, e dar-lhes-hemos logar quando a affluencia de original de interesse immediata nol'o permitta.

**gem rival** para a limpeza e conservação dos dentes, deposito, rua Nova do Almada, 81, e rua do Carmo, 83.



# Ferreira & Oliveira L.<sup>da</sup>

Livreiros de S M. El-Rei

Rua do Ouro, 132 a 138—LISBOA

A **Livraria Ferreira** recebe com regularidade as principaes publicações periodicas do estrangeiro.

**Magazines e jornaes inglezes e americanos:**—London, Pearson, Munsey, Everybody, Scribners, Royal, Ladies realm, Strand, Windsor, Country life, Grafic, Review of Reviews, Cassel, etc., etc.

**Jornaes de Modas:**—Miroir, Saison, Mode Pratique, Mode Illustrée, The Lady, Ladies Field, Gentlewoman, Deliniator, Weldons, Les Modes, Chic Parisien, Couturière parisienne, Figaro, Mode, etc., etc.

**Jornaes e revistas francezas:**—Je Sais Tout, Lectures pour Tous, La Vie Illustrée, Le Rire, Le Monde Moderne, Jeunesse, Femina, La Vie Heureuse, Fermes & Chateaux, Musica, Les Sports Modernes, La Revue, Lisez-Moi, Le Frou-Frou, L'Art et Decoration, Mon Bon Livre, Le Nu Artistique, L'Etude Academique, etc., etc.

A **Livraria Ferreira**, encarrega-se de fazer assignaturas para todos os jornaes estrangeiros aos melhores preços.

Pedir preços e specimens que se fornecem gratuitamente, directamente das redacções respectivas.

Chamamos a atenção para o programma do segundo Concurso Photographico dos "SERÕES,, do qual foi prorogado o praso até 30 de abril proximo.

## O segundo concurso de

## PHOTOGRAPHIA

## Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obteve o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, levou-nos a abrir até ao fim d'abril um outro, a que poderão concorrer não só os profissionaes e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pessoas que tenham creanças a seu cargo, visto que o thema que agora offerecemos se, professionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças**, pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rostinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apothose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas, de

**CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS**

Devem além d'isso os concorrentes submeter-se ás seguintes

**CONDIÇÕES**

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de  $9 \times 12$  centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará da pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10000 réis**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos**; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

**SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"**

Ultimo dia de recepção — 30 de abril

Titulo da photographia.....

Local em que foi tirada.....

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que nol-'a enviar.....

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

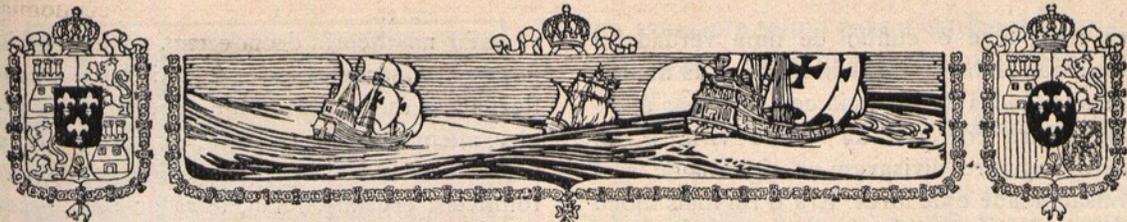
Assignatura.....

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.<sup>da</sup>, Rua Anrea, 132 a 138, devendo no verso do envelope indicar — Concurso de photographia.



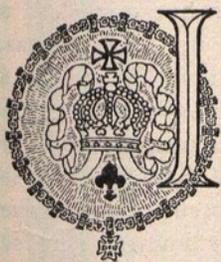
**CANÇÕES DE PRIMAVERA**

*Quadro de W. Bouguereau*



# O casamento do Rei de Hespanha

AFFONSO XIII



A em meados o anno de 1886 quando nasceu Affonso XIII, já envolto na purpura regia, mas que purpura essa! Agitava-se o paiz nos tran- ses da revolta. A Rai-

nha-Mãe, cheia de saudosa angustia pela morte do esposo, que seis mezes antes morrera tysico, era odiada pela populaça por causa da origem austriaca, e a creança era desgraçadamente enfezada. Os hespanhoes pouco podiam descobrir de hespanhol nas infantis feições regias, e logo perceberam o já formoso «beijo Hap- sburgo».

Tivesse-se elle parecido com seu pae, e possivel é que elles o houvessem acclamado com alvoroço. As-

Affonso XIII sobreviveu, mau grado as prophcias funestas. Durante dezeseis annos, sua mãe consagrou ao seu bem-estar vinte e quatro horas por dia, suffocando os seus proprios desgostos em favor do futuro do filho, espreitando o seu juvenil espirito a despertar ás lições dos me- lhores mestres, e o seu corpo a forta- lecer-se na vida ao ar livre. O pequeno rei aprendeu varias linguas modernas e



AFFONSO XIII—AOS 8 MEZES



AOS 2 ANNOS

bastante sciencia, econo- mia politica e direito civil para o preparar para os deveres do governo. Mas o principal era a sua saude, e o seu physico desenvolveu-se ainda mais rapida- mente que o seu vivo es-

pirito, graças á sua regularidade na equitação, na esgrima, nos exercicios militares e gymnas- ticos.

Ha muito que os hespanhoes crearam affecto ao seu rei e comprehenderam quanto a Hespanha de hoje deve ao amor de uma mãe. O povo começou a dar-lhe o caricioso cogno- me de «El Pequeño», e tão raras vezes o via pelas ruas que o seu apparecimento como rei a valer, quando fez o juramento ás côrtes

sim, apenas po- diam vel-o como filho de uma mãe detestada.

Nascido com o peso de uma co- rôa molesta e unindo ao nome o mais agouren- to dos numeros,



AOS 3 ANNOS

em 1902, teve o cunho de uma verdadeira surpresa. Tinha-se tornado homem, as madeixas annelladas da infancia cediam logar á encabelladura corredia da idade viril, e no ro-to trigueiro divisavam-se signaes de responsabilidade e de força. Era o rei mais moço



AOS 8 ANNOS

do mundo, e comtudo parecia comprehender o peso que tinha nos hombros. Conta-se que um dos seus instructores estava um dia a explicar-lhe o mechanismo das constituições modernas.

— Mas — exclamou a creança — que cousa me deixam a fazer em toda essa machina parlamentar? Onde está o meu logar, o meu poder, a minha autoridade?

O professor ficou tão embaraçado que tentou tergiversar.

— Não, não! — exclamou o discipulo — o que eu preciso saber é o que tenho a fazer!

Pergunta esta á qual só o correr dos annos poderia dar resposta.

Um monarcha hespanhol não tem coroação no sentido estricto de palavra. Limita-se a prestar o juramento de fidelidade á constituição. As ceremonias relacionadas com esse juramento foram impressionantes e pittorescas, e as festas duraram duas semanas. O peso dos cuidados e dos trabalhos que Affonso XIII tomou sobre si eram bastantes para intimidar um homem robusto, mas Sua Majestade Catholica tem uma personalidade notavel, uma vontade propria, uma energia invencivel. Não se satisfaz em ser uma simples figura de aparato; insiste em conhecer e comprehender os factos, e está resolvido, conforme disse recentemente, a governar o reino com o auxilio dos seus ministros. O rei é soldado, marinheiro e estadista,

versado na theoria do governo, em economia politica, historia, sciencia e tactica. Falla com fluencia e escreve correntemente francez, inglez, allemão e italiano, além, está claro, da sua lingua nativa. Cavalga, guia carruagens e automoveis, esgrime, lucta, atira ao alvo, desenha, canta. Em summa, é quasi tão variado em aptidões como o imperador da Allemanha, o que é dizer bastante.

## NOTAS DE UMA CURTA BIOGRAPHIA REGIA

«Bubi» era a alcunha affectiva que davam em familia á creança que nascera já rei de Hespanha. Era o nome com que o saudava a mãe, no tempo em que, de um anno apenas, elle presidia, ao collo da ama Raymunda, á sessão de abertura das cortes, e quando no anno seguinte, elle reunia n'uma festa ao ar livre 12:000 collegiaes. A alcunha tinha se divulgado pela Hespanha inteira. a ponto que um rapazito com fumos de homem feito se atreveu um dia a tocar na face do reisinho, então de seis annos de idade, d'izando-lhe com pretenciosa familiaridade:

— Como estás, Bubi?

— Bubi! — exclamou com indignação a pequenina majestade — *no! no! yo soy el rey!* Era a consciencia da sua dignidade que des-



AOS 11 ANNOS



A RAINHA MÃE E SEU FILHO — AOS 15 ANOS

pertava, e que, por accasião da sua coroação lhe dictou estas soberbas palavras :

— Deus me recompense, se eu cumprir o meu juramento! Deus me castigue, se eu o quebrar!

A rigida etiqueta da côrte hespanhola não machucou a vivida persoalidade d'este adolescente coroadado, ancioso de movimento e de alegria, profundamente hespanhol no seu amor pelos touros e na assoalhada vivacidade do seu temperamento.

O monarcha, descendente de S. Fernando e de Filipe II, de um santo austero e de um sombrio potentado, deixa-se levar pela impetuosidade nativa, passeiando por toda a parte com tanta liberdade e desafogo como qualquer cidadão obscuro.

Vinha elle uma tarde dos touros, quando

um estudante saltou para o estribo da carruagem regia, apresentando-lhe um ramo de rosas:

— Aceita este presente, D. Affonso — disse o rapaz.

E o rei, sem pensar na audacia do estudante e nas traições occultas muitas vezes n'estes donativos, contentou-se em agradecer com um sorriso.

Ainda recentemente em Barcelona, visitou elle um dos suburbios, onde formigam os descontentes e os revolucionarios, n'essa cidade que é um dos centros mais activos do anarchismo. A policia tomara grandes precauções, e as ruas estavam guarnecidas de guardas uniformizados. Ao vel-os, o rei ordenou que os mandassem embora. Os officiaes protestaram, por isso que eram responsaveis pela sua segurança.

— Deixem-se d'isso! — disse Affonso XIII — é o rei que manda.

E passou sem escolta por meio da multidão de operarios e miseraveis, anciosos pela revo-



A RAINHA DE PORTUGAL SUA MAJESTADE  
A SENHORA D. MARIA AMELIA  
E O REI D'HESPAÑHA EM UNIFORME D'ALMIRANTE

lução. O resultado foi elles corresponderem a esta confiança e a esta coragem com vivas e acclamações.

Quando se deu a tremenda catastrophe dos reservatorios de Madrid, o rei, a cavallo, foi

— Senhor, é triste dever meu informar Vossa Majestade que occorreu esta manhã um terrivel desastre...

— Escusa de continuar — disse o rei — Eu estive lá...



AFFONSO XIII, REI DE HESPANHA

*Retrato actual*

um dos primeiros a comparecer no local do desastre. Allí fez quanto podia para auxiliar os feridos e organizar o salvamento. Depois voltou para o palacio, onde tinha que presidir a um concelho de ministros. Ao sentar-se á cabeceira da meza, dirigiu-se lhe o ministro do interior, começando um discurso pomposo e elegiaco:

Vê-se que a outras qualidades regias elle allia um humorismo mordente.

Às sete horas da manhã, de verão e de inverno, o moço rei está a pé. Ditas as suas orações — porque observa estrictamente as praticas religiosas — Affonso XIII toma com a rainha mãe o seu primeiro almoço: refeição summaria e sempre a mesma, ovos quentes,

torradas e chocolate. Vae em seguida para o seu gabinete, onde despende a maior parte da manhã em negocios do estado. Duas horas são reservadas ao estudo. Todas as manhãs passa com elle uma hora um dos professores

— Receba as minhas felicitações — disse elle — Mas, bem sabe, professor, cada qual no seu officio.

Ao meio dia é o lunch, e o resto do dia pertence por completo ao rei Segundo a phrase



A PRINCEZA ENA DE BATTENBERG, FUTURA RAINHA DE HESPAÑHA

*Retrato actual*

da universidade de Madrid. Uma que outra vez, vae á escola de direito, senta-se no meio dos ouvintes, e assiste á lição. Um dia, na presença d'elle, o deputado Azcarate fez uma prelecção sobre as vantagens de forma de governo republicano. Quando terminou, o rei dirigiu-se a elle, sorrindo, e apertou-lhe a mão.

historica, *le roi s'amuse*. Gymnastica, esgrima, cavalgada, automobilismo, eis em que elle emprega os seus ocios. Uma vez, guiando um trem pelos arredores da capital, Affonso XIII, um pouco estouvado, atropellou uma creança. Saltou logo da carruagem, pegou no pequeno, e levou-o para uma taberna á beira da estrada.

A creança quasi apenas soffrera o susto, e

o rei fel-o n'um instante voltar a si. Quando o taverneiro appareceu, encontrou um rapaz alto a rir e a brincar com um petizinho muito sujo, mas muito satisfeito.



A PRINCEZA ENA AOS 12 MEZES

— Vossê é boa pessoa — disse o taverneiro batendo familiarmente no hombro do sujeito. O rei ficou radiante. Deus a sua bolsa ao pequenito e disse ao taverneiro :

— Olhe ! d'aqui por deante pode pôr este letreiro á sua porta : Taverna do Rei.

No automovel, o seu arrojo é pasmoso. Quando o Presidente Loubet voltou a Paris



AOS 5 ANNOS

depois da sua visita a Madrid, ainda não estava bem refeito das emoções que tinha experimentado em passeios com Affonso XIII.

— Se soubessem por que sitios me levou aquelle rapazote ! — exclamava o velho presidente — É espantoso como fiquei com vida ! Um dia sobretudo ! O rei levou-me a passeio no seu automovel. Em quanto percorremos as ruas da cidade, ia-se lembrando dos avisos cautelosos de sua mãe, e foi em andamento regular. Mas apenas se'pilhou fóra, esqueceu-se de todas as promessas. Era um reisinho com o sangue na guelra ! Eu nem por isso gosto muito do automovel, mas então quando elle corre como um cometa . . .



AOS 4 ANNOS

E Loubet sacudiu a cabeça encanecida. É certo que o regio *chauffeur* o trouxe para casa são e salvo.

Mais louca façanha foi a sua corrida em competencia com o Sud-Express. Seu primo, o principe das Asturias, embarcara em San Sebastian para Irun. O rei despediu-se d'elle e saltou para o automovel. Apenas o comboio partiu, elle deu toda a velocidade á sua machina. De uma estação á outra, a estrada segue a linha ferrea, de forma que durante todo o percurso os passageiros do Sud-Express poderam sempre ver o automovel regio. A velocidade era medonha, e o monarcha venceu.

Parou defronte da estação de Irun um momento antes da chegada do comboio.

É claro que tem soffrido os seus percalços, alguns dos quaes bastantes sérios. No inverno



AOS 7 ANNOS

passado, descia elle uma montanha com a vertiginosa velocidade habitual, quando o automovel se virou. O rei foi arremessado a grande distancia, mas por fortuna cahiu sobre um monte de neve.

A caça é um dos seus *sports* favoritos. Os Bourbons e os Hapsburgos teem sido sempre grandes caçadores. Em Aranjuez, no Prado, na Granja, ha enormes tapadas onde este descendente de augustas familias caça veados e javalis. Joven ainda, já conta tres mortes de ursos nos montes de Santander. Ha tres annos apenas, começou a dedicar-se ao tiro aos pombos. Venceu o campeonato de San Sebastian, batendo o marquez de Villaviciosa, até então o campeão de Hespanha.

Ganhou 32.000 pesetas, que distribuiu pelos pobres da cidade.

Eis pois um rei que se tornou querido do seu povo pela actividade da sua vida de trabalho, de estudo e de *sport*, e pela irradiação de mocidade que promana de sua pessoa. Ainda, e sobretudo, para o character hespanhol é fascinante a sua intrepidez juvenil, o seu desprezo temerario de todos os perigos. Quando, na sua visita a Paris, uma explosão celebre abalou a carruagem em que elle seguia com o presidente Loubet, as primeiras palavras do rei foram de carinho pelo velho chefe de Estado :

— Está ferido ? — perguntou elle com ansiedade — Deus queira que não houvesse victimas.

Estava absolutamente sereno e correspondia ás acclamações da multidão com um cordial aceno. Se até então era popular, no dia seguinte era um heroe.

— O que me afflige sobretudo — dizia Afonso XIII — é ter de telephonar a minha mãe sobre este facto.

E recordou outro attentado que o alvejara Um dia, nas ruas de Madrid, tinha o rei então 14 annos, um anarchista correu sobre elle de navalha em riste. O coroadado rapazelho estava inteiramente á mercê do assassino, por isso deixou-se ficar quedo. Durante um segundo o anarchista fitou n'elle os olhos ; depois deixou cahir a arma.

— Não ! — disse elle — é muito novo ainda!

Affrontar essa especie de morte é dever estricto dos reis pelos tempos que vão correndo. E o rei de Hespanha sabe affrontar-a tranquillamente, sem colera nem medo, de uma fôrma perfeitamente regia.

#### A PRINCEZA ENA VICTORIA DE BATTENBERG

Está oficialmente annunciado o casamento do mais novo dos reis da Europa com uma princeza ingleza, a neta predilecta da rainha Victoria. Este casamento parece ser do agrado



AOS 11 ANNOS

geral, principalmente do povo inglez. Um dos caracteres que distinguem os principes e as princezas da Grã Bretanha, em geral, é a

admiravel educação adaptada ás eminencias de um throno. A historia portugueza tem d'isso um exemplo frizante na sympathica individualidade de D. Filipa de Lencastre, mãe de

*Inclyta geração, altos infantes.*

Ha tempos, como é sabido, que o joven rei de Hespanha andava á procura de noiva, e é interessante e a proposito recordar n'este momento as palavras sensatas que elle disse ultimamente a um dos seus amigos intimos:

— Os casos de que a historia me dá conhecimento e os tristes exemplos de algumas das familias reinantes inspiram-me um verdadeiro terror dos casamentos unicamente devidos a razões de Estado. Comquanto não me agrade a ideia de ser impellido a ligar-me pelos vinculos matrimoniaes a uma creatura cujos verdadeiros sentimentos, caracter e habitos me são desconhecidos—por isso que sei perfeitamente que vivemos em tempos praticos, e que é facil a qualquer senhora fingir amor por um rapaz na mira de ser rainha — tenho comtudo sufficiente conhecimento do mundo para não me passar despercebida a difficuldade de encontrar uma princeza ainda nova, reunindo a uma educação austera a pureza e a candura graciosa que desejo para minha futura esposa.

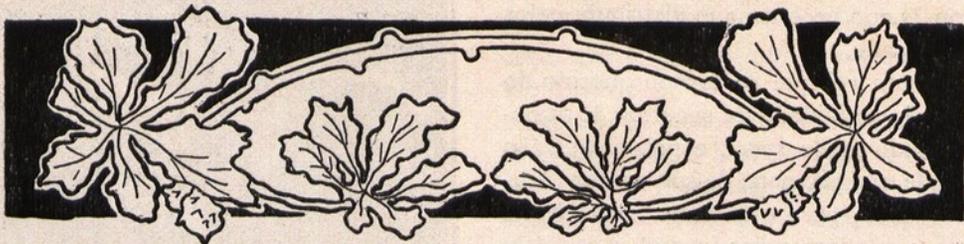
Sem duvida que isto foi dito com mais simplicidade do que acima vae escripto, mas o que parece certo é que as aspirações do rei correspondem perfeitamente ás qualidades que adornam a princeza Ena de Battenberg. Foram ellas que a tornaram popular em Inglaterra. Contrahiu sinceras e calorosas amizades desde o

tempo em que, ainda creança, em Osborne, costumava ler contos de fadas e contal-os depois ás suas amiguinhas da ilha e brincar com seus irmãos e alguns visinhos inglezes da *villa* de Cimiez, que a Princeza Henrique de Battenberg alugou para seus filhos emquanto esteve na Riviera em companhia da rainha Victoria.

A Princeza Victoria Eugenia Julia Ena de Battenberg tem justamente menos um anno que seu noivo, e foi no anno passado que pela primeira vez appareceu n'um baile dado por sua mãe em Kensington Palace.

Foi ella a primeira creança de sangue real da Grã-Bretanha que nasceu na Escossia durante um periodo de perto de trezentos annos, a contar de 1600, época em que nasceu o infeliz Carlos I, que pereceu no cadafalso. É por isso que o povo escossez tem um fraco pela princeza Ena, assim como os irlandezes teem uma sympathia especial pela princeza Patricia, filha do duque de Connaught.

E, como Patricia, a princeza Ena é formosa, comquanto as suas feições sejam um quasi nada mais accentuadas que as de sua prima. É alta, de tez clara, de physionomia graciosa, falando admiravelmente varias linguas e tendo uma educação primorosa. É tão notavel no canto como o rei de Hespanha no jogo do *tresillo*, e tem o amor do *sport* como uma verdadeira ingleza. Diz-se que um dos seus nomes lhe foi dado em honra de sua madrinha, a ex-imperatriz Eugenia, e não surprehenderá pessoa alguma se parte, pelo menos, da avultada fortuna possuida pela ex-imperatriz, reverter para sua patria Hespanha.





# Duas Glorias Litterarias do Brazil

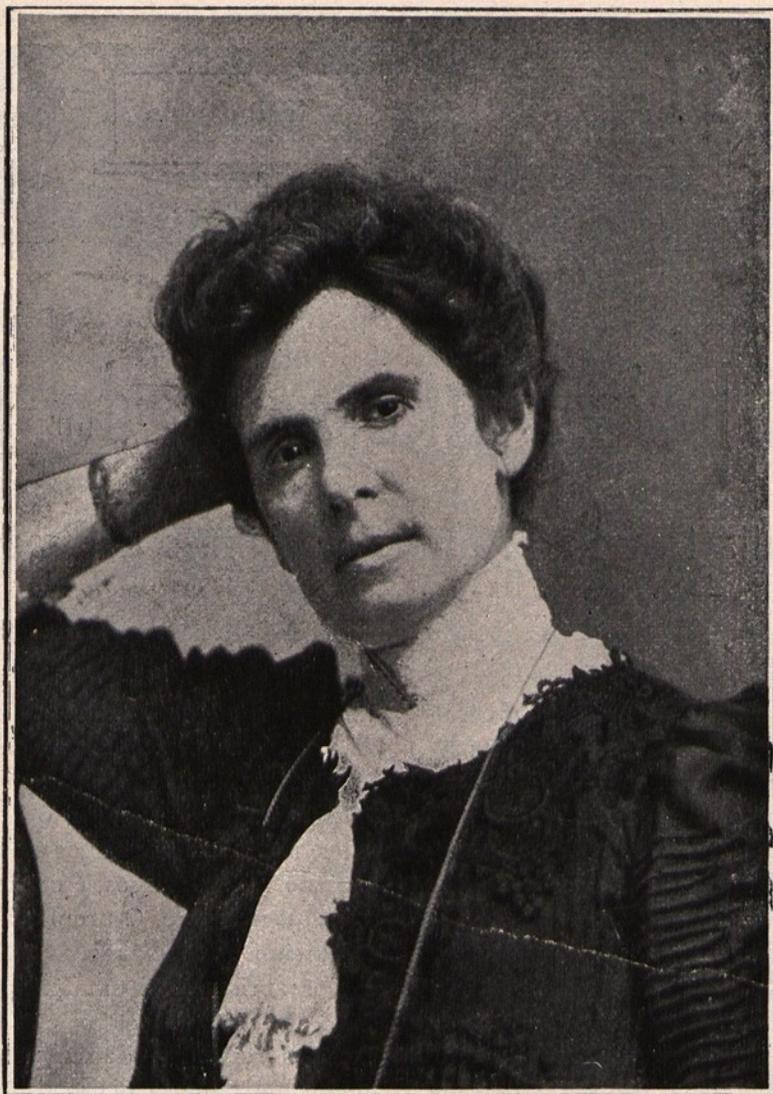
D. Julia Lopes d'Almeida e Filinto d'Almeida

**D**EDEM-ME OS *Serões* um artigo sobre a obra litteraria desse encantador casal de artistas que o Brasil se orgulha de possuir na romancista D. Julia Lopes de Almeida e no poeta Filinto de Almeida. Um artigo, meu Deus! E que artigo? Um estudo analytico como os do sr. Brunetiere? Uma critica profunda e grave como as do seu nobre antecessor, o sr. de Sainte-Beuve? Seria de mais, para um pobre correspondente... Ainda, porém, que a tanto me ajudasse engenho e arte, do mesmo modo me recusaria, por uma questão de principio, de coherencia. Em geral, detesto as criticas; a sua auctoridade revolta-me, dá-me somno a sua erudição, os seus comos e porquês trazem-me sempre ao espirito um grande cansaço e um grande tedio. Vejo o critico no seu gabinete revolvendo as paginas dum livro, como um chimico no seu laboratorio, farejando as composições duma droga; acompanho o desesperado esforço com que elle cata a razão de ser duma obra atravez dos seus capitulos, como o algebrista procura a sua incognita, acastellando calculos e multiplicando caracteres gregos. E, quasi sempre, de tão humana tragedia ou de tão limpido poema, a idéa que elle me transmite é duma afflictiva complicação e duma inextricavel confusão. Leio um novellista ou um poeta e entendo-os perfeitamente, sinto-os, escalda-me a febre dos seus arrebatamentos, deslumbra-me a resplandecencia dos seus ideaes; consulto depois um critico, a ver se comprehendi a obra — e não comprehendo o critico. Ah, não! Nessa especialidade litteraria de fallar dos outros, retratar e reflectir o genio alheio, um só escriptor, um só

me soube dar, até hoje, uma grande noção de belleza e um goso intellectual completo — Paul de Saint-Victor. Mas eis que esse, exactamente, não fazia critica...

Em summa, deixemos o artigo e fiquemos antes na carta. Sentir-nos-emos muito mais á vontade, meus amigos, e conversaremos muito mais alegremente. O proprio assumpto nos recommenda simplicidade, familiaridade; porque, se vos abrisse aqui uma prelecção pedantesca sobre *A familia Medeiros* e *A fallencia*, os dois grandes romances de D. Julia Lopes, certamente me falharia o proposito de vol-os fazer «ler» atravez das minhas impressões; ao passo que, palestrando singellamente comvosco acerca da insigne prosadora e de seu marido, o autor laureado da *Lyrice*, contando-vos alguma coisa da sua vida intima, do seu lar tão cheio de encantos e tão impregnado de felicidade, do seu eregrino affecto e dos seus quatro filhos, talvez consiga interessar-vos com a historia singella do mais venturoso par de almas que o destino já reuniu á mesma meza de trabalho e debaixo do mesmo tecto.

João de Deus tinha bem razão em affirmar que «Deus fez as almas aos pares». A desgraca existe, porque nem sempre, raras vezes até, ellas se encontram. Estas viram-se e amaram-se, como na velhissima canção; tinham caminhado uma para a outra, enlevados na mutua admiração das novellas e dos poemas, pela lei duma irresistivel atracção. Assim, em tempo, se vieram a adorar Maria Amalia e Gonçalves Crespo. Julia decorava os versos de Filinto, e Filinto, nos seus folhetins, louvava a prosa de Julia. Faltava



D. JULIA LOPES D'ALMEIDA

apenas um episodio casual e simples que os pozesse em frente um do outro e, sobre a concordancia dos espiritos, estabelecesse a concordancia dos corações; e esse episodio veio um bello dia, naturalmente, offerecendo-se por si áquella lei commum que regulava os dois destinos. Valentim Magalhães que então dirigia a *Semana* e tinha em Filinto, além do seu melhor amigo o seu mais querido e fiel camarada de armas, ia a casa do Visconde de S. Valentim, pae de D. Julia Lopes, agradecer á escriptora uns trabalhos enviados áquelle periodico. Convidou Filinto a acompanhá-lo, nessa visita da *Semana* á sua preciosa colaboradora. Filinto foi. Conversou-se de mil coisas, havia outras senhoras em casa, os rapazes fizeram espirito, o Visconde sorria a toda essa litteratura e a toda essa mocidade... E, assim, como as coisas mais simples do mundo, nasceu o amor e se fir-

mou para sempre, absoluta e suprema, a concordancia.

E como elles concordam, como elles se entendem, mesmo nas coisas em que inteiramente divergem e se separam! Assim, pode muito bem succeder que o autor que, a elle, o fanatize, mal lhe mereça, a ella, uma vaga consideração. Idéas trocadas, opiniões defendidas — e, ao cabo dum momento de discussão, cada qual cede ao outro o direito que, aliás lhe não poderia negar, de admirar ou desprezar. Mas a grande prova dessa harmonia de sentimentos, feita, ás vezes, dos sentimentos mais desencontrados, está neste caso, unico talvez em duas creaturas tão superiores: Ella é religiosa, elle é atheu; nos romances da esposa, a idéa de Deus apparece não raro, como um conforto, ou uma esperanza, ou uma resignação; nos versos do esposo, só se falla em Deus, ao cabo

dum soneto lançado ao papel numa hora de desespero

*Só me peza não crer que Deus exista  
Para poder odial-o, com razão!*

Tão flagrante divergencia provocaria de certo em espiritos menos bem-casados, uma constante rixa ou, pelo menos, um mutuo resentimento. Elles não pensam sequer em apurar

horrores e de crueldades. Não posso detestar Deus, detesto a religião, todas as religiões que atravez dos seculos teem causado as guerras, as devastações, os incendios, os supplicios, as matanças em massa, toda a sorte de atrocidades a que os homens, reduzidos á condição de bestas-féras cegas e dementes, se entregam no seu desgraçado fanatismo. Ainda agora, na Russia, vinte e cinco mil creaturas trucidadas, retalha-



FILINTO D'ALMEIDA

esse assumpto melindroso. Quando, a meio da palestra, Filinto solta uma phrase irreverente e os amigos da casa riem, D. Julia ri tambem, gosando muito naturalmente o exito da phrase; e quando elle encontra nas novellas da esposa a intervenção divina, a dar maior encanto a um lance, a illuminar mais vivamente uma paixão, applaude o trecho, espontanea e sinceramente. Emfim, quem melhor exprime a subtil harmonia desse antagonismo, é elle proprio, Filinto, que uma vez me surprehendeu, a meio dum cavaco encantador, com esta tirada decisiva:

— Ella é religiosa por uma questão de bondade; eu tambem por simples questão de bondade é que sou atheu. Ella comprehende em Deus todo os amores e todas as graças que tornam mais feliz a humanidade; eu, se acreditasse nelle, attribuir-lhe-ia um sem numero de

das, pizadas a pés, entre os uivos e ganidos da multidão allucinada. . . Por que? Religião. Ah, não, meu caro! Nunca os homens serão verdadeiramente bons uns para os outros, nunca se congregarão numa fraternidade perfeita, emquanto no mundo houver religiões!

Entretanto, se na terra existe um lar bem-fadado, uma casa sobre a qual pareça que Deus deixou cahir a sua melhor benção, é a desse atheu que pertence á peor cathegoria dos atheus, a dos atheus reflectidos, placidos, a frio. Sim, elle é um protegido das Alturas; e toda a casa se illumina dessa magnifica protecção. Entra a gente nella e sente o jubilo intimo, a paz e o consôlo dum refugio bemdito. Alli, aprende-se a viver; alli, tomam-se lições de felicidade. Elle e a esposa vivem numa reciproca adoração; consideram-se tão feitos um



VARANDA DA FRENTE DA VIVENDA DOS ESCRIPTORES

*Da esquerda para a direita: Albano, Affonso, D. Julia Lopes d'Almeida, Margarida, Filinto d'Ameida, Lucia e Visconde de São Valentim*

para o outro, tão unidos um ao outro. . Eu ia empregar uma imagem infeliz. Filinto resume e define tudo nesta quadra admiravel de sentido e de fórma:

*As nossas almas já  
Sé uniram de tal sorte  
Que nem mesmo a propria morte  
Nol-as desunirá*

A casa deliciosa fica a meio morro de Santa Thereza, bastante perto da cidade para se subir até lá em dez minutos de bonde electrico, bastante longe da cidade para a dominar inteiramente, sobre um grandioso panorama que abrange todo o centro urbano, as praças, os jardins, os caes e, no fundo a perder de vista, o mar. Elles alimentaram, como Balzac, e durante muitos annos, essa aspiração de mandar fazer uma casa sua, segundo o seu gosto, conforme as suas noções de esthetica e de conforto. Simplesmente, não lhe deram o risco, á imitação do genio da *Comedia Humana*; limitaram-se a explicar o seu desejo a um architecto e a passar por lá de vez em quando, a namorar o ninho em construção e a pregosar a linda existencia que alli dentro lhes ia correr, estavel e segura, cheia de serenidade. O architecto, real-

mente, fez um brinco: paredes graciosas, largas janellas, respirando por todos os lados o ar fresco das alturas, e em tudo a simplicidade e o aconchego que convidam ao trabalho e dão ás horas de descanso um regalo mais penetrante. Quando elles se installaram houve uma festa; cada amigo plantou uma arvore no terreiro, para que mais tarde o seu bem querer estendesse sobre a casa a frescura das vivas recordações e o perfume dos affectos duradouros; e já ao lado se alinhavam, encosta acima, os taludes dum jardim que hoje se cobre de margaridas e\* chrysanthemos, rosas de Alexandria e rosas Paul Neyron, dando a quem passa na estrada a idéa gentil duma escadaria de flores, um amphitheatro da Primavera!

E não se sabe bem quem trata daquelles can-teiros, quem dispensa tal carinho áquella terra exuberante; porque Filinto passa o dia na sua secção da Sul America, companhia de seguros; D. Julia reparte as horas com a mais escrupulosa exactidão entre os livros e os filhos—e não ha, na casa, jardineiro. Esse é outro milagre que só elles, elles só, poderiam explicar. O marido vem de manhã para a cidade, ella fica, rodeada do seu rancho. São quatro: o Affonso, dezeseite annos, acaba os seus preparatorios

para se matricular em Direito: o Albano e a Margarida estão a aprender francez; a Lucia, a mais nova, de cinco annos, começa a penetrar os segredos formidaveis do alphabeto; e todos fazem versos! D. Julia, depois de lhes dar almoço e de despachar o Affonso para as suas aulas, vendo chegada a hora de escrever a chronica para *O Paiz*, ou de ajuntar um capitulo ao romance que o editor reclama, diz-lhes, muito séria e doce:

— Filhinhos, agora vão lá para dentro, brincar com os seus bonecos e deixem-me um momento, com os meus.

E foi assim, dizendo aos filhos que ia brincar com os seus bonecos, que ella escreveu, além dos dois livros de que atraz fallei e passam por ser os mais valiosos documentos do seu talento de romancista, a *Viuva Simões* e as *Memorias de Martha*, novellas duma psychologia feminina ao mesmo tempo delicada e forte, cheia de graça e cheia de verdade; o *Livro das Noivas*, escola peregrina de esposas e de mães; a *Ancia Eterna*, contos que, na factura larga e exacta, lembrariam Maupassant se os não ameigasse um sabor poetico tão individual; os *Contos Infantis*, de colaboração com sua irmã, a poetiza D. Adelina Lopes Vieira; a *Casa Verde*, de colaboração com Filinto; a *Intrusa*, que deliciou os leitores do *Jornal do Commercio* e ainda outros livros, outros, que alcançaram, em quadra de tamanha indifferença literaria, duas e tres edições, e nos quaes todos os intellectuaes reconhecem uma arte original, soberana, inconfundivel.

Dizia-vos eu, porém, que todos os seus filhos fazem versos. Sim, todos. O Affonso começou a poetar a serio o anno passado, por causa das suas lições de historia. Lutando com uma memoria rebelde a nomes e datas, querendo fixar dum modo mais ou menos duradouro epochas, regiões, grandes factos e grandes personagens, recorreu ao systema — que para elle vinha a ser o mais simples — de reduzir tudo isso a sonetos. Esses versos, elle os escondia do pae, está claro, não só porque era seu pae como tambem porque os fazia, muito melhores. A mim,

porém, velho amigo de doze annos, mostrou-me alguns e, entre elles, este, de rimas tão selectas e metrica tão elegante:

### Nubia .

*Khartum dormita a sêsta diurna, quando  
A luz e a ardencia do alto o sol distila,  
E com a luz e o calor, uma tranquillã  
Somnolencia por tudo paira, ondeando.*

*De cada grão de areia que scintilla  
Vem o calor em chispas emanando.  
E, as entreabertas palpebras passando,  
Este fulgor offusca-me a pupilla.*

*Pelo ar, aspiro a custo, nem uma ave  
Deslisa, e as azas tremulas espalma,  
Singrando o ceu azul num vôo suave...*

*Apenas vejo, junto ao rio, calma.  
Uma cegonha olhando as aguas, grave,  
Como o tedio sem fim que tenho n'alma.*

Esse «tedio sem fim» num rapazelho de dezeseis annos é, seguramente o que ha de mais literario; mas o processo de estudar historia nada fica a dever, entendo eu, ás mnemonicas do meu professor de Coimbra Doutor Sousa Gomes. Não haveis de julgar agora que o Albano, de nove annos, tambem componha sonetos historicos... Não, o Albano rasteja ainda



A CASA DOS ESCRIPTORES, VISTA DA ESTRADA

pela quadrinha modesta e pelas parelhas de septissyllabos. O anno passado, estando o irmão no goso de ferias ahi para uma dessas montanhas, mandou-lhe o Albano uma carta de não sei quantas folhas, que começava assim:

negros a brilhar de intelligencia e de faceirice. — São eguaes!

Sahida que lhe valeu uma chuva de beijos na bochecha morena e mimosa que para outra coisa parece não ter vindo ao mundo. Porque



A SALA-GABINETE DE TRABALHO DOS ESCRITORES

*O Bento já está um homem,  
Affonso, não imaginas!  
Tamanho de um lobishomem...  
Parte amanhã para Minas.*

*O Bento está que não pode  
Co'aquella cara de bode;  
Foi hoje lá ao collegio,  
Com um cavaignac egregio!*

Da Margarida, não consegui apanhar um original; até da mãe os esconde, a incorrigivel violeta. Mas a Lucia, quando outro dia lhe perguntei se tambem se não entregava ás Musas, nas horas vagas do A B C, recitou muito vaidosa e prazenteira:

*O Bento já está um homem,  
Affonso, não imaginas!*

— Alto lá! Esses são do teu irmão.

— Não, respondeu ella, com os grandes olhos

ainda, além de tudo, os filhos deste casal ultraditoso, são lindos como os amores. O Affonso, não digo, que começa a deitar buço, a fazer-se homem e, por conseguinte, feio. Mas os outros tres, são tres corações. Os olhos desta Guida perturbariam o estylo do proprio Julio Diniz; o perfil deste Albano não tem rival em nenhum pastor da Arcadia; para esta Lucia, não encontraria Donizetti harmonias capazes e condignas. Bemaventurado amor, geração de perfeições...

— E não acreditas em Deus, bandido! exclamo contra a face sempre risonha e radiante do poeta da *Lyrice*.

— Perfeitamente, porque penso nos outros.

— Mas se és tão prodigiosamente feliz...

— Sim, mas não sou egoista!

Que creaturas, Senhor, que creaturas... Nem egoistas são!

João Luso.

# O CYSNE MORTO



A João Luzo

*Foi em Veneza, já na hora da partida.  
Sob um sol hybernal, d'uma luz dolorida,  
Que os marmores doirava ao rosto dos palacios  
E os invertia na agua em bellos tons violaceos,  
Roseos, verdes, azues, multicores, cambiantes,  
Como se de crystaes e pedras rutilantes  
Fossem, assentes sobre estacas alinhadas,  
No fundo da agua, em lodo, ha seculos cravadas, —  
Nós o Grande Canal subiamos, tristonhos  
Por deixarmos de vez a cidadè dos sonhos,  
A cidade do amor, do mysterio e da graça,  
Que em voluptias de amante o Adriatico abraça.  
Seguia o vaporeto abrindo as aguas frias,  
Entre curvos perfis de gondolas sombrias.  
Ficavam para traz o molhe da Piazzeta,  
De San Giorgio Maggiore a minusculà ilheta,  
As columnas de pedra em caprichoso estylo :  
São Theodoro, de pé sobre o seu crocodillo ;  
O chimerico Leão alado de São Marcos ;  
A Giudecca, a Dogana, os mastareus dos barcos  
Duplicados á luz nas aguas da laguna ;  
E sobre a massa igual das casas, a columna  
Quadrangular, furando o azul, do Campanario,  
A cujo cimo, diz-se, o Corso temerario  
Certo dia subiu a cavallo . . . Saudoso,  
O nosso olhar gosava o derradeiro goso :  
A Basilica immensa, o templo bysantino*

*Onde brilha o Ticiano e fulge o Sansovino ;  
 Templo menos de Deus que da Arte, alta gloria  
 Da Renascença, flor que dá perfume á Historia  
 E o espirito transporta ao esplendor de outras eras  
 Em que o homem amava os Santos — e as chimeras.  
 O palacio Ducal sumia-se, esbatendo  
 Na doce luz da tarde o perfil estupendo,  
 O lavor do seu bloco em renda, o peristilo,  
 A alta fachada, a pompa do seu estylo. . .*

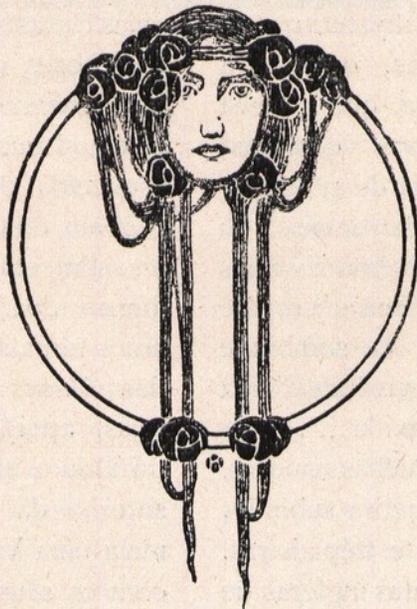
*Nisto, o barco parou proximo de Rialto,  
 E um puro Veneziano espadaúdo e alto  
 Entrou: No seu olhar lia-se o desconforto.  
 Trazia, pelos pés suspenso, um cysne morto.  
 Da ave esbelta e pomposa a brancura nitente  
 Resplandecia ao sol maravilhosamente.  
 Tinha as azas em leque abertas e espalmadas,  
 Como a querer voar para as aguas amadas ;  
 Do cándido pescoço a cabeça pendida  
 Perdera a ondulação palpitante da vida. . .  
 No entanto, quem o via, ainda assim magestoso,  
 Imaginava ir ter o imaginario goso  
 De vê-lo ainda reerguer o alvo collo altaneiro,  
 Para alli desferrir o canto derradeiro !*

*O' Veneza ! O' Ideal ! Arte, Musica ! O' Sonho,  
 Entre os que o Homem sonhou, mais bello e mais risonho !  
 Phantasia votada ao culto da Belleza ;  
 Ritual das fórmãs, Hymno á graça e á gentileza !  
 Como pôde o homem rudo, engolphado em mercancia,  
 Sobre a agua instavel crear a urbs da elegancia ;  
 Como pôde apprehender, com os ganhos do commercio,  
 Fundindo-os, os ideaes do arabico e do persio,  
 Linhas, côres, á India, e á Phenicia, e á Gallia,  
 Para erguer na laguna esta gloria da Italia ?  
 O tempo, para ti, devia ter parado,  
 Veneza, perpetuando, immovel, o passado,  
 Poupano-te á injuncção da insipidez moderna,  
 Conservando, á Cidade immutavel e eterna,*

*Os seus costumes, os seus Doges, a sua pompa . . .  
Debalde alongo o olhar, á espera de que irrompa  
Da curva de um canal, da esquina de uma ruella,  
Um mancebo gentil, de espada e de escarcella  
Sobre os calções de malha a tres côres vibrantes,  
Com chapins de fivella empedrada a diamantes,  
No busto o carmezim gibão de terciopello,  
Sobre os hombros fluctuando os anneis do cabelo  
Que no alto cinge a gorra encarnada e garrida  
Com o broche de rubins prendendo a pluma erguida.  
Debalde! Em vão contemplo ao longe as aguas turvas . . .  
Homens, que vão e vêm nas gondolas recurvas,  
Todos vestem de negro, ou de outra côr sombria,  
Sem um toque sequer de graça ou phantasia,  
Sem cabelo em anneis e sem gorra implumada,  
E têm por arma um junco ou um páo, em vez de espada!  
Ah! está findo o canal; fecho os olhos, absorto . . . .  
Adeus!*

*No caes ficou o homem com o cysne morto.*

FILINTO DE ALMEIDA





CAES DA RIBEIRA

# O PORTO VELHO

O Barredo, á noite

**N**A banalidade incaracteristica do Porto d'hoje, nenhum album d'aspectos mais evocativos para folhearem os amadores de Passado «que todos nós mais ou menos somos, litteratos ou pintores, sempre á cata d'impresões ineditas» do que esses velhos bairros marginaes, tão cheios de mysterio e de pittoresco, a horas mortas, quando a confusa casaria amontoada, que a treva amalgama em perspectivas confusas, evoca uma extranha Babel de prodigio, com torres, zimbórios, derrocadas de muralhas zebradas de phosphorescencias vagas de lampiões, uma êrma necropole espectral, feita de nevoa, de sombra e lua, amortalhada no silencio, vivendo d'uma outra vida de sonho e de lenda...

Massarellos, com assuas ruellas sinuosas, cortadas de escadas de pedra subindo, entre muros verdes d'heras e trépadeiras, para os arvorêdos das quintas inglezas de Villar e do Palacio de Crystal; com a

sua melancolica alamêda de choupos centenarios e as suas casinhas caiadas de cujas janellas os velhos capitães da marinha mercante, invalidos, vêm nostalgicamente deitar o oculo para a barra e contemplar com olhos d'exilados os navios que partem para essas longinquas viagens que nunca mais farão; — Miragaia, em cujas claras sylabas cantantes vibram echos das vozes mouras que Garrett eternisou no *Romanceiro*; com a sua *rua Escura* que Coelho Louzada dramatisou n'uma novella esquecida d'ha cincoenta annos, e onde o genio de Camillo deu vida áquella linda e sentimental costureira Augusta que Guilherme do Amaral amou de tão delirante amor romantico; com a sua lendaria Fonte das *Musas* e as suas casas de paredes sujas, apoidas em arcarias que as cheias do Douro invadem, em frente ao casarão soturno da Alfandega, e que trazem á ideia uma Veneza esfarrapada e mendiga, com os seus trapos a seccar nas varandas de pau; — a Ribeira, de dia tão animada

e sonora do fragor metalico dos carros de bois arrastando ferragens na calçada, com os seus caes de pedra echoantes do ruido continuo das cargas e descargas, do rangido aspero dos guindastes dos vapores, de todo esse paroxismo de vida labutante, de todo esse côro immenso de vozes roucas de barqueiros, de estivadores, de vendeiras de fructas e de peixe, e que á noite com as suas fachadas mudas, sobre os muros, suggere scenarios de drama historico, á beira da agua lenta a sumirse, com murmurijs somnambulios, soluços abafados de falla-só errante, na escuridão...

aos galgões, pelos socalcos abruptos da collina.

Encravado na cidade nova, isolado dos centros da actividade e da vida mercantil, grande parte da população apenas conhece o Barrêdo por tradição, e nunca de certo lá passou. Como uma purulenta chaga, que uma mascara esconde, esse bairro é um cancro de miseria no corpo branco da cidade.

Nas velhas pedras das suas immundas viélas, gastas por gerações de pés descalços, jamais a Caridade elegante aventurou o sapatinho branco de setim, com

receio porventura de o perder — não como a linda Cendrillon do conto, entre as flores d'um jardim real — mas no lixo e na lama dos monturos.

Lisboa tem a Mouraria e Alfama.

O Porto tem o Barrêdo, mais pitoresco, porque é mais sinistro.

Habitado quasi exclusivamente por barqueiros, trabalhadores dos caes, mendigos, marinheiros, carrejões, gatunos, cegos do fado e vendilhões ambu-

lantes, por toda essa ralé obscura das cidades que muitas vezes passa de sol a sol á procura do trabalho, do roubo, ou da esmola, sem conseguir nem uma coisa nem outra, e que, vinda a noite, onde quer se deita para dormir esse somno da fome no da miseria, que é o somno mortal dos vivos.

É sobretudo a deshoras, quando a vida pára e a Sombra, como um nevoeiro negro, phantasmagorisa e transfigura as coisas, que esse trecho absconso da cidade



CAES DE MASSARELLOS

Mas entre todos esses aspectos, o que mais impressiva suggestão de pittoresco grava, é o d'esse velho burgo medieval do Barrêdo, que da Sé e do Paço do Bispo, alcandorado lá no alto, como a macissa e orgulhosa fortaleza da Fé, desce d'escantilhão até ao rio, com cazarões denegridos, ruellas invias, telhados lezardentos, escadarias — evocando, no seu bizarro agglomeramento, a imagem d'um tropel andrajoso de mendigos que uma vertigem de panico, allucinadamente, precipitasse

reveste para o artista ou para o noctambulo o dramatico aspecto d'algun d'aquelles scenarios medievaes, tão extranhamente povoados pela phantasia genial do velho Hugo, e que Goya escolhia para fundo das suas macabras silhuetas de enforcados e de bruxas.

Ahi vão as notas colhidas uma noite, á hora romantica e lendaria em que os ventres dormem e as almas sonham . . .

\*

\* \*

Logo a impressão singular dos caes que do lado do rio dão ingresso no Barrêdo

pelos buracos negros das arcarias cavadas no velho muro da Ribeira, tem qualquer



BARREDO

lico de vidraça fulgindo n'alguma fachada, junto ao rio.

coisa de mysteriosa-mente inquietante, no silencio concavo da noite, á beira da agua enigmatica e opaca do rio, todo broslado de reflexos — como pinceladas d'oiron'ma *mancha* de nankim.

Noite de bruma, com aparições phantasticas de lua, a espaços, como n'um ceu de ballada . . . Para a outra banda, enigmaticamente, a nevoa esbate em perspectivas longinquoas a casaria de Gaia, toda salpicada de luzes, de zig-zags de candieiros, pespontando os angulos das ruas, e com um ou outro reflexo meta-

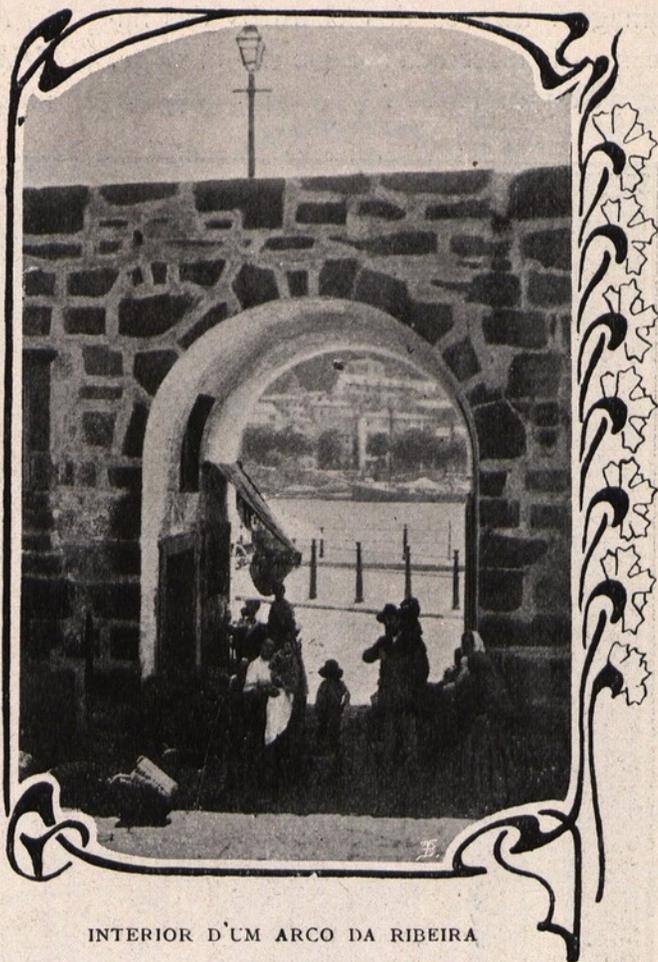


ALAMEDA DE MASSARELLOS

No ultimo plano, corcovas de colinas, e pantanos de tinta, para além, negras solidões com latidos de cães, abysmos de treva que só de longe a longe vagos luzeiros crivam — como lanternas perdidas á noite, n'um monte.

No ceu amadornado na bruma que os faroes dos navios pontuam de estrellamentos de fogo, n'este momento, a lua esconde-se e tudo se adensa e abisma n'uma atropelada indecisão de formas, n'um vertiginoso cahos de tinta-neutra, n'uma lugubre caligem grávida de monstros e d'espectros, como um *craião* nocturno de Raffet.

Espanto, mudez das sombras!... As arvores do caes têm contracções suspensas de mendigos enforcados. Lá no alto, os candieiros da ponte lembram o tremeluzir de cirios d'um prestito de fantasmas suspenso no vacuo. E duas estrellas que de repente rebrilham e desaparecem de novo, sob uma nuvem que passa, dir-se-iam, nos seus halos arroxeados, olhos tristes



INTERIOR D'UM ARCO DA RIBEIRA

com olheiras de chorar — por que irreparáveis tristezas!

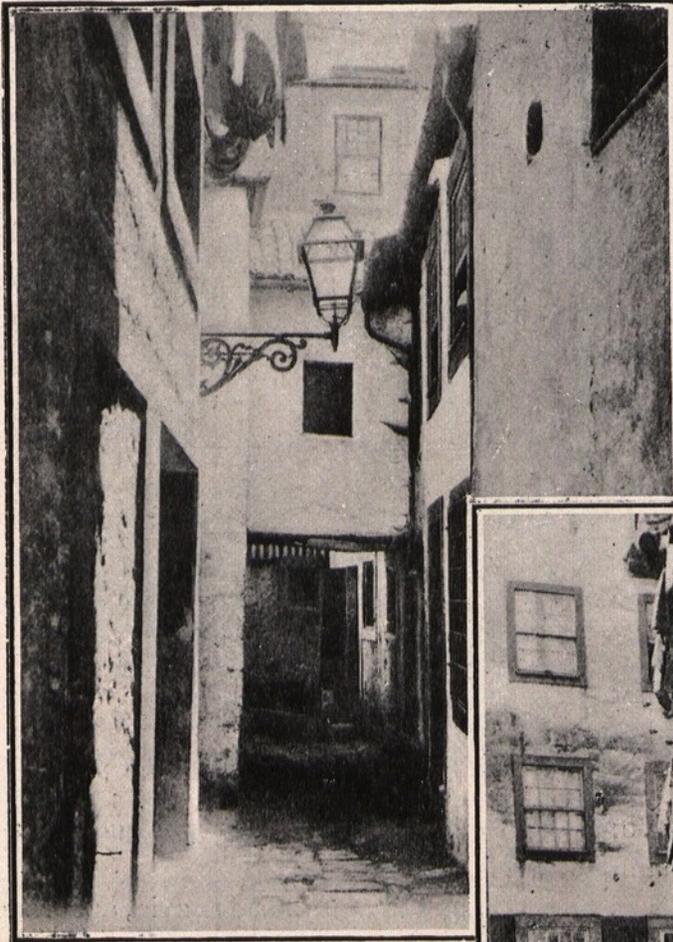
D'alguma amurada de navio, ancorado no rio, uma dolorida e barbara toada de marinheiro evola-se na noite — canto de nostalgia e de exílio, canto d'amor atravez dos mares, quem sabe! . . . por alguma loura fiandeira d'Irlanda, áquella hora talvez fitando os olhos n'essas duas estrellas, a sonhar no noivo errante. . .

E subitamente, lá no alto, uma suave e fluida brancura irradia, n'um reflexo da lua que volta da sua



LARGO DA LADA

romagem através dos claustros das nuvens — da macerada lua que emfim surge, monja do infinito . . .



TRECHO DA RUA ARMENIA

\*

\* \* \*

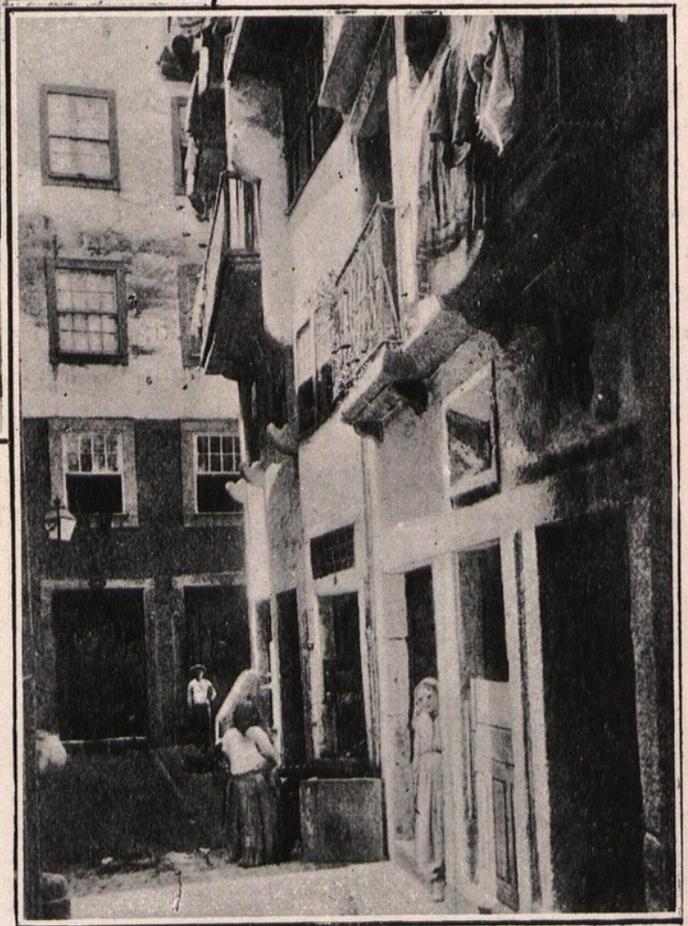
Lentas badaladas n'uma Egreja, não sei qual.

Entro por um dos arcos, onde, bruxoleando, uma luzinha d'azeite arde e reza pelas *Alminhas da Ponte*, sobre o seu painel ingenuo, pregado no muro.

E detenho-me bruscamente, no espanto d'esse primeiro quadro que os meus olhos deparam, n'esta Galeria extranha da luz e da sombra em que a Noite, aguafortista singular, expõe as suas obras d'arte incomparáveis.

À roda d'esse huguesco *Pateo dos Milagres*, que o lapis moderno de Raffaelli illustrasse — tascas, locandas subterraneas, tenebrosas alfurjas sob arcarias em tunel, tócas abertas rente ao chão, nas paredes negras, com fogachos avermelhados de candeias, lá ao fundo, como rasgões de chamma n'uma cerração de fumo.

Esqueletos de megeras despendeadas, enrrodilhadas em trapos, pelas portas, frigem peixe em fogareiros onde as brazas chispam, sob as certãs, em espirros de lume.



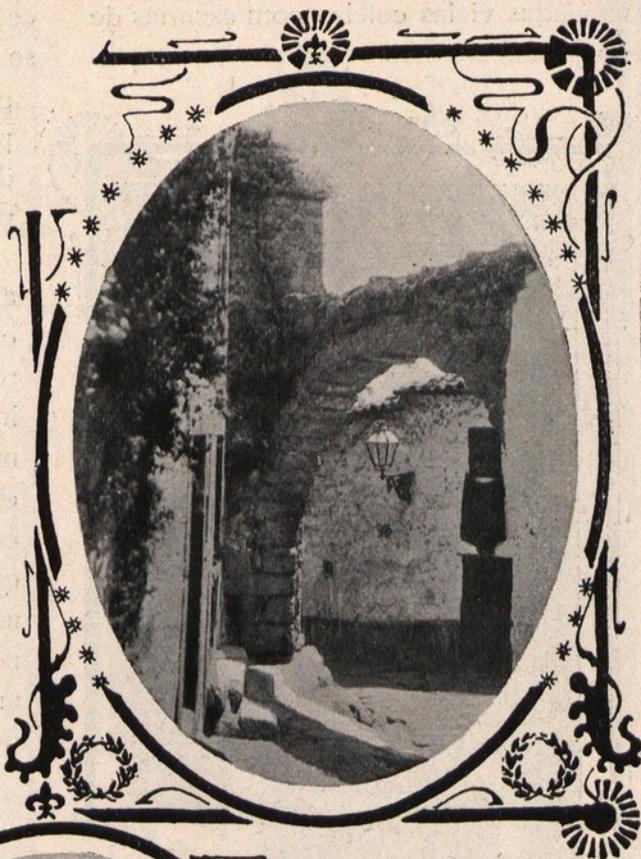
BARREDO

Zanguizarra de guitarras . . . Vozes roucas de gatunos soluçam as tristezas do *fado*. E vultos indistinctos, perfis fetaes,

lidas figuras, rictus rapaces de bebados e jogadores, que o reflexo ruivo das luzes aviva, em torno ás mezas, agitam-se lá dentro, formigando, com gesticulações aduncas — turbilhão amorfo de sombras, na fumaceira acre d'essas cavernosas tavernas, que recordam as télas nocturnas de Teniers, o pintor flamengo dos «interiores» populares.

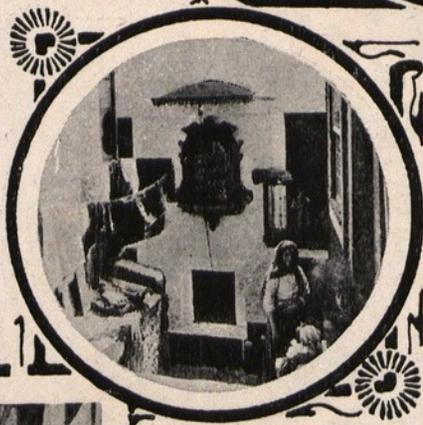
Metto ao acaso, pela garganta d'uma ruella esconsa, que não sei onde vae dar. Ninguém, áquella hora, no antro do escuro bairro cheio de silencio e d'agouro. Uma lobrega escuridão d'enxovia suando crime, reçumando podridão, e onde a espaços, sómente, a chamma vacilante d'um lampeão chumbado a uma esquina accende nas orbitas negras dos charcos vivos reverbéros de pupilas d'oiro.

A cada passo, mysteriosos beccos encruzilham-se, estreitas quelhas surdem, onde a treva se engolfa, como em guélas de cavernas, cochichantes de ciladas. E por todos os lados, portaes profundos,



ARCO DAS VERDADES

pateos humidos, sinuagens sinistras, pavorosas sombras, angulos bruscos, recessos, esgotos, degraus d'escadinholas de pedra galgando e sumindo-se entre muros, lá no alto, sob a curva arabe d'um arco



ORATORIO DE NOSSA SENHORA DA FORTUNA em ferradura.

Imprevistos detalhes, subito, retém o olhar: columnelos, gelozias em ogiva, cunhaes com restos de escudos heraldicos, cornijas rendilhadas, uma torrêla em ruinas a uma esquina, ainda a refilar duas a-meias, como dois dentes cariados de mastim — singulares retalhos da primitiva architectura mourisca, esquecidos pelo Passado n'aquelle medieval burgo assolado pelos incendios e motins de tantos seculos tumultuarios.



ENTRADA DA RUA ARMENIA

Como n'um pezadêlo, o dédalo das estranguladas vielas coleia, com escorias de despejos infectos sobre pedras viscosas, ta-

entrever, lá cima, um retalho vago de ceu, entre os beirões em zig-zag — como se até a visão d'ouro dos astros fosse negada áquelles poços de trevas, e a propria lua tivesse medo de macular a cauda do seu manto de seda e prata nas pedras sordidas d'aquelle bairro da Ralé.

Bom Deus! Como é possível viver allí dentro! E ha creancitas que nascem e morrem n'aquella escuridão, sem terem visto a luz do sol, a luz doirada, a luz divina e livre; virgens, aleijados monstros, cujos olhos jamais poderam extasiar-se, a sorrir d'encanto, no lindo ceu-estrellado, quando amavam, ou quando soffriam; velinhos paralyticos, ao pé da cova, que na hora derradeira nem sequer terão uma restea de sol a ungil-os, lá do alto, como uma benção de Christo, misericordioso!

Roidos pelo tempo, como por chagas de lepra, ha quantos annos a chuva deliu a cal d'esses lezardentos muros que abrigaram gerações e gerações de parias?...



TRAVESSA DA RUA ARMENIA

los de couve, escamas de peixe, detricos sordidos em que os pés escoregam.

E bandos de gatos, ao ruido dos meus passos, pulam, somem-se em escoamentos surdos, com as pupilas verdes phosphorando, como fogos-fatuos, á boca das sargetas.

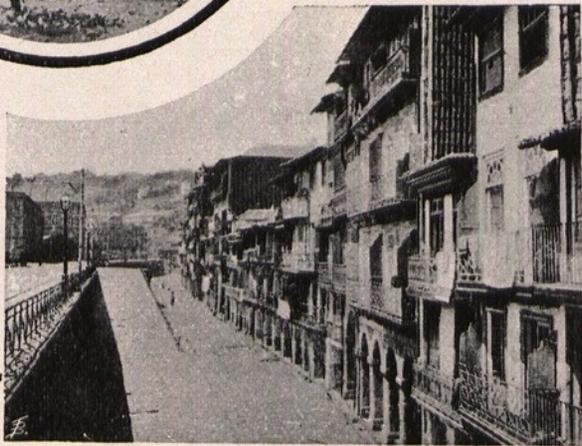
\*

\* \*

Desmesurados, subindo na sombra em perspectivas de scenografia tragica, os decrepitos predios sepulcraes mal deixam



RUA DA LADA

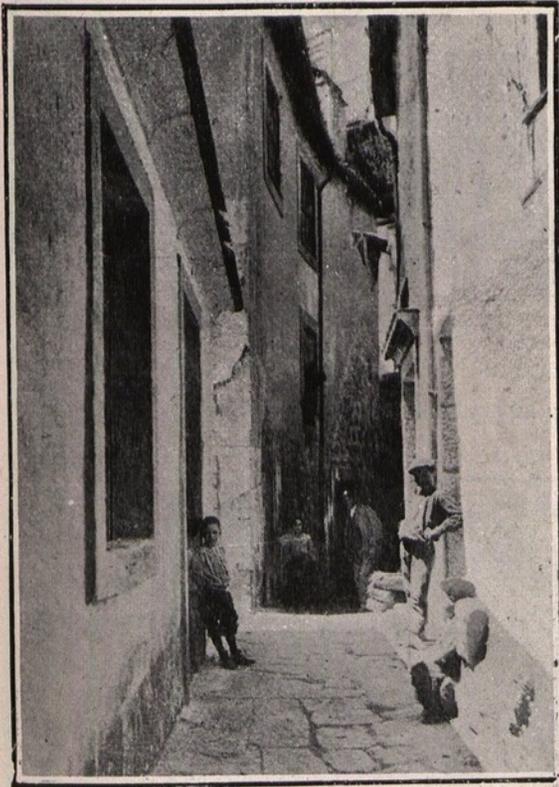


RUA DE MIRAGAYA

Alguns, em ruínas, amesendendo os monstruosos ventres gravidos das paredes, esburacados de janellas sem vidros, como rasgões n'uma saia, dir-se-iam enormes bruxas acoradas, a cocar quem passa, com o clarão d'um postigo de mansarda a luzir o negrume, como um olho vesgo e sangrento.

Pelas varandas de pau, o vento agita farrapos a enxugar, brancuras lividas de lençoes — talvez para mortalhas. . .

Sob um alpendre de pedra, a uma es-



RUA DE S. FRANCISCO DE BORJA

quina, ha uma lanterna de ferro, suspensa da corrente, a balouçar deante d'um nicho.

E, no brusco reflexo d'essa luz, a sangrar e a estrebuchar na sombra equivocada d'uma viéla, nada mais estranho do que a sinistra escultura d'esse Christo, — que é porventura a obra prima genial d'algum ignorado artista d'outras éras.

Tragicamente nú, como um cadaver d'afogado, esse mirrado corpo esquelético



TRAVESSA DE SANT'ANNA

d'operario, a abrir os magros braços-estorcidos no martyrio patibular da sua cruz de condemnado, é bem o Christo augusto e doloroso dos humildes.

Ao fundo do nicho, em volta do sopé da cruz, a luzinha humilde da lanterna



RUA DA LADA

bate nos cacos azues de duas jarras partidas, com raminhos de flores seccas como trapos.

Que tremulas mãos piedosas de noiva ou de mãe (lia quanto tempo!...) alli



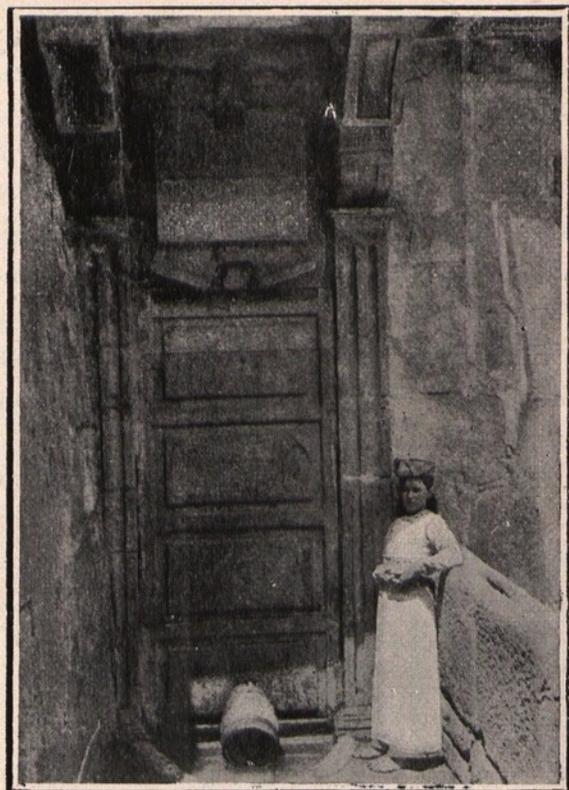
ARCO DA RIBEIRA

depuzeram aquellas pobres flores votivas na esperança d'algum miraculoso sonho, que tão cedo murchou, Senhor! como ellas murcharam...

\*

\* \*

Ha de ser tarde. Ha muito que não

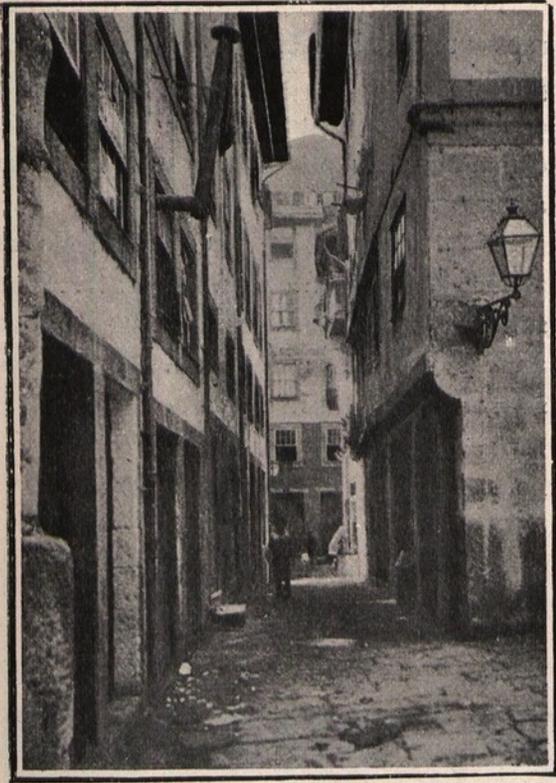


FONTE DA CGLHER

ouço as horas, como se as arterias do tempo se paralisassem nos relgios das ergejas.



LARGO DA PENA VENTOSA



BARREDO

Um silencio panico de necropole pesa sobre o bairro deserto. E só, embalando um berço — ó! ó! . . . uma voz de mulher, arrastada e triste, véla ainda n'uma mansarda, á espera do homem que está na taberna, ou na cadeia, talvez. . .

A espaços, o vento silva de atravez das encruzilhadas e das ruélas do bairro mudo, a longinqua voz do vento a uivar pela noite — tal um cantochão funerario, miserere rouco em que se juntassem as imprecações, os soluços e os gemidos de todas as agonias dos desherdados que se estorcem e ras-tejam na tenebrosa selva do mundo.

E eis que um grito, de subito, me faz parar, n'um calafrio. . . um lancinante grito que dir-se-ia romper, estrangulado, do proprio coração da Noite. Mas de novo volta, já em gemidos, balbuciando e rogando — com esse accento inolvidavel que só tem a voz das mulheres, nas dores sagradas da maternidade.

E a minha piedade, por essas lobregas alfurjas, evoca-vos, franzinas esposas, bem ditas Maters-dolorosas, ó obscuras Santas ignoradas da Miseria e da Desgraça!

Pobres creaturas raquiticas e mirradas, já de filhos ao colo na idade em que as outras brincam ainda com bonecas; ó anemicas raparigas resignadas, a chorar e a espremer os peitos sem leite, os resequidos peitos que só deitam sangue.

Os vossos noivados foram os noivados das ruas, semelhantes aos das aves errantes, nos beirae. Na vossa precoce nubilidadade descorada e gracil d'andorinhas, jámais a doçura d'um deslumbrado e amoroso sonho de ventura vos ungiu de luar as almas; nos vossos corações que as lagrimas corrosivas da desgraça esterilizarão, logo na infancia, jámais a



LARGO DOS GRILLOS

candida e miraculosa flôr do amor primeiro chegou a desabrochar, para vos perfumar a vida e para vos recordar o ceu, ó dolorosas!

Noivas felizes, virgens ainda, em breve esposas: vós todas, ó suaves mulheres que trazeis no peito, como n'um relicario de pureza, a doce quimera de conceber um filho — esse adoravel milagre humano que é o mais nobre e sublime destino da vossa natureza divina!

(Clichés Arnaldo Soares)

Por esses bairros negros de que ignoraes até a existencia, quantas outras, erguendo os olhos para aquella suprema esperanza dos tristes que lá no alto mora, clamarão talvez por entre os soluços, ao dar á luz o fructo do seu ventre:

— O' bemdita Mãe do Ceu, para que dás a dor d'um filho á minha miseria!... Para soffrer, para chorar lagrimas de sangue toda a vida! Oh! antes m'ó levasses, Mãe de misericordia!... antes m'ó levasses n'esta hora!

JUSTINO DE MONTALVÃO



ANGELUS

Quadro de Millet



# PHANTASIA EM SOL MAIOR

No Dr. Ignacio de L. Ribera Rovira,  
distinto escriptor catalão.



CABAVAMOS de ouvir Sarrazate no theatro: fomos passar o resto da noite em casa de Diogo Mendes. Diogo Mendes pegou na guitarra machinalmente e tornou a pol-a na mesa.

—Ias tocar?—perguntaram-lhe.

—Ia, mas fica para depois.

Diogo Mendes era um verdadeiro artista—um *virtuose* prodigioso, e, além d'isso, um improvisador de deliciosas phantasias, devaneios, cheios de graça, de finura, de sentimento. Debaixo dos dedos surgiam-lhe melodias encantadoras, profundamente nacionaes, vibrantes, voluptuosas e ao mesmo tempo scismadoras, d'onde elle passava para umas *tonadilhas* populares, inspiradas por uma outra musa, alegre, truanesca, como que dominadas por um côro de gargalhadas. Umas composições, todas ellas muito singulares, e impressionadoras, que lhe dariam nome entre os compositores mais originaes do nosso tempo... se elle as escrevesse! Já se vê que poderia tocar, mesmo depois de se ouvir o grande hespanhol.

—Não toco, mas vou-lhes contar uma *phantasia*—uma *phantasia*, em *sol-maior*! Sol grande—sol alto—sol de verão, em Cintra! Um *duetto*—eu e ella. Eu, que vocês conhecem—ella... que eu vi, que eu ameí, que... que eu não sei quem era.

—Alguma moira encantada—e que tu desencantaste...

—Não—não era moira, porque era italiana.

—Cantora?

—Não sei.

—Dançarina?

—Não sei.

—Então fidalga, princeza?

—Tambem não sei. O que sei é que é unica!

E aqui Diogo Mendes accentuou as palavras.

—Nunca vi, nem falei com outra assim!

—Então conta lá.

—Havia uma festa qualquer num logarejo ali ao pé. Eu, levado pela attracção das massas, metti-me num carro, e fui tambem, como os outros. Um espectáculo para os olhos—mais nada. Aborreci-me e vinha de volta, a pé, saboreando o campo, a paizagem. Como eu outros, muitos—tinham tambem experimentado o mesmo sentimento de saciedade, e eu achei-me com um buliçoso e alegre acompanhamento, onde se destacavam vozes de todos os timbres e procedencias! Um grande vapor de recreio trouxera a Lisboa aquella invasão de gentes moças, alegres, d'essa feliz parte da humanidade, que se pode divertir... Eu caminhava, como embalado pela harmonia discordante e original d'aquelle côro. De repente reparei que alguém me vinha seguindo muito de perto. Voltei-me.

Uns olhos, grandes como uns soes, fulgurantes, bons, vivos e alegres como a mocidade, foi o que eu vi—eram a guarda avançada. Depois uma figura alta, esbelta, elegantissimamente vestida, com uma toilette de campo de verdadeira artista. Tudo n'ella respirava fres-



— NÃO TOCO, MAS VOU-LHES CONTAR UMA PHANTASIA...

cura. Uma deslumbrante rapariga—uma conquistadora! Tudo isto eu vi—antes que ella me dissesse uma palavra, com a sua bocca carminada, que já se abria para mim num sorriso.

—*Perdonate, signore mio*—disse ella, fazendo um movimento, para tomar o logar á minha direita.

Deslumbrado pela expressão dos olhos e pela doçura argentina da voz, respondi-lhe em portuguez, como qualquer rustico:

—Perdoar o que... minha senhora?

Cuidei que a *diva* viesse acompanhada: vinha só... Foram-se affastando todos pela estrada, e nem um unico rosto se voltou para traz. Fomos caminhando sós os dois.

—*Siete portoghese?*

—*Si, io sono...*

—*Parlate portoghese, io parleró italiano*—disse-me ella, com o seu bello sorriso.

Singular creatura! Nada da *cabotine*, da aventureira. Fina no tom geral, nas expressões, falando com uma certa liberdade, ficava sempre no limite das mulheres que se respeitam. De quando em quando parava, fitava-me, e

então eu lia nos seus olhos, que ella pensava no que eu pensaria d'ella.

—Pela sua *toilette* julguei-o inglez—a gente encontra-os por toda a parte. Quando se voltou, vi que me tinha enganado, e que, se eu lhe falasse, ouviria a lingua de Camões. É um dos meus poetas.

—Alguma *institutrice*, em *villeggiatura* e á aventura—disse um dos ouvintes.

—Nada—não me tornou a falar no seu poeta.

O dia era um esplendor da criação, e os nossos olhos contemplavam o espectáculo das eternas grandezas! Uma cigarra cantava ao longe no silencio da paisagem.

—O que está pensando? O que pensa de mim?—e dizendo isto meteu-me o braço.

—A *signorina* comprehende bem que eu, neste momento, não penso, sinto! Estou encantado! *Je suis sous le charme!*...

—Lisonjeiro!... Tendes razão de amar o vosso paiz. [Esta terra, estas arvores, majestosas e elegantes, este sol...—Ouviu-se ao longe um sino.—*Oh! la cloche!*... *Cette cloche me fait penser à mon pays...*

—Onde é?

—*Venise!*—respondeu ella. E depois, como se falasse comsigo:

—Isto é muito bello, é encantador—é para poetas!

—E para...

—Para que?—perguntou ella, como acordando, e com um tom de viva curiosidade.

—Para amantes.

—Ah! sim... Eu sou muito alegre—não o direis vós depois—mas eu, neste momento, sinto-me tão feliz, que a serenidade da minha physionomia talvez vos pareça tristeza!—Talvez que seja assim a alegria dos anjos... Ha entre nós um veu, que não é transparente—o veu do desconhecido. Não me conheceis— e eu também não sei quem sois. Um encontro d'ocasião, este nosso—o encontro de duas mocidades. Sois solteiro? Eu sou livre. Mas os nossos rumos são differentes. Nunca mais nos veremos—mas eu nunca mais esquecerei este dia. Realisar um ideal, é caro; porém eu agora estou vendo, estou sentindo, que não é impossivel. Queria ver Portugal—Lisboa e a formosa Cintra, cantada por Byron, que esteve aqui, e queria ouvir falar a doce lingua, tão irmã da minha, e conversar com um portuguez... assim como vós sois.

E os olhos d'ella inundaram-me de luz, faiscante, deslumbradora! uma perdição, rapazes!—disse-nos Diogo Mendes—com os olhos no vago, como mergulhados num passado sorridente e saudoso.

—Pois eu quizera não vos ter encontrado!

—*Tragediante!* Ou *comediante?*— respondeu-me ella, pondo-se em pé, e passeando defronte de mim. Esqueceu-me dizer que nos tinhamos sentado á sombra d'um frondoso arvoredo. Estou a vel-a.

Eu nadava já em pleno romance. Aquelle era o primeiro capitulo.

Deixei-a em Sevilha. — Ahi nos separamos. Ella olhara, um dia, para um *diestro* de certo modo: reparei no olhar e encarei-a. Encarámos-nos. Ella ficou scismadora, e depois desatou a rir. Um rir nervoso.

—*Vous êtes trop fin!* — disse-me ella.

—*Mademoiselle, je m'en retourne. C'est le moment juste — l'idylle est finie.*

—*Au revoir donc, à Florence* — replicou ella. *Ne manquez pas.*

Trocámos dois beijos, e duas lagrimas... Tributo da fragil humanidade, quando nos despedimos d'estes dias, que passam rapidos, mas que nunca morrem na nossa memoria. Parenthesis divinos, que nós abrimos na vida, e que nunca mais esquecemos!...

Ha dias — continuou elle — recebi

uma carta pelo correio da Itallia — Florença. Uma carta singular, como tudo d'aquella rapariga. Vão ouvi-la:

«Caro amigo—Meu nunca esquecido portuguez.

«Vae ficar talvez lisonjeado com o que vae ler—se eu lhe fiz alguma impressão, e se o meu espirito, o meu gosto, a minha linha intellectual de artista, foi justamente comprehendida pelo seu fino espirito de meridional... Tenho saudades suas, quero vê-lo, quero ouvi-lo, quero sentil-o ao pé de mim...

«Venha, e-traga a sua guitarra—a sua voluptuosa e encantadora *charmeuse*. E, se não o offendo com esta lembrança—ha coisas que os grandes artistas nos dizem com os seus instrumentos—que elles pensam, que elles sentem, que elles sonham, que a lingua humana não traduzirá jamais! É o ineffavel encanto da musica, da melodia. Direis que para vós também chegou a hora do mas... Talvez a falta fosse minha... Quem sabe? Digo-lhe agora que venha—áquelle nunca, jámais o diria. Oh! nunca!—terá todas as virtudes, mas falta-lhe a comprehensão da arte: nunca me en-



— JE SUIS SOUS LE CHARME!...

tendeu! Apenas a plastica—um Adonis andaluz—uma folha do livro da vida hespanhola,—escripta d'um lado só—no outro não tinha nada. Eu estava talvez cançada, saciada de vibrações, da poesia intensa da nossa vida naquelles dias, que jámais esquecerei!... E nunca esquecerei o teu paiz, os seus monumentos, as suas paizagens, os seus montes, e as vastas planicies, com aquelles toiros, tão serenos ali, tão grandiosos e tão terriveis na *plaza*!... E como estava saciada, talvez por isso reparei nelle... Foi um *halto*, um compasso de espera, que passou depressa. Eu não sei se, no teu espirito, fiquei como um problema—um enigma—tu, no meu, ficaste sendo-o desde aquelle dia da despedida... E grande

enigma, que eu desejo, que eu quero profundar.

*Ritorna, ritorna!*

*Margarita».*

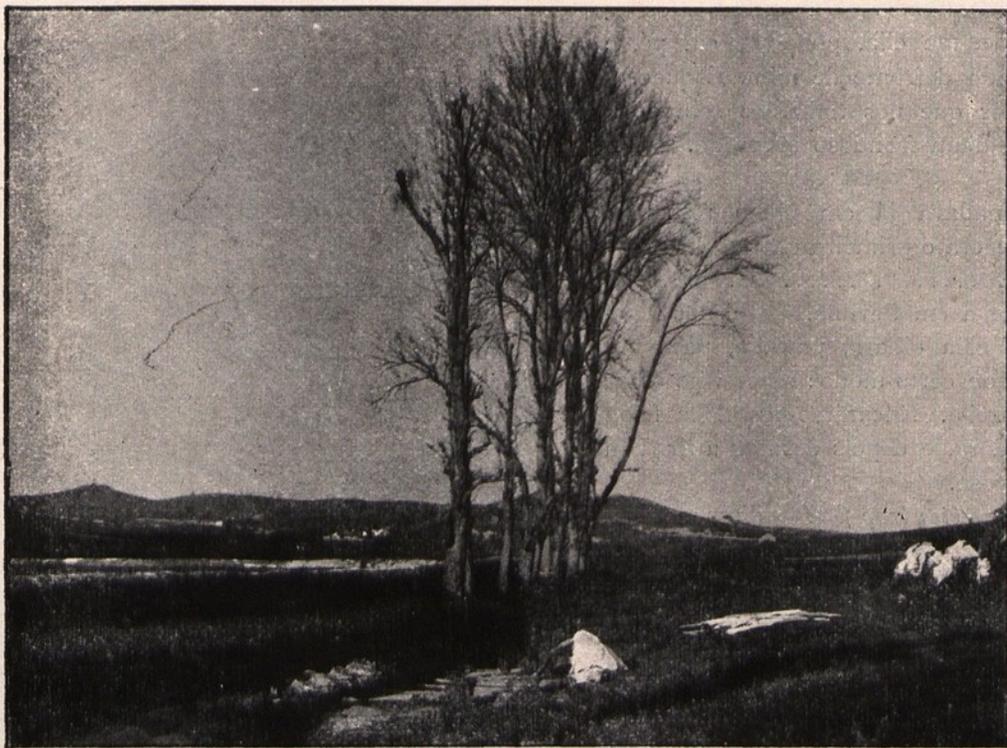
O convite—a ordem—é formal. Irei, ou não irei? *That is the question*—o enunciado é breve, e parece facil a resolução... Sel-o-ha para outros, para mim não o é. E quem sabe depois,—o terrivel depois, o amanhã d'um d'esses encontros, em que duas almas se chocam, como duas pilhas, carregadas de electricidade...

— *Hasta mañana* — e o nosso D. João. Te norio despediu-se, fazendo-nos, com a mão e a cabeça um gesto de duvida. Iria? Não iria?

31 de janeiro de 1906.

ZACHARIAS D'ANÇA.

## CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"—Menção honrosa



RIBEIRA DE ALGÉS

(Photographia do sr. Alfredo F. de Lemos)

# Phenomenos telepathicos

Occupa-se muito a sciencia de phenomenos psychicos, que se elevaram de exercicios de simples recreação á cathegoria de assumptos scientificos. Por todo o mundo civilisado se nota uma actividade excepcional no estudo d'essas mysteriosas regiões do espirito, que pela historia adeante se tem revelado em manifestações inexplicaveis dentro dos dominios da physica e da physiologia correntes.

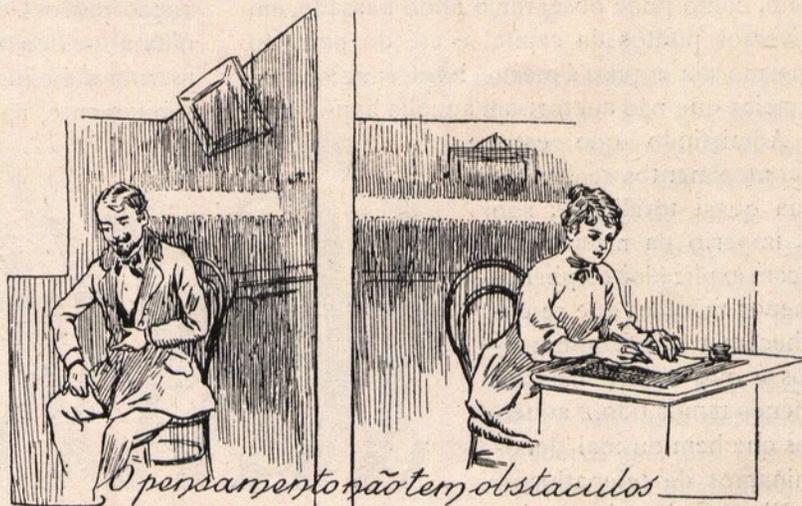
Um illustrado official do exercito, o sr. Cruz Andrade, que a estes estudos se tem dedicado, dá aos leitores dos **SERÕES** um interessante subsidio para se avaliar o estado a que a tal respeito chegou actualmente a sciencia. O seguinte artigo, primeiro de uma curiosa serie que o nosso distincto collaborador nos promette, estamos que despertará entre os nossos leitores um extraordinario interesse.

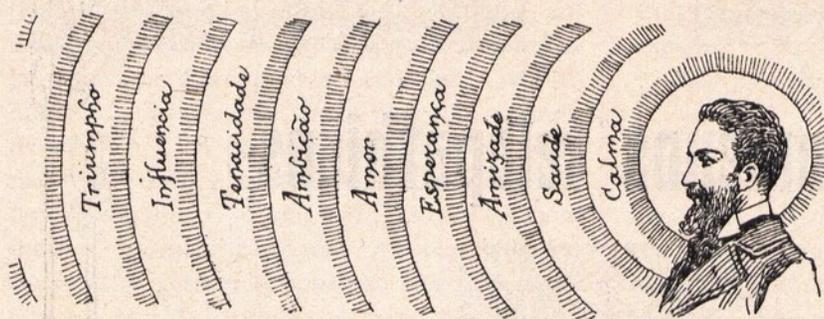


**M**ARCONI, o celebre inventor da telegraphia sem fios, diz que um som produz na atmosphaera uma vibração, como n'um lago a queda d'um corpo produz circulos concentricos, que se

propagam com mais ou menos relevo até ás margens, e que aquella vibração viaja com a rapidez da electricidade, fazendo sentir a sua presença a qualquer apparelho telegraphico em harmonia com o transmissor. O pensamento viaja da mesma maneira, de cérebro a cérebro, quando entre elles exista o que chamaremos *o mesmo tom de vibração*. Todavia, se é certo que o som pode ser interceptado por qualquer obstaculo d'ordem phisica, o pensamento jámais o pode ser; este não conhece barreiras, envolve o mundo e as suas

vibrações são recolhidas por todos os cérebros vibrando no mesmo tom. Isto é tão certo que quando uma idéa traz intensamente preoccupado um determinado individuo, raras vezes ou quasi nunca é o unico quem ella absorve. Haja em vista o que succedeu com Daguerre, quando procurava o meio de fixar as imagens por meio da luz, acompanhado n'esses estudos por homens de grande valor intellectual, sem que entre elles houvesse um consciente accordo; o que





FORÇA NEGATIVA

succede nas repartições que teem a seu cargo a concessão de patentes de invenção, onde, desde que um pedido é feito, para um invento de certa importancia, é logo seguido de centenaes da mesma natureza, o que demonstra o accordo mental inconsciente.

Entre nós deu-se ha annos este curioso phenomeno com o sr. Abel Botelho, que deu á publicidade um livro, cujo assumpto era tratado com grande semelhança de detalhes n'um outro que, pela mesma occasião, publicou o sr. Alberto Pinheiro, e bem me recorde. E mais notavel ainda o succedido com a «Missa Nova» do sr. Bento Faria e o «Novo Altar» do sr. Bento Mantua, duas peças de theatro, em verso, tratando o mesmo assumpto, figuras centraes perfeitamente semelhantes, terminando pela mesma fórma e quasi pelas mesmas palavras. Ora estes senhores nem se conheciam, comquanto morem em frente um do outro, quasi á mesma altura.

O phenomeno das correntes mentaes não pode pôr-se em duvida. Ha épocas em que os suicidios são em maior numero, assim como os crimes violentos, que é insensato attribuir á suggestão ou ás influencias climatéricas, por que muitos d'estes acontecimentos se produzem, como pude observar o anno passado, em diversos pontos da capital e até do paiz, no mesmo dia e quasi á mesma hora, em circumstancias que não auctorisam aquella hypothese.

Admittindo que estes acontecimentos se dão, na sua quasi totalidade, sob o imperio da mesma lei, ficam explicados os phenomenos mentaes que se conhecem por presentimentos e que todos, mais ou menos temos tido, e aquelles que bem ou mal denominamos de telepathicos.

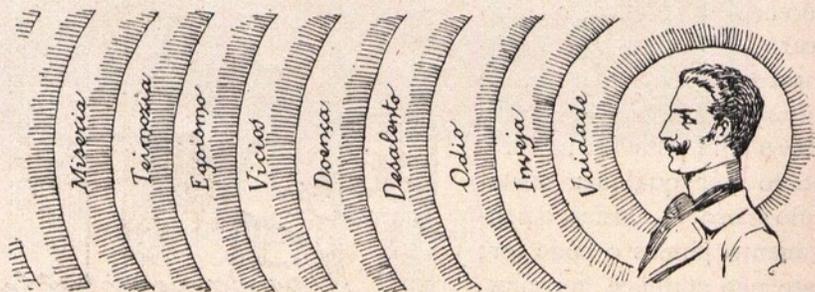
N'esta ordem de estudos

publicou o sabio norte-americano Segno, um livro em que pretende demonstrar as leis que regem a natureza d'aquelles phenomenos, livro que, apesar de simplista, é ainda o que conheço de melhor sobre o assumpto. Eis como elle define o *Mentalismo*, nome dado ao conjunto de phenomenos que teem

por séde o cérebro humano:

«A ação harmoniosa das trez faculdades mais poderosas da organização mental: a primeira é o *pensamento*, a segunda a *energia etherica* e a terceira a *vontade*. O pensamento é a intelligencia recolhida pelo cerebro, para uso do espirito, da parte das vibrações mentaes, errantes, em harmonia com elle. A energia etherica é a força gerada no cerebro pelo processo do pensamento, — é a força que faz viajar os pensamentos das cellulas cerebraes até ao seu destino. A vontade é a operadora que transmite e guia os pensamentos ás estações respectivas.»

A vontade pode, pois, transmittir um pensamento com a maxima clareza a qualquer cérebro, vibrando no mesmo tom. Com effeito teem-se obtido, voluntariamente, communições correctissimas entre individuos em perfeita harmonia mental distanciados de centenaes de kilometros. Esta harmonia mental, ou melhor, este tom de vibração, dá se entre individuos que se amem, como se pode dar entre os que se odeiam. Todos os individuos que mantenham com outros relações de estreita camaradagem e *sympathia*, podem adduzir, sobre este particular, centenas de casos de observação pessoal. A todos tem succedido pensar n'uma pessoa que se não vê ha annos, e mesmo até em quem ha annos se não pensa e, subitamente, apparecer essa pessoa. A todos



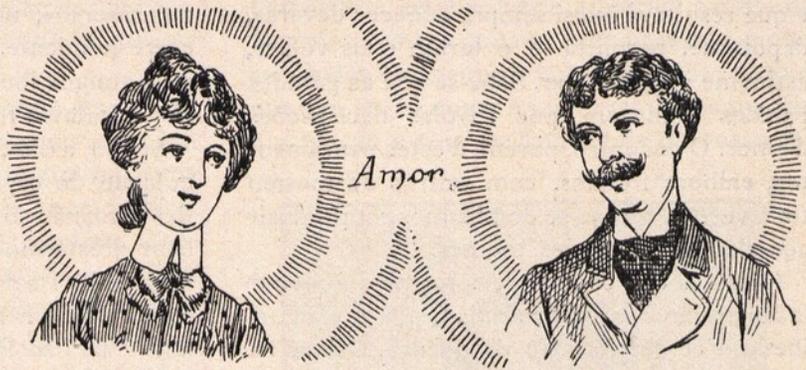
FORÇA ACTIVA

tem acontecido não falarem com um amigo intimo em determinado assumpto, de ha muito tempo, e n'um dado momento occorrer a ambos o mesmo pensamento. Conservo em meu poder cartas que respondem d'uma maneira indirecta a perguntas formuladas por mim, accidentalmente, em cartas escriptas no mesmo dia, por ventura á mesma hora, e mediando entre a minha pessoa e o meu correspondente uma distancia de muitas leguas. Estes casos são frequentes entre os gémeos e mais ainda, talvez, entre os surdos mudos.

Tive conhecimento do seguinte caso, que confirma a theoria sobre a produção do phenomeno telepathico :

Um individuo, cujo nome me é veiado dizer, tem uma irmã por quem é extremoso. Succede que esta senhora soffre de frequentes crises epylecticas; invariavelmente o irmão é atacado ao mesmo tempo de crise semelhante, e esta coincidencia data apenas de mezes. Para evitar o facto (um phenomeno de sympathia nervosa, como se vê) aconselhou a medicina a sua separação temporaria, indo ella para a provincia. Todavia as crises repetiram-se n'elle, vindo a averiguar-se que á mesma hora em que na provincia a irmã era accomettida.

Todos estes phenomenos são espontaneos e involuntarios e apezar d'isso d'uma notavel frequencia. Portanto, conhecida a lei, torna-se facil obter voluntariamente os mesmos phenomenos. Nenhum professor ignora que pode pela sua vontade auxiliar a memoria do alumno, sem empregar uma palavra, unicamente por manter no seu espirito o sentido da resposta.



VIBRAÇÃO DO MESMO TOM

A um dos meus amigos, o sr. Ribeiro de Seixas, alumno da Escola Medica do Porto e musico distincto, succedia muitas vezes começar a trautear uma canção que junto d'elle eu procurava recordar; isto sem consciencia por sua parte da minha preocupação. Quando lhe fiz a observação, respondeu-me que entre musicos é caso vulgar.

Vejamos, pois, como se pode desenvolver esta faculdade, que de resto implica o desenvolvimento d'outras, tornando-se, por isso, inapreciavel na vida moral e intellectual do homem :

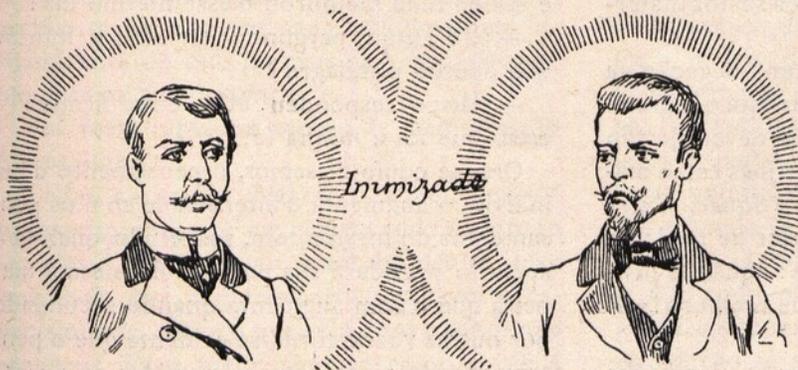
O pensamento é uma força, e esta é *activa*, se concorre para a edificação da humanidade, isto é, para o seu aperfeiçoamento moral e material, assim como a bondade, a intelligencia, o amor, a actividade, a ambição, a esperanza, a saude, etc.; *negativa*, se só augmenta os obstáculos áquella edificação e concorre para a destruição do bem estar geral, como, por exemplo, a malvadez, a vaidade, a doença, o egoismo, os vicios, a avareza, etc.

\*

\* \*

Os pensamentos de esperanza, de actividade, de saude ou de intelligencia, chamam a si os pensamentos do mesmo tom, engrandecem-se e auxiliam o triumpho de quem os possui; os de doença, de odio ou de inveja, attraem os da mesma natureza e o individuo que os tem está perdido.

Recordo-me que quando creança me fingia doente, para não ir á escola,



VIBRAÇÃO DO MESMO TOM

e que resultava quasi sempre adoecer devéras, depois de, permitta-se o termo mais vulgar, assim me suggestionar. Sabe-se que as grandes paixões começam por frivolas declarações d'amor. O encontro, porém, d'estes pensamentos, embora frouxos, com outros do mesmo tom, veem a tornar-se dominantes e a produzir aquellas perturbações moraes.

Ha mães que com os seus terrores á menor indisposição dos filhos acabam por implantar-lhes no cérebro a idéa da doença. Outras ha que os tornam intoleraveis, por estarem sempre a lançar-lhes em rosto todos os defeitos, com os seus peores nomes; se lhes exaltassem as qualidades, mesmo as imaginarias, acabariam por tornal-os docéis, bons e intelligentes.

Com pequenissimas excepções, todo o mal entra no corpo quando o espirito lhe abre as portas. Ora a sciencia demonstra que, especii-



VIBRAÇÃO DE TOM DIFFERENTE

almente, nos primeiros mezes de vida infantil, as creanças conservam com as mães grandes connexões de sensação: a mãe accorda de noite em sobresalto á mais insignificante dôr do seu menino; este chora no berço logo que a mãe *pense* em affastar-se d'elle.

Por aqui se pode vêr o perigo que correm as pobres creanças, com aquelles sustos maternas.

A affirmação de saude é já uma negação da doença. N'estas simples palavras está o segredo da psychotherapeutica, a que se devem já tão maravilhosas curas e cujas doutrinas estão magnificamente expostas no livro «*Saude, Energia e Riqueza*», que tive o prazer de traduzir.

Dizia-me uma vez um doente: «quando penso em saude até me parece que melhora!» E era verdade.

Com effeito, se pronunciarmos, dando-lhe toda a expressão, a palavra *alegria*, experi-

mentaremos, necessariamente, o sentimento correspondente. Conta Paulhan, que um dos seus amigos lhe dizia ficar triste só de pronunciar a palavra tristeza.

Sendo assim, nós podemos utilizar esta faculdade do espirito, em harmonia com o que fica dito, não só em proveito proprio, mas tambem prestarmo-nos um auxilio mutuo, tanto para melhoria das nossas faculdades e da saude, como para a cura das mais graves doenças. Por isso é não só indispensavel educar a vontade, mas, tambem, ter uma grande fé, porque diz Jesus, no Evangelho de S. João: «Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que crê em mim, as obras que eu faço tambem elle as fará: e fará maiores que estas».

Um meu amigo tem uma filhinha que ha mezes foi accomettida d'uma grave doença; os medicos haviam decidido que não escaparia. O pobre pae andava louco de desespero. Uma noite

sonhou o seguinte: Que ia por um caminho, perguntando a toda a gente que encontrava se conhecia algum remedio para a doença da sua menina; todos lhe voltavam as costas desdenhosamente. Chegou a noite e elle sem parar; estava cansado, não podia mais, e julgando chegada a sua ultima hora encommendou-se a Deus. De repente, viu uma apparição que lhe pareceu

Nossa Senhora e que lhe disse, mostrando-lhe certa planta vulgar: «Colhe algumas folhas, faze uma infusão, dá á tua menina e ella viverá». Dito isto, desapareceu a vizão e elle accordou.

— Pois meu caro, sahi immediatamente, fui procurar a planta, fiz o que ouvira em sonho e minha filha melhorou n'esse mesmo dia!

— Crê então, perguntei, ter sido a infusão que operou o milagre?

— Não; — respondeu elle, com firmeza — creio que foi a minha fé. . .

Ora, se como dissemos, o pensamento d'um individuo augmenta d'intensidade com os pensamentos do mesmo tom, sobretudo, quando o accordo preside á sua emissão da mesma maneira que o som augmenta quando secundado por outras vozes, torna-se evidente que o pensamento de vinte pessoas reunidas seja vinte vezes mais efficaç. A instituição da oração em

commum, commum tambem a todas as religiões, revella uma intuição sublime da utilidade d'essa harmonia mental.

Para que qualquer pensamento resulte fecundo é necessario que a vontade o emitta facil e fortemente, o que se consegue com uma gymnastica apropriada. A uma vontade forte corresponde naturalmente uma esphera d'acção mais ampla e maior facilidade de se harmonisar, com aquelles que podem auxiliar o progresso moral e o triumpho do individuo.

Li, não sei onde, esta profunda observação: «os patifes conhecem-se na sociedade pelo mal que desejam aos bons».

É certo, pois, que o tom de vibração é diferente; não pode haver, por consequencia, affinidades psychicas. O individuo de bons sentimentos, por muito benevolo e tolerante que seja, estará sempre mal disposto em presença de individuos ignobeis; sentir-se-ha irritado contra elles sem poder explicar a si mesmo o motivo por quê. Se quizermos olhar em redor de nós, notaremos que a regra por que uns sobem e outros descem na consideração publica e no grau de moralidade individual, está em harmonia com uma lei que ensina que o semelhante attrae o semelhante.

Para educar a vontade, começaremos por educar a memoria e a attenção. Sabemos que as pessoas de bõa memoria e de grande poder de attenção são em regra de vontade forte. Observa-se, tambem, que os negociantes, habituados a fazer todas as noites um balanço do dia, possuem uma memoria muito viva. É, porém, certo que muitas vezes esta se restringe ás necessidade da profissão. Mozart decorava á primeira audição a mais complicada partitura e esquecia o nome das pessoas mais intimas; ha pintores que reproduzem, com uma fidelidade surprehendente, os traços physionomicos d'um individuo que lhe tenha sido apresentado mezes antes e que nunca mais tornaram a ver; archivistas que sabem onde está um papel insignificante de que ha mais de vinte annos se não fala na sua presença.

Um meio rapido e seguro de memorisação é o seguinte:

Todas as noites, durante o tempo que fôr necessario, passa-se em revista tudo quanto se fez n'esse dia, a partir desse momento. Deve insistir-se nas minimas particularidades e, especialmente, sobre o que seja conveniente não esquecer. Este meio, simples como se vê, é muito interessante e por isso mesmo bom para

despertar e desenvolver a attenção. No fim da primeira semana nota-se uma mudança muito sensivel na maneira de encarar a vida; tudo o que até então nos era indifferente nos prende a attenção e se grava facilmente no nosso ce-



RECEPTOR

(*Sr. Luciano de Vasconcellos*)

rebro. No fim de quinze dias até as phrazes ditas ou ouvidas, a que não haviamos dado grande importancia, apparecem ordenadas e completas no nosso balanço.

Reconhecendo que podemos concentrar toda a attenção n'uma só idéa, o que é já um triumpho, sabendo-se como é relativo e insustentavel esse monoideismo, poderemos tentar, para proceder com methodo, experiencias telepathicas ou melhor, de transmissão de pensamento, como preliminares d'uma gymnastica mais complexa da vontade.

Ás primeiras sessões convem que assistam trez pessoas: um *transmissor* e dois *receptores*. Com o fim de produzir o maior grau de concentração é conveniente vendar os olhos aos receptores, munindo-os previamente de lapis e papel, afim de poderem escrever a communicações que lhes forem transmittidas. Subentende-se que o maximo silencio é indispensavel. O transmissor deverá estar assentado o mais commodamente possivel, de cabeça erguida sem constrangimento, de maneira que a circulação se effectue facilmente. Durante um cinco ou dez minutos os receptores pensam

constantemente no transmissor e este n'elles, estabelecendo assim o accordo mental. Feito isto, sem que haja uma simples palavra ou signal, os dois receptores procuram abstrahir inteiramente de si, isto é, procuram, permittase-me a phrase, não pensar em coisa alguma. O transmissor mantem, então, fortemente no seu espirito a palavra ou idéa a transmittir, querendo intensamente que elles a traduzam.

As palavras deverão ser d'aquellas a que se associa facilmente a idéa e as ordens de facil execução como, por exemplo, rasgar um papel, levantar a gola do casaco, traçar qualquer figura geometrica simples, etc. Depois tentar-se ha produzir os mesmos phenomenos a maior distancia, com um receptor apenas, transmitindo pensamentos e phrazes em harmonia com o seu progressivo desenvolvimento.

Foi este o processo de que me servi n'uma serie de experiencias a que procedi, auxiliado pelos meus amigos Tito Livio de Moraes Sarmiento, Levy e Luciano de Vasconcellos, sendo este ultimo o receptor de quem melhores provas obtive. Desde a quarta sessão deixei de lhe vender os olhos, collocando-me, porém, de maneira que elle não podesse ver-me. Por motivo de maior silencio effectuámos as sessões de noite, obtendo-se na sexta a reproducção

da presente figura, inserta na pagina 307 do *Dictionnaire Encyclopédique Illustré*, d'Armand Colin. Na décima experimentámos a transmissão a distancia, da minha residencia, ao Castello, para o Intendente, onde reside aquelle cavalheiro, estando com elle o sr. Sarmiento e commigo o sr. Levy de Vasconcellos. Ás onze em ponto transmitti as seguintes palavras: *roxo, salgado, arte*.

A transmissão deu: *roxo, sal*.

Se bem que só uma palavra corresponda exactamente á transmissão e a outra exprima sómente parte da sensação gustativa que eu procurara transmittir, pareceu-me concludente a prova, visto mediar entre nós uma distancia de, pelo menos, oitocentos metros. Notei desde o principio das sessões que imagens ou sensações visuaes, gustativas e olfactivas eram em regra bem recebidas; as auditivas mal e peor as tacteis. Isto demonstra, penso eu, um defeito de sensibilidade d'uma das partes, talvez de ambas. A psychologia physiologica deverá obter n'este campo curiosas revellações.

Indicando o meio de se obterem estas communicações, é só como illustração das doutrinas expendidas; cada qual poderá certificar-se por si mesmo da verdade que encerram e do bem que da sua diffusão pode advir-nos.

*Fevereiro de 1906.*

CRUZ ANDRADE

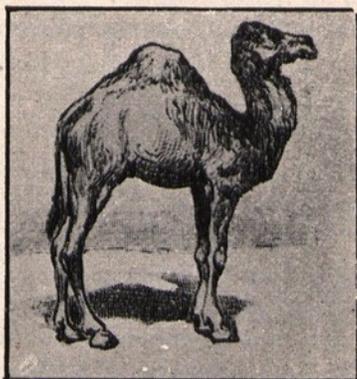


FIGURA TRANSMITTIDA

(*Diccionario encyclopedico de Armand Colin*  
pag. 307)



FIGURA OBTIDA



## SUMMARIO DOS CAPITULOS I A IV

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reúne-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour.

### CAPITULO V

#### Jacob Meyer

**M**AIS de tres semanas haviam decorrido quando uma manhã Benita, que dormia n'uma rede dentro do carro boer, se vestiu o melhor que podia n'aquelle acanhado espaço, afastou a cortina e se sentou no *voorkisse* ou almofada do carro. Ainda o sol não era nado, e o ar estava cortante com a geada, por isso que se achavam em pleno *veld* do planalto transvaiano pelos fins do inverno. Apesar da capa espessa, Benita tiritava. Chamou o cocheiro, que desempenhava tambem funcções culinarias e cuja figura embrulhada n'um cobertor se curvava sobre um brazeiro que elle estava espreitando á força de sopros, e recommendou-lhe que se aviasse com o café.

—Já vae, Missie, já vae—disse elle, com um arranco de tosse que lhe expellia dos pulmões o fumo negro.—Cafeteira ainda não chia e lume está negro que nem que fosse o inferno.

Benita reflectiu que a tradição popular pintava de vermelho esse local de tormentos, mas, sem entrar em discussões, sentou-se n'uma arca, á espera 'de que a agua fervesse e apparecesse seu pae.

Não tardou que este emergisse de sob o cortinado do carro, e, notando que estava realmente tanto frio que não se podia pensar em abluções, trepou para o lado d'ella e deu-lhe um beijo.

—A que distancia estamos nós de Rooi Krantz, meu pae?—perguntou ella, porque era esse o nome da fazenda de Clifford.

—A umas quarenta milhas, minha querida. Com esta junta de bois doentes, não poderemos vencel-as esta noite. Mas, em passando a torreira do dia, poderemos seguir ávante e estar lá por volta do pôr do sol. O meu receio é que tu estejas cansada de apanhar boleus.

—Pelo contrario!—respondeu ella.—Até gosto. Acalenta. Durmo dentro da rede que é um regalo. Parece-me até que não se me dava de passar o resto da vida n'este balouço.

—Está na tua mão satisfazer esse desejo,

minha querida, mezes e mezes inteiros. A Africa Meridional é immensa, e na quadra em que cresce o capim, se quizeres, podemos fazer uma longa jornada.

Ella sorriu, mas não deu resposta. Percebeu que elle estava a pensar n'aquelle sitio, lá muito longe, onde elle suppunha que em tempos os portuguezes haviam enterrado ouro.

A cafeteira estava agora a roncar alegremente, e Hans, o cosinheiro, levantando-a triumphante do lume, porque tinha gastado os bofes a soprar, deitou-lhe para dentro uma porção de café em pó que tirara de uma velha lata de mostarda.

Depois mecheu com um pausinho, tirou uma braza do lume e atirou-a para dentro da cafeteira, processo conhecido dos viajantes do *veld* para limpar o café. Em seguida desencantou umas tigelas e apresentou-as com um frasco de conserva cheio de assucar a Clifford que se conservava na almofada do carro. Leite não havia, mas o café tinha melhor sabor que apparecia. Benita bebeu duas tigelas para se aquecer e não se embuchar com a bolacha dura. Antes de surgir o dia, regalou-a aquella refeição.

Erguia-se o sol, enorme e vermelho visto atravez da neblina densa. Acabado o almoço Clifford deu ordem para atrelar os bois que estavam a apascentar-se alli perto. O *voor looper*, um rapazote zulu, que os tinha largado um instante para partilhar com Hans o resto do café, levantou-se resmungando e abalou em cata d'elles. D'ahi a um ou dois minutos, Hans deteve-se na faina de arrumar as cousas, e disse em voz baixa:

—Kek! Baas—que quer dizer: Repare!

Seguindo a linha da sua mão extendida, Benita e o pae lobrigaram a cousa de cem metros de distancia um grande rebanho de *gnus* (especie de antilopes, a que os boers chamam *wilderbeeste*) caminhando por uma quebrada fora, e parando de quando em quando para desatarem n'aquellas extraordinarias cabriotas as quaes motivam o ditado boer de que esses animaes teem bicho nos miolos.

—Dá-me a carabina, Hans—disse Clifford—Estamos com precisão de mantimentos.

Emquanto a Westley-Richards se tirava do estojo e se carregava, só restava um antilope, o qual, tendo dado com os olhos no carro, se virara para o contemplar com desconfiança. Clifford apontou e fez fogo. O antilope cahiu em terra, mas logo a seguir levantou-se de sal-

to e sumiu-se por detraz da quebrada. Clifford abanou a cabeça com tristeza.

—É raro que isto me aconteça, filha, mas a luz ainda é pessima. Em todo o caso, ou acertei-lhe. Que te parece? Se montassemos a cavallo para o haver ás mãos? Um pedaço de galope havia de te aquecer.

Benita, que tinha excellente coração, reflectiu que seria melhor acabar com a tortura do pobre animal, e fez um aceno affirmativo. D'ahi a cinco minutos corriam ambos a galope pela encosta acima, tendo Clifford dado ordem para o carro ir seguindo até que elles o apanhassem e mettido na algibeira um pacote de cartuchos. Alem da eminencia depa-rou-se-lhes um largo trecho de terra apaúlada, limitado a cousa de meia milha por outra eminencia, do cimo da qual, por isso que a atmosphera já estava bastante clara, avistaram o antilope ferido, mas ainda de pé. Seguiram avante em sua perseguição, mas antes de terem chegado a alcance de tiro, já elle se tinha afastado de novo, porque estava apenas ligeiramente ferido n'uma das ancas e suspeitava d'onde lhe provinha o incommodo.

Foi retirando sempre á medida que elles se aproximavam, até que por fim, no momento em que Clifford se dispunha a desmontar para lhe atirar mesmo de longe, o animal desatou a fugir com presteza.

—Vamos!—exclamou Clifford, já com o espirito dominado pela ancia do caçador—Nada de nos deixarmos bater!

Foram pois seguindo por alli fora a galope, trepando e descendo ladeiras que faziam lembrar a Benita a bahia de Biscaya em temporal desfeito, atravessando enormes poças meio enxutas que eram verdadeiros lagos em tempo de chuva, correndo por terrenos pedregosos e por sobre tocas de tamanduá, com risco constante de desastre. Cinco milhas pelo menos galgaram n'aquella caçada, visto que no fim do inverno o antilope estava magro e portanto muito leve, conseguindo maior velocidade, apezar de ferido, do que os excellentes cavallos que os dois montavam. Finalmente, tendo subido a uma elevação, é que elles perceberam para onde o animal se dirigia, porque se acharam de repente no meio de immensas manadas de caça grossa, milhares e dezenas de milhares de animaes que se extendiam até onde a vista alcançava.

Espectaculo maravilhoso esse, que infelizmente já hoje não se pode gozar, pelo menos



BENITA VIU PELA PRIMEIRA VEZ JACOB MEYER

no *veld* transvaliano ; eram antilopes de varias especies, *wilderbeeste*, *blesbok*, *springbok*, em multidões innumeraveis, e entre elles alguns *quagga* e *hartebeeste*. Com um barulho semelhante ao de uma trovoadá, nuvens de pó que levantavam do *veld* tostado myriades de cascos, as grandes manadas dispersaram-se, ao apparecer o homem, seu inimigo, para um e outro lado, em grupos, em extensas fiadas escuras, deixando sósinho em meio do vasto capim o malfadado antilope ferido e ex-hausto.

Para elle se encaminharam, e em breve Clifford, que seguia um pouco á frente, se achou quasi á beira d'elle. Então o pobre animal, sentindo-se perdido, experimentou o derradeiro recurso. Estacou de repente, voltou-se para traz e precipitou-se de cabeça baixa. Clifford, colhido de surpresa, assestou a carabina com a mão direita e disparou á queima-roupa. A bala atravessou o corpo do antilope, mas não lhe susteve a marrada. Os chifres bateram na coxa do cavallo, e n'um momento, cavallo, cavalleiro e antilope rolaram de cambalhada pelo *veld*.

Benita, que ficara uns cincoenta metros atraz, soltou um grito de terror, mas, antes que ella o alcançasse, já seu pae se punha de pé a rir, perfeitamente incolume. O cavallo tambem tratou de se levantar, mas o antilope é que não se ergueria mais. Forcejou por se firmar nas partas deanteiras, exhalou uma especie de gemido soluçante, olhou em roda com ar apavorado, e rolou pelo chão, morto.

—Nunca me constou de uma *wilderbeeste* que atacasse por esta forma—disse Clifford—Que a leve a breca! Creio que o cavallo ficou coxo.

E aleijado ficara com effeito, ferido na coxa pela marrada do antilope, embora, ao que parecia, sem gravidade. Clifford atou um lenço ao chifre do antilope afim de servir de espantalho aos abutres e cobriu o corpo com umas mancheias de capim seco, no intuito de vir em cata d'elle ou mandal-o buscar. Depois montou o cavallo manco e poz-se a caminho do carro. O galope tinha-os porém levado mais longe do que cuidavam, e estava o sol a pino antes que elles chegassem ao que suppozeram ser a estrada. Como não vissem por alli vestigios de animaes ou de rodado, foram arripiando pela supposta estrada, na esperanza de encontrarem o carro em descanso, mas apezar de correrem milhas e milhas, não viram signal de carro. Perceberam então que se tinham

enganado, volveram sobre os seus passos, e, deixando o tal caminho no sitio em que o haviam tomado, seguiram de novo para a direita.

Entrementes, fôra escurecendo o firmamento, e por volta das tres horas da tarde rebentou em cima d'elles uma trovoadá, acompanhada de bategas de agua gelida, a primeira chuvada da primavera, e de um vento cortante que os transia todos. Ainda por cima, depois da chuva grossa veiu um chuvisco miudo e uma nevoa espessa que foi carregando com a approximação da noite.

A situação dos dois tornou-se devéras precaria. Desgarrados, famintos, encharcados até aos ossos, com ambos os cavallo esbofados e um d'elles manco, foram vagueando pela solidão do *veld*. O sol, no occaso, por uns instantes traspasou de raios o nevoeiro, indicando-lhes a direcção que deviam seguir. N'esse sentido foram cavalgando até cahir de todo a noite. Pararam então algum tempo, mas perceberam que se arriscavam a morrer antes de chegar a manhã, se por acaso se demorassem sem movimento n'aquelle frio horrivel. Portanto seguiram de novo ávante. O cavallo de Clifford já manquejava tanto que elle viu-se forçado a desmontar, levando-o pela redea e caminhando ao lado da filha, ao passo que amargamente se acusava da leviandade com que a havia mettido n'aquelle aperto.

—Não se afflija, meu pae—redarguiu ella em voz quebrada pelo cansaço—não se afflija. Tanto faz morrer no *veld* como no mar ou em qualquer outro sitio.

Foram andando, andando, sem saber para onde. Benita adormeceu sobre a sella, e despertou uma vez com os uivos de uma hyena quasi ao pé d'elles, e de outra vez por lhe ter o cavallo cahido sobre os joelhos.

—Que horas são?—perguntou ella por fim.

O pae accendeu um phosphoro e consultou o relógio. Eram dez horas; havia quinze que elles andavam longe do carro e sem alimento algum. De quando em quando, Clifford, que tornara a cavalgar, disparava um tiro de carabina. Só lhe restava agora um cartucho, mas, como á luz do phosphoro elle divisasse a physionomia abatida da filha, gastou esse ultimo tiro, embora n'aquelle desolação pouca esperanza houvesse de qualquer socorro.

—Que achas? Paramos ou seguimos ávante?—perguntou elle.

—Pouco me importa—respondeu ella—Mas

se eu parar, parece-me que será de vez. Melhor é continuarmos a andar.

Cessara a chuva, mas o nevoeiro não era menos espesso. Parecia-lhes agora que se tinham mettido pelo mato, por que lhes roçavam pelo rosto folhas húmidas. Exhaustos de todo, iam por allí fora aos tropeções, quando de subito Benita sentiu o seu cavallo estacar como se uma mão lhe houvesse empolgado as redeas, e ouviu uma voz viril exclamar com um pronunciado sotaque estrangeirado:

—Mein Gott! Para onde vão?

—Sei lá!—respondeu ella como se estivesse a sonhar.

N'este momento ergueu-se a lua acima do nevoeiro, e Benita viu pela primeira vez Jacob Meyer.

Á claridade do luar, não era desagradavel o seu aspecto. Era homem de uns quarenta annos, de estatura não muito elevada, bem proporcionado e ligeiro, barba negra e ponteaguda, feições regulares e semíticas, tez eburnea que nem o sol africano conseguira crestar, e olhos pretos e brilhantes que ora pareciam dormir, ora dardejar a chamma dos pensamentos intimos. Comquanto se sentisse esfaldada, algo havia na personalidade d'aquelle homem que repellia e assustava Benita, algo de bravio e cruel. Percebeu de improviso que elle estava cheio de ambições e desejos insaciados, e que para os realizar não hesitaria deante de cousa alguma. Passado um instante, estava elle falando n'um tom que lhe forçava a attenção.

—Foi um bom pensamento o que me trouxe aqui para lhe vir em auxilio . . . Um pensamento? Não! Foi mais depressa . . . como direi? . . . o instincto. Creio que o seu espirito devia ter falado ao meu e ter-me chamado para a salvar. Veja, Clifford, meu amigo, veja lá onde trouxe sua filha; veja, veja!

E Jacob apontava para baixo.

Debruçaram-se para olhar. Logo abaixo d'elles abria-se um enorme abysmo de que o luar não revelava o fundo.

—Vossê é mau viajante do *veld*, Clifford, meu amigo; um passo mais que dessem essas obtusas cavalgadas, e n'essas profundezas appareceriam dois montões de carne sangrenta com sarrafos de ossos a esfuracarem-n'os; sim, n'aquelles rochedos, quinhentos pés abaixo de nós. Ah! dormiriam ambos um somno pesado, esta noite!

—Que sitio é este?—inquiriu Clifford com ar atordoado—Leopard's Kloof?

—Exacto, Leopard's Kloof, nem mais nem menos. Andaram pelo topo do monte, e não pela aba. Foi decerto um bom pensamento o que a mim veio da senhora sua filha, porque ella, estou certo, é uma emissora de pensamentos. Este surgiu-me de repente, feriu-me como um relampago, enquanto eu andava em procura dos dois, por ter descoberto que se tinham perdido do churrião. Dizia-me assim: «Corre até ao cimo de Leopard's Kloof. E a galope!» E eu galopei por cima das rochas e ás escuras, por meio da nevoa e da chuva, e não havia um minuto que estava aqui, quando os senhores appareceram e eu lancei a mão á redea d'este cavallo.

—Creia que lhe estou muito reconhecida—murmurou Benita.

—N'esse caso dez mil vezes estou pago. Não, eu é que estou reconhecido, eu que lhe salvei a vida por via do pensamento que me transmittiu.

—Seja pensamento ou não seja, bom é tudo que bem acaba—atalhou Clifford com impaciencia—Graças a Deus que não estamos a mais de tres milhas de casa! Vá-nos guiando, Jacob. Vossê teve sempre o habito de ver ás escuras.

—Pois sim!—e a mão firme e branca de Jacob agarrou na redea do cavallo de Benita—Oh! o meu cavallo vae-nos seguindo. Metta o braço na redea d'elle, assim. Agora venha, Miss Clifford, e escusa de ter medo. Na companhia de Jacob Meyer está em segurança.

Começaram pois a descer o monte. Meyer não deu mais palavra; parecia concentrar a attenção na escolha de caminho firme em que os cavallos não tropeçassem. Benita tambem não falou mais: estava completamente exaustate, tanto que não lhe era já possivel suster o espirito e a imaginação. Como que se soltavam d'ella, adquirindo faculdades novas, qual a de penetrar os pensamentos secretos do homem que ia ao seu lado. Via-os passar pela sua frente como se tivessem vida, e no emtanto não conseguia lel-os. Algo percebeu comtudo: que ella tinha adquirido uma subita importancia para esse homem, não pela forma por que as mulheres importam geralmente aos homens, mas por outra diversa. Sentiu-se como que entretecida nos objectivos da vida d'ella, e d'alli para o futuro necessaria á sua realisação, como se ella fosse alguém que elle procurava ha muitos annos, a unica pessoa que poderia dar-lhe luz no meio das trevas.

Tanto a perturbaram estes enleios que ficou satisfeitiíssima quando elles passaram tão rapidamente como haviam surgido, e só então percebeu que estava semi-morta de fadiga e de frio, que lhe doiam todos os membros e que aquella ladeira parecia interminavel.

Finalmente chegaram a terreno chão, e depois de terem atravessado o leito de um riacho, transpuzeram uma cancella e pararam de repente á porta de uma casa com as janellas illuminadas.

—Até que chegámos a sua casa, Miss Clifford!—disse a voz musical de Jacob Meyer—Dou graças ao Destino que nos governa, por me ter ensinado a trazer a aqui a salvamento.

Ella não deu resposta. Deixou-se escorregar para baixo da sella, mas logo viu que não podia suster-se em pé, porque cahiu desamparadamente em terra. Jacob ergueu-a com uma exclamação affectuosa, e, chamando dois cafres que haviam acudido a tomar conta dos cavallos, conduziu-a para dentro de casa.

—Deve metter-se immediatamente na cama—disse elle, transpondo a porta que communicava para a sala—Mandei accender lume no seu quarto, no caso que chegasse, e a velha Tante Sally vae levar-lhe um caldo com cognac, e agua quente para os pés. Ah! estás ahí, velhota? Anda, ajuda esta senhora, a tua ama. Está tudo prompto?

—Tudo, Baas—respondeu a mulher, alentada mulata de rosto affavel—Vamos, minha menina. Eu já a dispo.

D'ahi a meia hora, Benita, depois de engulir mais cognac do que nunca bebera em sua vida, estava muito abafada na cama e pegava immediatamente no somno.

Quando acordou, jorrava o sol atravez das cortinas da janella, e viu então que o relógio do fogão marcava onze horas e meia. Dormira perto de doze horas a fio, e, apezar do frio e das intemperies, a não ser um certo quebrantamento de corpo e um leve atordoamento de cabeça, talvez em resultado da desacostumada dose de cognac, sentia-se bem disposta e, o que é mais, com muita fome.

Lá fora, na varanda, ouviu ella a voz de Jacob Meyer, com a qual parecia ter-se já familiarizado, recommendando a uns indigenas que se deixassem de cantar para não acordarem a senhora que estava lá dentro. Elle empregava o vocabulo zulu *Inkosikaas*, que ella se lembrava significar senhora acima de todas ou mulher chefe. Jacob tinha pois grandes

cuidados com ella, reflectia Benita, e sentia-se grata, quando de repente se recordou da repulsão, que esse homem lhe havia inspirado.

Então voltou a vista pelo quarto e reparou que era bonito a valer, bem mobilado, forrado a bello papel, com aguarellas de bastante merito nas paredes, cousas que ella estava longe de esperar n'aquelle sitio remoto. Em cima de uma meza via-se uma grande jarra com taiobas. Quem as teria allí posto? scismava ella. Não podia ser senão a velha mulata Sally ou Jacob Meyer. Quem teria pintado aquelles quadros, todos de paizagens africanas? E teve o palpito seguro de que tanto as flores como os quadros provinham de Jacob Meyer.

Na mezita de cabeceira estava uma campainha que elle tocou. Ouviu logo a voz de Sally clamando pelo café «depressa»; e d'ahi a um instante entrou a velha com uma bandeja onde, alem do café, havia pão e manteiga, e torradas e ovos, tudo evidentemente preparado para ella. N'um inglez misturado de palavras hollandezas, a mulata explicou a Benita que o pae ainda estava deitado, mas que lhe mandava saudades e desejava saber como tinha ella passado. Depois, emquanto Benita almoçava com grande appetite, Sally preparou-lhe um banho, e appareceu logo a seguir trazendo o conteúdo da mala de que ella se servira no carro, o qual já chegara sem percalço á fazenda. Benita perguntou quem mandara descarregar a mala, e Sally respondeu que fôra o Heer Meyer quem dera essa ordem, afim de que não lhe perturbassem o somno e que no despertar encontrasse os seus effectos á mão.

—O Heer Meyer tem grande cuidado nas outras pessoas—disse Benita.

—Ia, ia—respondeu a velha mulata—Elle tem grande cuidado nas outras pessoas quando lhe dá para isso, mas em quem elle tem mais cuidado é em si mesmo. Baas Meyer é homem muito esperto, olé! E o que elle quer é ser homem grande. E qualquer dia, Missee, ha de ser homem grande, muito grande e muito rico... se Nosso Senhor Deus o permittir.

## CAPITULO VI

### A moeda de ouro

Seis semanas haviam decorrido desde a famosa noite em que Benita chegara a Rooi Krantz. Estava-se em plena primavera, o *veld*

cobria-se de esmeralda e esmaltava-se de flores. No horto por detraz da casa, as arvores desentranhavam-se em folhas, e as mimosas floriam, enchendo os ares de perfume. Na ramagem aninhavam-se aos centos os pombos torcazes e nos empinados rochedos do precipicio os abutres de collo vermelho nutriam a sua pro-genie. Ao longo das margens do riacho e pelas bordas do lago extendiam os lyrios uma alca-tifa branca. Todos aquelles arre-dores se enfeitavam, cheios de vida e de esperanza. Nada parecia morto e desesperado, a não ser o coração de Benita.

Voltara-lhe de todo a saude; realmente, nunca em sua vida se sentira tão forte e saudavel; mas a alma é que emmurhecera lá dentro. O dia inteiro pensava, a noite inteira sonhava, n'esse homem que a sangue frio offere-cera a vida para salvar as vidas de uma desamparada mulher e de uma crean-ça. Scismava ella se elle acaso faria o mesmo, caso ouvisse a resposta que lhe acudira aos labios. Fôra, talvez por isso que o destino não lhe dera tempo para uma respos-ta que o tornaria co-varde. Porque nenhuma noticia mais lhe chegara de Roberto Seymour; de facto, a tragedia do *Zanzibar* estava já esquecida. Os mortos esta-vam sepultos em cora-ções mortas, e desde então mais tremendos desastres haviam occurri-do pelo mundo.

Mas Benita é que não conseguia sepultar o seu morto. Cavalgava pelo *veld*, sentava-se junto do lago á espreita das aves bravias, ou ouvia-as de noite a esvoaçar aos bandos por sobre a sua cabeça. Punha-se á escuta do arrulhar dos pombos, do clamor dos alcaravões nos cannaviaes, do tamborilar das narcejas pelas alturas. Contava, até fatigar o espirito, os quadrupedes que passavam pela serra-nia. Procurava consolação no seio da Natureza e não a encontrava; buscava-a nos ceus estrel-

lados, e que longe, que longe de si os via! Dentro d'ella reinava a morte, dentro d'ella que tão formosa se ostentava no exterior.

É certo que achava prazer na companhia de seu pae, porque elle lhe tinha amor, e o amor mitigava-lhe as feridas do coração. Tam-bem achava interesse na companhia de Jacob Meyer, porque lhe esmorecera o primitivo terror, e indubitavelmente elle era um homem

interessante; bem educado á sua maneira, embora fosse um judeu que perdera a sua fé e rejeitara a dos christãos

Contou-lhe Jacob que era allemão de nascimento, que em pequeno fôra mandado para Inglaterra, afim de fugir ao recrutamento, que repu-gna aos judeus, visto o pouco pro-veito que grangeia a vida militar. Ahi estivera empregado n'uma casa de negociantes sul-africanos, e, como consequencia e por ter mani-festado toda a habilidade da sua raça, fôra encarregado de tomar conta de uma succursal na Colonia do Cabo. Que lhe aconteceu ahi, eis o que Benita nunca logrou

descobrir, mas é provavel que houvesse manifestado habilidade excessiva e de character pouco re-gular. Fosse como fosse, as suas relações com a firma termina-ram, e durante annos empregou-se em via-jante de negocios, o que por aquellas par-tes denominam *smouse* até que afinal veio a associar-se com Clif-ford.

Qualquer que tivesse sido o seu passado, Benita não tardou a achal-o por extremo intel-ligente e insinuante. Fôra elle, nem mais nem menos, quem executara as aguarellas que enfeitavam o quarto d'ella; sabia tocar e cantar com a mesma habilidade com que pintava. Em harmonia com as informações que lhe dera Roberto, Meyer era tambem muito lido em assumptos que não são objecto habitual de estudo no *veld* da Africa Meridional: com effeito, possuia uma collecção importante de



DEPOIS PRECIPITOU-SE DE REPENTE NO RIO

livros, na mór parte de historia, de philosophia e de sciencia, dos quaes emprestava a Benita varios volumes. O que elle comtudo nunca lia eram obras de imaginação, dizia-lhe elle que por achar a vida real e os mysterios e problemas que a cercam muitissimo mais interessantes.

Uma tarde, andando ambos a passeiar ao pé do lago, contemplando os longos raios do sol a quebrarem-se e a tremeluzirem na superficie da agua, Benita, dominada pela curiosidade, arrojou-se a perguntar-lhe por que motivo um homem tal como elle se sujeitava áquelle teor de vida.

—No intento de chegar a vida melhor—redarguiu elle—Ah! não é no ceu, isso não, Miss Clifford! Do ceu nada conheço, nem creio que haja alguém que mais saiba. Mas aqui, aqui.

—Que quer dizer por vida melhor, sr. Meyer?

—Quero dizer—retorquiu elle, com um relampago nos olhos negros—grande riqueza, e o poder que ella traz consigo. Ah! bem vejo que me julga muito sordido e materialista, mas o dinheiro é Deus no mundo, Miss Clifford, o dinheiro é Deus.

Ella sorriu e replicou:

—O que eu receio, sr. Meyer, é que esse tal deus seja invisivel no *veld* transvaliano. Não me parece que seja com a criação de cavallos que haja de fazer fortuna, e a respeito de poder, não ha por aqui gente a quem dominar.

—Suppõe então que é para crear cavallos que eu me conservo aqui em Rooi Krantz? Seu pae não lhe falou do grande thesouro escondido lá para aquellas paragens dos Makalangas?

—Tenho uns zuns-zuns d'isso—respondeu ella com um suspiro.—É tambem sei que ambos foram em pesquisa d'elle e voltaram desapontados.

—Ah! sim! foi o inglez que morreu afogado, esse sr. Seymour, quem lhe falou n'isso? Elle encontrou-se lá conosco.

—Exacto! Por signal que o senhor queria dar-lhe um tiro, lembra-se?

—Valha-me Deus! quiz, sim, porque imaginei que elle vinha para nos roubar. Mas afinal não dei tiro nenhum, e fomos depois postos fora d'alli, o que importa pouco, visto que os patetas dos indigenas não consentiam que nós excavassemos dentro da fortaleza.

—Então porque pensa o senhor ainda n'esse thesouro que provavelmente não existe?

—Essa é boa, Miss Clifford! Não pensa tambem em cousas varias que provavelmente não existem? Talvez por sentir que ellas realmente existem algures. Pois ahí está! É isso exactamente que eu sinto com respeito ao thesouro, isso o que eu tenho sempre sentido. O thesouro existe, e eu hei de encontral-o... dentro em pouco. Hei de ter vida para ver rumas de ouro como Miss Clifford nem sequer pode calcular, e é por isso que eu continuo a crear cavallos no *veld* do Transval. Ah! ri-se? Pensa que o que eu estou a imaginar é um sonho?...

De subito deu pela presença de Sally, que acabava de dobrar o monticulo por detraz d'elles, e perguntou com irritação:

—Que ha de novo, velhota?

—O Baas Clifford quer falar-lhe, Baas Jacob. Veiu gente com um recado lá de muito longe, para ambos.

—Que gente é essa?

—Não sei—respondeu Sally, abanando as nediaas faces com um lenço amarello—São homens que eu não conheço, magrinhos á força de andar, mas falam a modo uma especie de zulu. O Baas deseja falar-lhe quanto antes.

—Vem tambem, Miss Clifford? Não? N'esse caso dê-me licença que a deixe.

Ergueu o chapéu e afastou-se

—É um homem exquisito, Missie—disse a velha Sally, depois de elle se sumir apressadamente.

—É—replicou Benita com indifferença.

—Exquisito a valer—continuou a velha—Aquella cabeça está sempre a trabalhar. Qualquer dia arrebenta, mas se não arrebentar, elle ha de vir a ser cousa grande. Já ha tempos disse isto á menina, e repito-lh'o agora porque creio que a vez d'elle está a chegar. E vou tratar do jantar.

Benita ficou sentada á beira do lago até á noitinha, quando começaram por cima d'ella as revoadas dos gansos bravos. Recolheu então a casa, sem pensar mais no Heer Meyer, pensando apenas que estava farta d'aquelle sitio, onde nada havia que lhe occupasse o espirito e a distrahisse da magua constantemente presente.

Ao jantar, ou antes á ceia, reparou ella que tanto seu pae como o socio d'este davam mostras de uma excitação mal disfarçada, cuja causa ella suppoz podia presumir.

—Encontrou os taes emissarios, sr. Meyer?

—perguntou ella, depois de os homens accenderem os cachimbos, e de se collocar na grossira meza a *cara-quadrada*, como n'aquelle tempo se chamava á genebra, por via da forma da garrafa.

—Encontrei—respondeu elle—Estão lá na cosinha.

E Jacob olhou para Clifford.

—Benita, minha filha, succede um caso curioso.

A physionomia d'ella illuminou-se, mas elle abanou a cabeça.

—Não, não é nada que se relacione com o naufragio; isso já lá vae. No emtanto, é cousa que te pode interessar, se tens pachorra de ouvir uma historia.

Benita fez um gesto affirmativo; estava disposta a ouvir fosse o que fosse que lhe occubasse os pensamentos.

—Não é de todo novo para ti este caso do thesouro—proseguiu o pae—Ora bem! aqui vae a historia toda. Ha annos, depois de tu e tua mãe terem ido para Inglaterra, fui a uma grande caçada para o interior. Era meu companheiro um velhote chamado Tom Jackson, um dos melhores caçadores de elephantes da Africa. Demo-nos perfeitamente, mas por fim viemos a separar-nos ao norte do Transvaal, eu trazendo o marfim que tinhamos apanhado e negociado, e Tom deixando-se ficar por lá para outra estação. Combinámos que elle iria depois ter comigo para receber o seu quinhão em dinheiro. Eu vim para aqui e comprei esta fazenda a um boer que estava farto d'ella, e comprei-a barato, porque não lhe dei mais de 100 libras por 6000 acres. (1) A antiga casa d'elle era onde são hoje as cosinhas. Fui eu que edifiquei a casa nova.

«Só um anno depois é que puz a vista em cima de Tom Jackson, que me appareceu mais morto que vivo. Tinha sido maltratado por um elephante, e permanecera uns mezes na terra dos makalangas, lá para o norte dos Matabeles, onde tinha apanhado umas febres de mau character n'um sitio chamado Bambatse, na margem do Zambeze. Estes makalangas são um povo extranho. Creio que o nome d'elles significa o Povo do Sol; o que parece certo é serem os ultimos descendentes de uma antiga raça. Ora emquanto elle por lá esteve,

curou de uma febre maligna o velho Molemo, ou summo sacerdote hereditario da tribu, dando-lhe quinino, e naturalmente ficaram muito amigos. O Molemo residia no meio de umas ruinas, como muitas que abundam por aquellas regiões de Africa. Ninguem hoje sabe quem as edificou; provavelmente gente que viveu ha milhares de annos. Todavia, o tal Molemo contou a Tom Jackson uma lenda mais recente que se relacionava com aquelle sitio.

«Disse elle que seis gerações antes d'elle, quando era chefe seu quarto avô (Mambo era o seu nome), os indigenas de toda aquella região da Africa Austral se rebellaram contra os brancos, creio que portuguezes, que andavam por allí á cata do ouro. Deram cabo d'elles e dos seus escravos aos milhares, acozando-os desde o sul, onde hoje governa Lobengula, até ao Zambeze, por onde os portuguezes tinham esperanza de se escapulir para a costa. Por fim, os que restavam, orçando por duzentos entre homens e mulheres, chegaram á fortaleza chamada Banbatse, onde o Molemo vive hoje n'um enorme edificio em ruinas, construido pelos antigos sobre uma montanha inexpugnavel que domina o rio. Traziam consigo uma quantidade formidavel de ouro, todo o thesouro que haviam arrecadado por aquellas terras e que se esforçavam por levar. Mas, apezar de alcançarem o rio, não conseguiram escapar por elle, visto que os indigenas, que aos milhares os perseguiram, estavam dia e noite de vela em almadias, e os pobres fugitivos não tinham embarcações. Succedeu pois ficarem encerrados dentro da fortaleza que era impossivel tomar de assalto, e ahi foram pouco a pouco morrendo de fome.

«Quando os indigenas souberam que elles estavam todos mortos, como o que desejavam era sangue e vingança, e não ouro, que de nada lhes servia, foram-se embora. Mas o antepassado do velho sacerdote, que conhecia a entrada secreta do castello e que tinha tido relações amigaveis com os portuguezes, tratou de penetrar lá dentro, e encontrou no meio dos cadaveres uma mulher viva mas doida á força de angustias, uma linda rapariga, filha do capitão portuguez. Deu-lhe de comer, mas de noite, quando lhe voltaram um pouco as forças, a rapariga fugiu-lhe, e ao romper do dia foi elle enconral-a de pé no pincaró que se debruça sobre o rio, toda vestida de branco.

«Chamou alguns conselheiros seus, e elles tentaram convencer-a a que descesse da pene-

(1) O acre é uma medida agraria ingleza que equivale 4050 metros quadrados ou 40 ares e meio, pouco mais ou menos.

dia. Ella porém respondeu que não, que o seu noivo e toda a sua familia haviam perecido, e que a sua vontade firme era segui-los. Então elles perguntaram-lhe onde estava o ouro, porque, tendo vigiado noite e dia, sabiam que elle não fora atirado no rio. Ella respondeu que o ouro estava onde estava, e que, por mais que o procurasse, não havia negro capaz de dar com elle. Acrescentou que o confiava á guarda do Molemo e mais dos seus descendentes, até que ella voltasse. Disse tambem que, se elles não fossem depositarios fieis, o ceu lhe havia revelado que a tribu seria victima d'aquelles mesmos selvagens que tinham trucidado seu pae e a sua gente. Dito isto, ficou instantes a rezar sobre o pincaro, depois precipitou-se de repente no rio, e nunca mais a viram.

«De então para cá, as ruínas teem fama de serem frequentadas por fantasmas. Só o Molemo é que alli se recolhe a receber revelações dos espiritos. A ninguem mais é permittido pôr pé lá em cima; os indigenas mesmo antes queriam morrer que atrever-se a tanto. Por conseguinte o ouro ainda se conserva no sitio em que o occultaram. Nem Tom Jackson pôde ver o interior da fortaleza, pois que, apezar da sua amizade, o Molemo não consentiu que elle lá entrasse.

«Pois muito bem! Tom nunca se restabeleceu; morreu aqui, e está sepultado no pequeno cemitario que os boers fizeram nas trazeiras da casa para a sua gente. Foi pouco depois da sua morte que eu me associei com o sr. Meyer, porque me esqueci de te dizer que lhe tinha contado toda esta historia e que estavamos resolvidos a fazer uma tentativa para alcançar aquella grande riqueza. O resto sabes tu. Fomos de jornada a Bambatse, com disfarce de negociantes, e encontrámos o velho Molemo a quem disse ter sido amigo de Tom Jackson. Perguntámos-lhe se era verdadeira a historia que elle tinha contado a Jackson, e elle respondeu que, tão certo como o sol brilhar no ceu, era tudo verdade, porque isso, e muito mais que elle calara, tinha passado de paes a filhos, e que elles até sabiam o apellido da mulher branca que se tinha suicidado. Era Ferreira, o apellido de tua mãe, Benita, aliás um apellido vulgar na Africa Austral.

«Pedimos-lhe licença para entrar na torre que está sobre o monte, mas elle recusou, dizendo que sobre elle e os seus ainda pendia a maldição, e que ninguem alli entraria em-

quanto não voltasse essa senhora Ferreira. Quanto ao mais, dava-nos plena liberdade; podiamos cavar onde nos aprouvesse. Cavámos, com effeito, e encontrámos algum ouro enterrado, contas, brincos, cordões, no valor de umas cem libras. E justamente no dia em que nos appareceu esse rapaz Seymour, a excitação de Meyer era causada por um achado que fizemos e que nos dera esperanza de estarmos na piugada do thesouro: uma moeda de ouro, que sem duvida tinham deixado cair os portuguezes. Aqui está ella—e Clifford atirou para cima da meza uma moeda delgada de ouro—Mostrei-a a um perito no assumpto, o qual me disse que era um ducado cunhado por um dos doges de Veneza.

«Não achámos nem mais um. E tudo acabou por nos terem os makalangas bispado em tentativas para entrar na fortaleza mysteriosa, e darem-nos a escolher: ou sermos chacinados, ou pôrmo-nos a andar. Escolhemos a ultima alternativa, visto que o thesouro de pouco serve a gente morta».

Clifford calou-se e encheu o cachimbo, enquanto Meyer, muito absorvido, se servia da genebra. Quanto a Benita, ficou a examinar a velha e exotica moeda, onde se abria um furo, pensando nas scenas de terror e de manança que com ella se relacionavam.

—Guarda-a—disse o pae—Fica-te bem n'um bracelete.

—Obrigada, meu pae—replicou ella—Mas o que eu não sei é o motivo por que hei de apossar-me do thesouro portuguez desde que nenhum de nós lhe porá mais a vista em cima.

—Ora essa! porque?—perguntou vivamente Meyer.

—A razão, dil-a a historia: porque os indigenas nem sequer lhes permittirão que o procurem; alem do que, procurar não é o mesmo que encontrar.

—Os indigenas mudam ás vezes de ideias, Miss Clifford. A historia ainda vae no começo ouça agora o segundo capitulo. Clifford, posso chamar os emissarios.

E sem esperar resposta levantou-se e sahio do aposento.

Nem Clifford nem sua filha disseram palavra depois de elle sahir. Benita parecia toda empenhada na tarefa de enfiar a moeda de ouro n'uma argolinha do seu bracelete, mas no entretanto mais uma vez despertou dentro d'ella esse extranho sexto sentido. Um terror semelhante ao que experimentara no ultimo

jantar do predestinado paquete, sentia-o ella agora de novo. De novo a morte e o pavor projectavam sombras crescentes na sua alma. Aquella moeda de ouro parecia falar-lhe, mas desgraçadamente ella não podia entendel-a. Só o que ella sabia era que seu pae e Jacob Meyer e mais... sim! sim!... e mais Roberto Seymour, desempenhavam todos um papel n'aquel-

la tragedia. Ah! como podia ser isto, se elle estava morto? Como podia aquelle ouro ligal-o a ella? Ignorava isso, pouco lhe importava; o que sabia era que ella seguiria aquelle thesouro até aos confins do mundo, e ainda alem, se preciso fosse, comtando que elle ao menos os reunisse novamente.

(Continúa).



## RESOLUÇÃO

Posso, quero e não vou! Vergada ao soffrimento,  
Que ora se abate ao pranto ou d'alto em raiva espuma,  
Pareço um choupo nú, que em vão abala o vento  
Embora lhe arrancasse as fôlhas uma a uma.

Posso, quero e não vou! Que a vida se consuma  
N'este vae-vem de dôr, que me lembra o tormento  
D'avesita que em vida um sêr cruel despluma,  
Deixando-a sem abrigo ao corpo friorento.

— Posso! Que o viver morta é bem peor que o nada  
E na morte completa ainda tenho fé.

— Quero! Não verei mais a sua face amada . . .

Eu sinto fôrça em mim para morrer de pé.  
— Não vou. Se junto d'elle a vida é desolada,  
Se d'elle me affastar nem vida ao menos é.



MEDALHA DO CONGRESSO  
*Gravura do Dr. Charles Richer, anverso*

## O Congresso Internacional de Medicina em Lisboa

**E**m meados de abril vão reunir em magno congresso os mais illustres medicos de todo o mundo culto, e é a formosa cidade de Lisboa a destinada a ser a séde d'esse brilhante certamen scientifico. Se a bella capital portugueza não pode mostrar a

estonteante agitação de Paris, a imponente magnificencia de Vienna, a austera grandiosidade de Londres, a empolgante arte de Roma, a alegre vivacidade de Madrid, nem outras especiaes características das grandes cidades, onde até agora teem tido logar as reuniões do Congresso Internacional de Medicina, a rainha do



PROF. MIGUEL BOMBARDA  
*Secretario geral*

CONS. COSTA ALLEMÃO  
*Presidente*

PROF. ALFREDO LUIZ LOPES  
*Thesouretro*

Direcção da Commissão Organizadora do Congresso

Oceano, como lhe chamou o nosso Herculano, ha de muito provavelmente captivar os seus illustres hospedes com a amenidade do seu excellente clima, com a cordalidade dos seus bondosos habitantes e com o entusiastico acolhimento que a classe medica portugueza, e em especial a commissão organisadora do Congresso, lhes preparou.

Os milhares de medicos e excursionistas que os acompanham, todos illustrados e inteligentes, hão de certa-

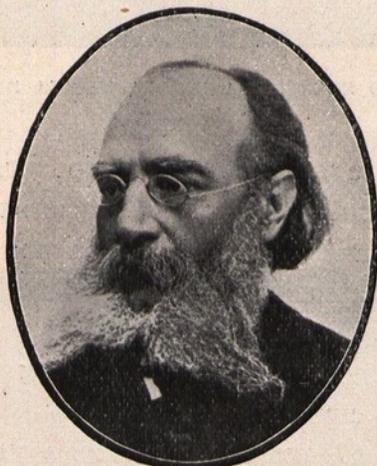


DR. MIGUEL PEREIRA  
(Brazil)

dicina. O primeiro d'estes, devido á iniciativa franceza, reuniu-se em Paris no anno de 1867, com 333 membros francezes e 589 estrangeiros. As localidades e os annos em que os seguintes tiveram logar, fôram: — Florença (1869), Vienna (1873), Bruxellas (1875), Genebra (1877), Amsterdam (1879), Londres (1881), Copenhague (1884), Washington (1886), Berlim (1890), Roma (1894), Moscou (1897), Paris (1900) e Madrid (1903).



DR. RAMON Y CAJAL  
(Hespanha)



DR. ESQUERDO Y ZARAGOZA  
(Hespanha)



DR. PAWINSKI  
(Austria-Hungria)

mente pelas suas impressões pessoases, que são as mais vivas, suggestivas e duradouras, apreciar tudo quanto temos de bello e de bom, levando para tantos paizes distantes recordações que não deixarão de ser agradaveis para elles e para o nosso querido paiz.

O congresso de Lisboa é o decimo quinto congresso internacional de me-

Dois grandes paizes disputam já a honra de n'elles se reunir o futuro congresso de 1909; mas só na ultima sessão, que se ha de celebrar em Lisboa no dia 26 de abril, se votará qual d'elles é o escolhido.

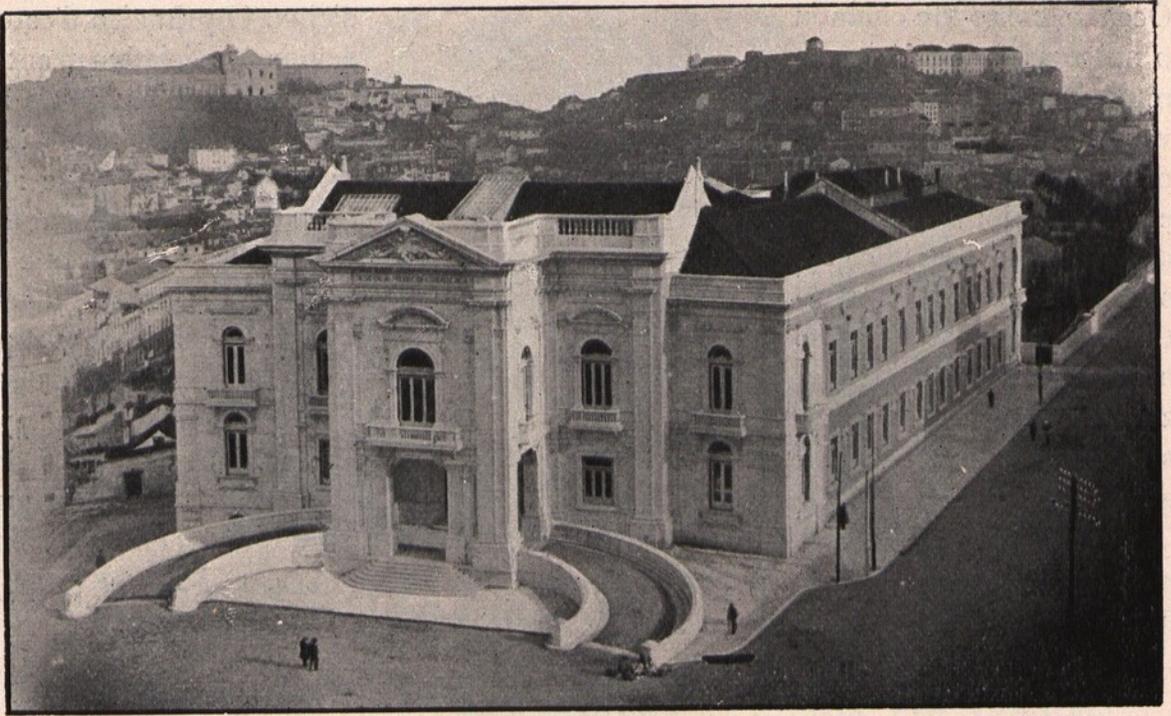
A importancia d'estas reuniões pode-se deprehender dos quasi duzentos grossos volumes que compõem as suas actas. Da farta



DR. MAHUMED PACHÁ  
(Egypto)



DR. KALLIONTZIS  
(Grecia)



O NOVO EDIFÍCIO DA ESCOLA MÉRICA DE LISBOA  
*Visto do alto*

communicação de estudos e observações pessoais, ali feita e aclarada por intelligentes e francas discussões, tem nascido muita luz para o conhecimento das verdades physiologicas, para as investigações de processos morbidos e para a descoberta de novos e proficuos methodos de tratamento. O publico não medico, ao ver esse agrupamento de milhares de homens, que em todo o mundo civilisado só pensam na maneira de lhe minorar o soffrimento, quando não podem aniquilar-lhe os males que o dizimam, deve curvar-se grato e respeitoso perante esses luctadores incançaveis que agora vão n'este cantão do pequenino Portugal, permutar entre si, em proveitosa communhão scientifica, os seus conhecimentos medicos, e revigoral-os pela união de tantos esforços e de tantos estudos.

Suas Majestades El-Rei e a Rainha, comprehendendo a importancia que para o nosso paiz representa esta reunião, e a estima que merecem os membros que

a vão formar, entusiasticamente declararam tomar o congresso de Lisboa sob a sua alta protecção, dignando-se presidir á sua sessão inaugural.

#### CONSTITUIÇÃO DO CONGRESSO

Logo que, com annuencia do governo portuguez, se designou a cidade de Lisboa para a reunião que vae ter lugar, foi constituída a commissão organisadora do congresso, da qual saiu a commissão executiva, assim composta:

—Presidente, Conselheiro Costa Allemão — Secretario geral, Miguel Bombarda — Thesoureiro, Alfredo Luiz Lopes — Secreta-



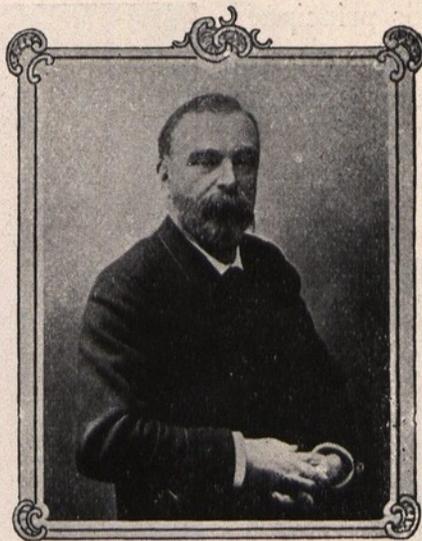
ALVARO GAYA  
*Architecto,*

*que dirigiu a construcção do edificio*

rios, Antonio de Azevedo, Mello Breyner, Azevedo Neves e Mattos Chaves — Vogaes, Daniel de Mattos, Ricardo Jorge, Silva Carvalho,



PROF. LANNELONGUE  
(França)



PROF. BROUARDEL  
(França)



DR. RICHARDIÈRE  
(França)

a publicação e distribuição antecipada dos cento e tantos relatórios já apresentados e que devem servir de base às discussões, a escolha dos

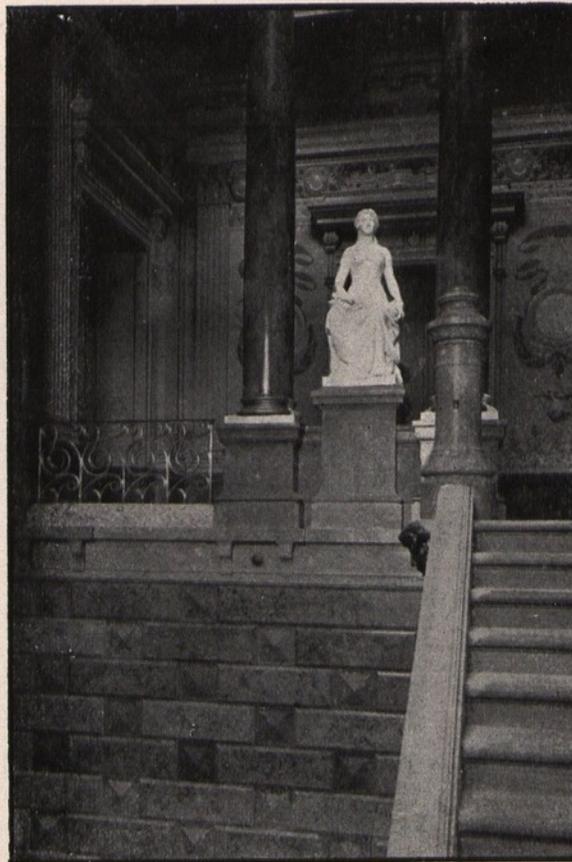
Annibal Bettencourt, Zeferino Falcão e Clemente Pinto.

A pasmosa somma de energia, dedicação e trabalho desenvolvida bem merece na verdade a consideração de todos os portugueses, porque do estrangeiro já a tem recebido nos sinceros e repetidos louvores á maneira como tudo foi organizado. Ha mesmo novidades no congresso de Lisboa, que tem sido apontadas como dignas do maior elogio, taes são a publicação desde junho de 1904 do *Boletim Official do Congresso*, a limitação das linguas officiaes (francez, inglez e allemão) para evitar a babel a que nas ultimas reuniões se assistiu,

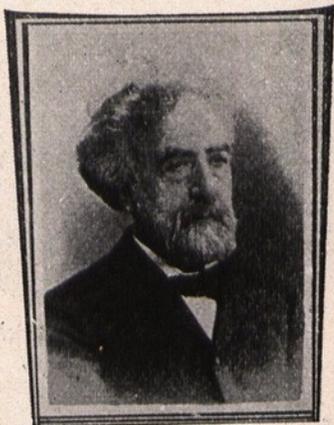
membros do Congresso, etc.

As 17 secções em que se dividirá o congresso são: — anatomia, physiologia, pathologia geral, therapeutica, medicina, pediatria, neurologia, psiquiatria, dermatologia, e syphilographia, cirurgia, urologia, ophtalmologia, laryngologia, estomatologia, otologia, obstetricia e gynecologia, hygiene, medicina militar, medicina legal e medicina colonial.

A *élite* dos medicos portugueses n'estas especialidades constitue as commissões preparatorias d'estas secções e tem já com a fino trabalho para levar condignamente a cabo a sua ardua tarefa.



Em toda a Europa e nos principaes paizes restantes estão formados *comités* especiaes que coadjuvam calorosamente a trabalhosa empreza. D'elles fazem parte as maiores notabilidades medi-



DR. JACOBY  
(Estados Unidos)

cas, que virão em abril a Lisboa, taes como: Brouardel, Bernheim, Ballet, Pavy, Ramón y Cajal, Waldeyer, Leyden, Posner, Mahmud Pachá, Chauffard, Richardière, Lomboso, Power,



ESCOLA MEDICA — SALA DOS ACTOS  
*Friço de Salgado*



ESCOLA MEDICA — UM ASPECTO DA SALA DOS ACTOS

Réclus, Brissaud, Azevedo Sodrê, Neumann, etc.

O numero de congressistas é calculado em 2:000 estrangeiros e cêrca de 1:000 portuguezes.

Entre os numerosos trabalhos que vão ser presen-



PROF. VON BERGMANN  
(*Allemanha*)

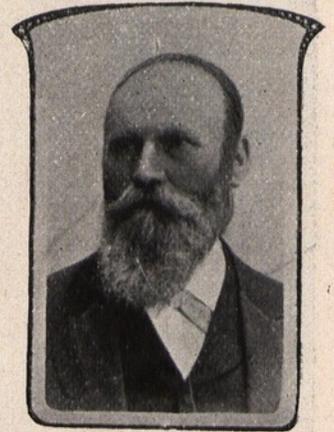


PROF. POSNER  
(*Allemanha*)

tes, far-se-hão as seguintes importantes conferencias: — Infantilismo, pelo prof. Brissaud, de Paris, — Relação

entre as doenças infecciosas agudas e a tuberculose, pelo dr. P. Aaser, de Christiania, — Causas anatomicas das recidivas syphiliticas e methodos a se-

guir para as combater, pelo prof. Neumann, de Vienna, — Anesthetics locais pelo prof. Réclus, de Paris, — Radio em biologia e em medicina, organotherapia actual pelo prof. Principe João de Tarchanoff, de

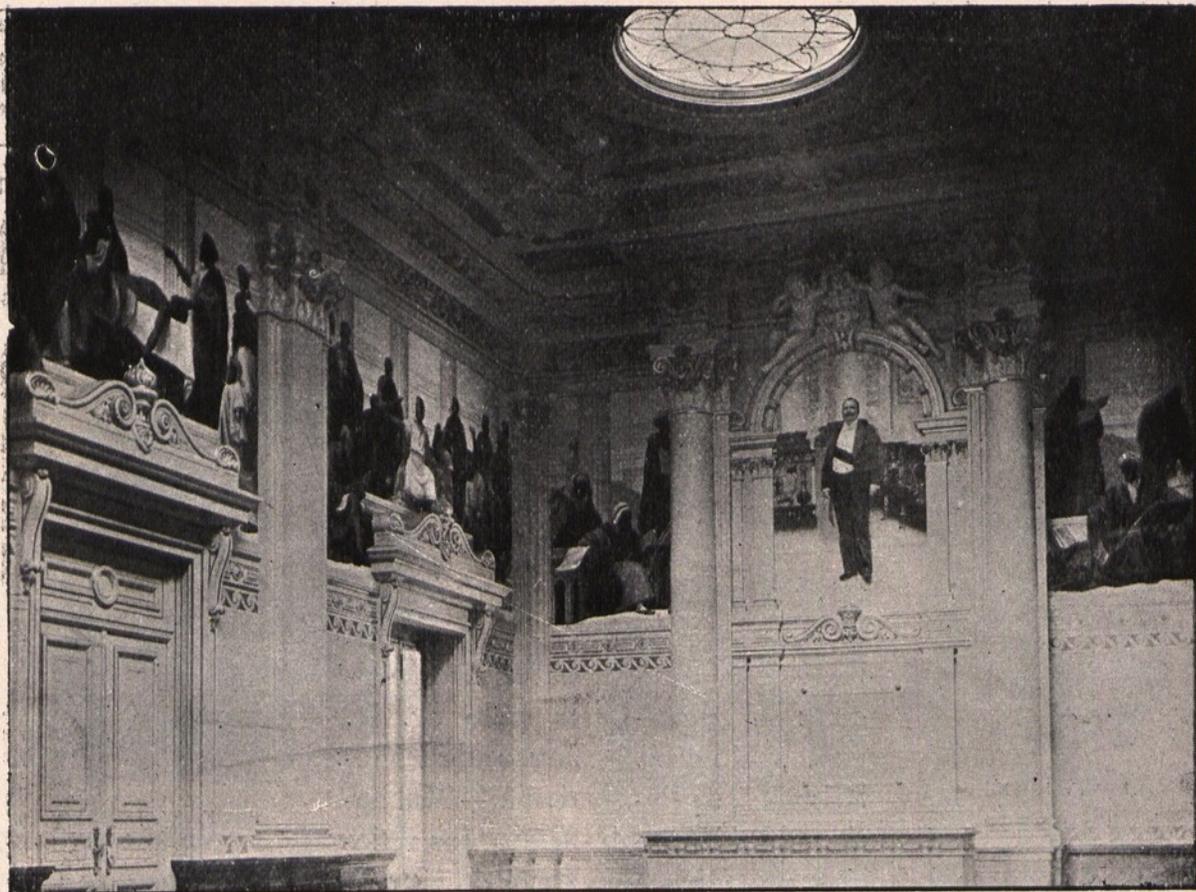


PROF. WALDEYER  
(*Allemanha*)

S. Petersburgo, — Prophylaxia da febre amarella pelo dr. R. Joyce, de Philadelphia, — Mechanismo dos reflexos e do tonus muscular pelo dr. Crocq, de Bruxellas, — Influencia da domesticação sobre as doenças dos animaes e dos homens pelo prof. Hansenwann,



OUTRO ASPECTO DA SALA DOS ACTOS



SALA DOS ACTOS — TOPO, COM O RETRATO DE EL-REI D. CARLOS  
*Friso de Salgado, retrato de Malhoa*

de Berlim, — Estudo internacional sobre o cancro, pelo dr. Nicholas Sewn, de Chicago, — Thema reservado pelo dr. J. M. Esquerdo, de Madrid, etc.

Os relatorios officiaes annunciados são em numero de 256, dos quaes 112 já estão impressos em elegantes volumes, que acabam de ser distribuidos a todos os congressistas, e as communicações scientificas sobem a algumas centenas.

Algumas d'estas communicações são de alto valor e interesse, devendo despertar grande curio-

sidade as que serão acompanhadas de projecções luminosas e cynematographicas para o que se estão montando as necessarias installações electricas.

Tudo, pois, faz prever o exito scientifico do congresso de Lisboa, e os oito dias que vão decorrer de 19 a 26 de abril proximo, epocha fixada para a notavel reunião, serão sem duvida gloriosos para a nossa capital, onde a classe medica, a par de muito boa vontade, de muito estudo e de muito amor pela sciencia e pelo trabalho, pode mos-



TRECHO DO TECTO DA SALA DOS PASSOS PERDIDOS  
*Pintura de J. Vaz*

trar aos collegas do estrangeiro installações tão perfectas como a nova Escola de Medicina, onde terá logar o congresso, e os Hospitaes do Rego e Estefania, o Instituto Bacteriologico, o Laboratorio de analyses clinicas do Hospital de S. José com a annexa installação phototherapica, o Instituto Ophtalmologico, o novo



DR. PAVY  
(Inglaterra)

Dispensario Antituberculoso, etc, etc.

#### A SÉDE DO CONGRESSO

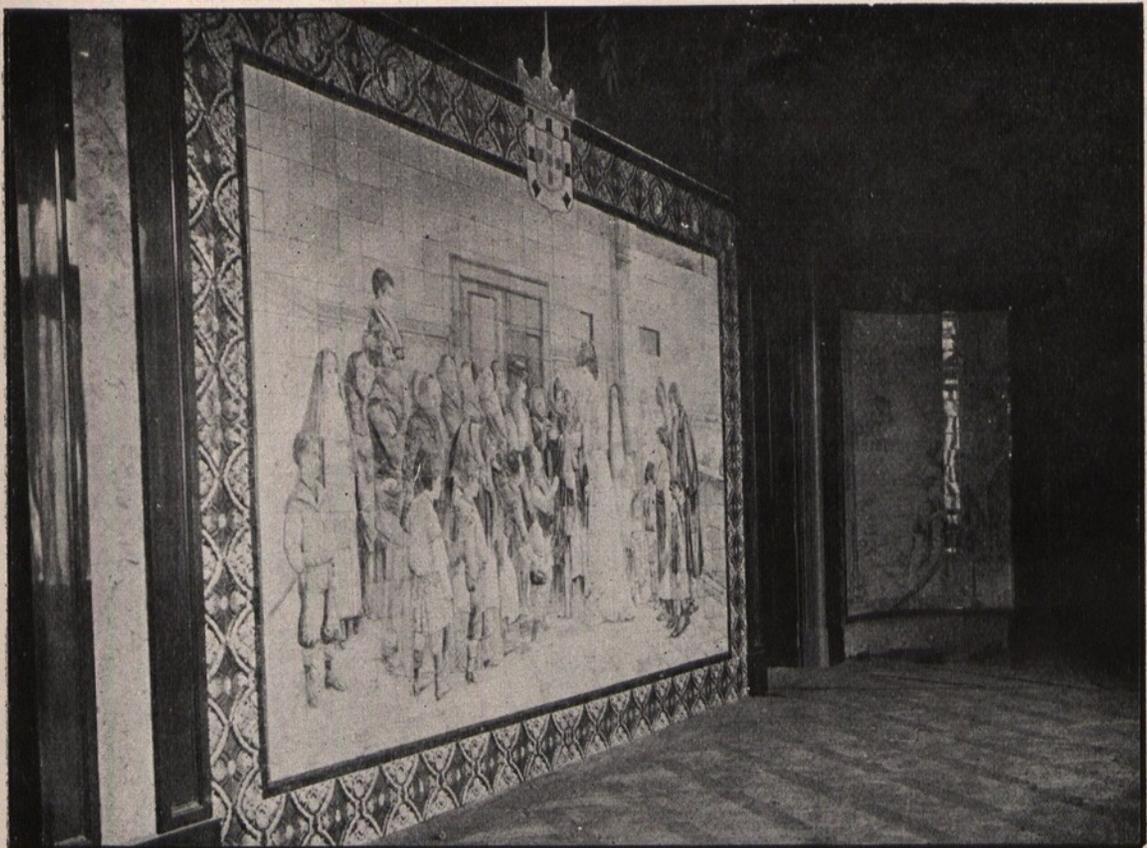
O nosso edificio da Escola Medica, situado no Campo dos Martyres da Patria, justamente no local onde foi a

antiga praça dos touros, vae ser inaugurado com o congresso de medicina. Ahi poderão ao mesmo tempo reunir,

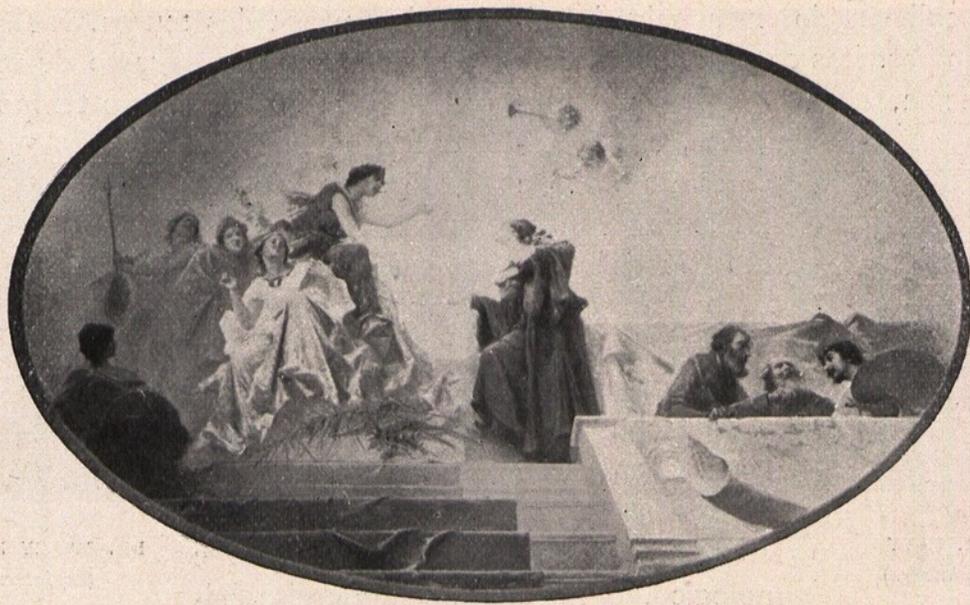
em vastas salas, as dezesete secções do congresso, havendo ao mesmo tempo uma bella sala de honra com outras duas annexas para conversa e visitas, gabinetes do presidente, do secretario geral e do thesoureiro, caixa, secretaria, archivos, sala da imprensa, sala para dactylographos, bureaux de viagens, de alojamentos, de cambios, de inscrições, de correio, de telegrapho, de telephones, galeria coberta, com guichets para distribuição, especial por paizes de insignias, impres-



DR. DARCY POWER  
(Inglaterra)



SALA DOS PASSOS PERDIDOS — Panneau de azulejos de J. Collaço



TECTO DO GABINETE REAL  
*Pintura de Malhó*

sos, convites, etc., buffete, restaurantes, oficinas de imprensa privativa do congresso, etc., etc.

É portanto uma extensa instalação, que nunca até agora se pode conseguir n'um unico edificio, e apenas as sessões magnas de abertura e de encerramento tem de ser feitas na grande sala Portugal, da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Constitue esta perfeita e ampla acomodação de todas as secções do con-

gresso, em salas visinhas mas completamente independentes, um dos varios elementos pelos quaes o Congresso de Lisboa muito deve agradar.

O novo edificio, de apparencia magnificante, está excellentemente construido, e é o unico em Portugal que se recommenda pelas artisticas pinturas de seus tectos e paredes, devidas aos bellos pinceis dos nossos Malhó, Ramalho, Vaz, Columbano, Collaço, etc.

Ao illustre engenheiro Gaia, que com





DETALHE DO TECTO DA SALA DOS ACTOS  
 *Pintura de J. Vaz*

tanta proficiencia e bom gosto dirigiu esta grande construcção, é justo prestar o mais entusiastico elogio, tanto mais quanto é á sua pasmosa actividade e energia que se deve o estar o edificio completo a tempo de se poder n'elle effectuar o Congresso de Medicina.

#### A MEDALHA DO CONGRESSO

Como todos os anteriores, o Congresso de Lisboa tem a sua medalha especial, uma bella obra de arte, gravada em Paris pelo conceituado medico Charles Richer e cunhada na nossa Casa da Moeda. Representa, como se vê pelas nossas gravuras, no anverso a sciencia desvendada pelo estudo, e no reverso, além do emblema da medicina, tem as armas da cidade de Lisboa e no fundo o arco da Rua Augusta. É de cobre prateado, e encimada por um laço de fita azul e branca. Os mem-

bros da commissão organisadora terão laços vermelhos e os delegados dos governos estrangeiros usarão laços de fita dourada.

Como alguns estudantes do quinto anno da Escola Medica de Lisboa se prestam gentilmente a desempenhar o serviço de *ciceroni* dos congressistas, ser-lhes-ha dada, como distinctivo, a medalha de cobre com a côr natural e laço de fita branca.

#### SESSÕES, RECEPÇÕES E DIVERTIMENTOS

Às 2 horas da tarde de 19 do proximo abril começam os trabalhos do congresso por uma sessão solemne presidida por Suas Majestades, e com a compareancia do ministerio e mais dignidades officiaes. Terá logar na sala Portugal, da Sociedade de Geographia, e ahi serão pronunciados os discursos de abertura pelos delegados dos governos estrangeiros.

À noute haverá recepção nas salas do Congresso, offerecida pelo conselheiro Costa Allemão, presidente da commissão organisadora.

Nos dias seguintes ás sessões simultaneas das differentes secções começarão ás 9 horas da manhã e terminarão ás 3 horas da tarde, havendo do meio dia á 1 hora um intervallo para almoço dos congressistas, que poderá ser feito no restaurante existente no mesmo palacio do congresso. Em seguida á sessão da tarde, terão logar as conferencias em assembléas geraes, que já atraz ficaram indicadas.

As noutes serão livres de trabalhos, afim de terem logar as festas dedicadas aos congressistas, entre as quaes haverá um grande jantar de gala offerecido por Sua Magestade El-Rei, uma recepção dada por Suas Magestades n'um dos seus paços, um baile offere-

cido pela Camara Municipal de Lisboa, uma recepção feita no seu magnifico palacio pelo sr. conde de Burnay, outra dada pela Sociedade de Geographia, varios jantares, etc.

No domingo 22 os congressistas irão a Villa Franca em comboios postos á sua disposição pela commissão organisadora, afim de alli assistirem ao festival agricola organizado bizarramente pelo opulento lavrador sr. José Palha. Constará esta festa de varios numeros,

entre os quaes produzirão excellente effeitos a ferra, derruba e corridas de touros, parada de algumas centenas de campinos e touros, coros populares, trabalhos agricolas feitos em larga escala, jogo do pau executado por muitos camponezes, etc.

N'um dia ainda não marcado, os congressistas serão recebidos na magnifica quinta de Monserrate, em Cintra, onde o seu proprietario lhes offerece amavelmente uma primorosa festa.

ALFREDO LUIZ LOPES.

(Clichés de Barcia, Benoliel e Piacentino)



MEDALHA DO CONGRESSO  
Gravura do Dr. Charles Richer, reverso

# Paschoa florida



LIVORADA resplandecente de luz que vinha nascendo côr de rosa das bandas do Oriente! A casita entre moitas de verdura e de flores,

era um berço de creança poisado ali n'uma onda de espumas por mão de boa fada, á espera que o encantamento se operasse e da nuvem de perfumes que por todos os lados a envol-

via, se levantasse, radiosamente bella, a linda dona d'aquelle ninho aromal e fresco, a que a primavera prestava uma luminosa auréola.

Do seio da terra, embebida ainda do orvalho matinal, um coro de fecundidade erguia-se, como um epithalamio, a saudar a natureza que despertava em festa, garrida e cheia de seiva, a borbulhar de vida por todos os rebentos das arvores, por todas as flores que pespontavam o verde esmeralda que tapetava as terras, por todas as plantas asperas e infecundas que não teem' o brilho da côr nem a symphonia alada dos perfumes.

N'este scenario deslumbrante, sob a umbel-la azul do céu e a carícia doirada do sól, a casa recolhia-se n'um silencio de impenetravel mysterio, adormecida ainda em sonhos que deveriam ser de ventura, porque as persianas engrinaldadas de madresilvas pareciam rir um riso de felicidade ciumenta, cerrando-se sobre o arrulhar dos pombos que deveriam habitar aquelle berço.

O musgo avelludado e macio amortecia os ruidos que lhe vinham cahir em cima; nem uma folha de arvore bulia; nenhum sino tinha ainda tintado no ar fresco da madrugada.

Mas o primeiro passaro acordou nos ramos das acacias floridas e soltou o seu primeiro



trinado, a principio indeciso e velado como um soluço; e, como se isto fosse um signal, as folhas agitaram-se levemente, a cabelleira perfumada das acacias tremeu e de todos os ramos do arvoredado partiu, como uma aleluia, o canto de todas as aves que saham dos ninhos, estendendo o pescoço gracioso aos beijos aromaes da manhã que abriu por cima das collinas redondas desfazendo a neblina rosada que se ia perder em novellos nas cumiadas mais altas...

...Docemente a porta da casita misteriosa abriu-se, um homem appareceu, o rosto aberto n'um sorriso, os olhos felizes espreitando, anciosos, para todos os lados. Nos bicos dos pés postou-se sob as frondes das grandes arvores amigas; e alli, por traz do tronco de um velho castanheiro venerando, immovel, o corpo espalmado contra a casca rugosa da arvore patriarchal, esperou. O mesmo silencio á ródá, apenas atravessado pelo chilreio estonteante das aves, a mesma quietação da natureza em festa. De novo um sorriso lhe arqueou os labios e de novo os seus olhos tiveram um brilho de doce e pacífica felicidade.

Poz-se então a colher braçados de flores, a esmo— as rosas rubras que põem gritos de victoria nos canteiros, as rosas-de-chá que se escondem, pallidas, denunciadas pelo seu perfume casto, as papoilas a arder, as modestas margaridas, os cravos sumptuosos erguidos nas suas esguias hastes de um verde tenro, o jusquilho quasi espiritual, o trevo recortado, a baunilha cheirosa. De cima riam as romãs pelos seus labios em sangue, e as flores de

laranjeira cahiam-lhe na cabeça orvalhando-o de perfume.

Noivos! noivos de um mez, recolhidos na sua soledade feliz, entretecida de sonhos e venturas!... A sua primeira Paschoa devia ser, naturalmente, uma Paschoa florida. Quando ella acordasse, no seu espreguiçamento de languidez, entre a espuma das rendas, abrindo os olhos vagos á luz de uma nova aurora de risos e canções, o seu primeiro olhar repousaria n'aquelle enorme ramo que elle, de surpresa, iria pôr á sua cabeceira. Via já a carita divina emergir, curiosa, d'entre o tufo nevado dos lençoes, prender os grandes olhos lyricos e escuros na moita perfumada, espraiair um sorriso, lançar-lhe os braços nús á ródá do pescoço e murmurar-lhe ao ouvido: «Amas-me muito?...»

Mas de repente elle sentiu uma vertigem, o azul do céu toldar-se d'uma nuvem, as aguas tranquilladas do lago, em cuja bórda se sentara para atar o ramo, revoltas e carregadas: lentamente ella vinha para elle, por sob o túnel das acacias floridas, erguendo alto nas suas mãos de fada um mólho de lilazes que quasi lhe cobriam os cabellos cahidos pelas costas e punham manchas tenues no seu vestido de musselina transparente.

—Não te entristeças! disse-lhe ella, passando-lhe as mãos pelos cabellos. Era uma surpresa?... Tonto! A minha é muito melhor... Repara nas rosas das minhas faces e aspira o perfume da minha carne... Em que jardim encantado encontrarias tu rosas com este colorido e perfume que tanto embriague?

DOMINGOS GUIMARÃES





AMBEM o charlatanismo tem feito a sua evolução. Os seus aspectos de hoje são já coisa muito differente d'aquillo que eram noutro tempo. E coisa tão differente, que se chega a ponto de se não saber á justa quaes são os que o são e quaes os que o não são. Designa-se agora por charlatanismo toda a impostura humana, qualquer que

seja a forma de que ella se revista. Ha o charlatanismo politico, o charlatanismo da sciencia, o charlatanismo da litteratura, o charlatanismo da arte, o charlatanismo da moral, o charlatanismo da higiene, o charlatanismo da assistencia! O charlatão deixou de ser a creatura que d'antes se convencionava, entre gente séria, achar sempre irrisoria, e á custa de quem toda essa gente séria se julgava no direito de fazer galhófa. Tornou-se pessoa respeitavel; e já ninguem se atreve a mettê-lo a ridiculo, no receio de que elle venha a ser um dia secretario de Estado e conselheiro da Corôa, chefe de um grande partido, redactor de um poderoso jornal, critico eminente, juiz do Supremo, provedor de asilo! E como ninguem sabe para o que ainda está neste mundo, e como ninguem deve dizer «d'esta agua não beberei» — póde ás vezes o diabo arranjar as coisas de maneira que eu, ou tu, ou elle, qualquer de nós, em summa, tenha de vir a precisar que o charlatão feito ministro lhe mande lavar o decreto de um emprego; ou que o charlatão, chefe de partido, o indigite ao Rei para mi-

DEITAE ALGUMAS GOTTAS D'ESTE ELIXIR N'UM COPO MEIO D'AGUA E NUNCA MAIS SABEREIS O QUE É UMA DOR DE DENTES...

nistro; ou que o charlatão, redactor do poderoso jornal, lhe defenda um monopolio; ou que o charlatão, critico eminente, lhe exalte o romance, o poema, o drama, o quadro, a estatua; ou que o charlatão, juiz do Supremo, lhe resolva bem um recurso; ou que o charlatão, provedor de asilo, o mande admittir no asilo.

Desde que se deu ao significado de charlatanismo a extensão que elle tem hoje, os charla-



O CHARLATÃO AMA O AR LIVRE, A LUZ DO SOL, OS HORIZONTES LARGOS...

tães já não têm conto. Daudet, marcando a fisionomia de Tartarin de Tarascon com os traços de charlatanismo de que é sulcado todo o character francês, dizia: «*En France, tout le monde est un peu de Tarascon.*» D. Quichote é todo o espirito charlatanesco da Hespanha. Guilherme II é, por hierarchia, o primeiro charlatão da Allemanha.

Noutros tempos, chamar charlatão a alguém era uma coisa gravissima. Nos debates dos parlamentos, nas polemicas dos jornaes, nos diz tu-direi eu, em que a exaltação dos animos chegava á altura em que o argumento costuma dar a alternativa ao pulso, o mais destemido dos contendores, polemistas ou arruaceiros, crescia para o outro, arregalava muito os olhos, dizia-lhe na cara:

—«Charlatão!»

E acabava tudo ao murro, ao florete, ou á pistola.

Tudo o mais era nada, ou era muito pouco: bandido, assassino, falsario, scelerado, fugido das galés, eram quasi lisonjas e amabilidades. Havia até quem gostasse de ser tratado de facinora. Dava mais respeito. E citava-se, por exemplo, o João Brandão.

A este respeito, como a respeito de muitos outros casos, deu o mundo uma grande volta. «Charlatão» já não offende ninguem. Charla-

tona tem sido muita gente bôa. Tem sido, e é. E tanto o é, que não cabe no limitado espaço de que pode dispôr uma publicação da indolê da nossa—como se costuma dizer—a completa enumeração de toda ella.

Nem cabe, nem convém!

Limitemo-nos, por isso, a uma das fórmias mais conhecidas do charlatanismo, a uma das suas mais pittorescas feições, aquella de que tem derivado, com o correr dos tempos, e num sentido acomodaticio, todas as outras: o charlatanismo de profissão.

O charlatão ama o ar livre, a luz do sol, os horizontes largos. Os echos da sua voz perdem-se pela infinidade da abobada celeste. Nas abas do seu chapéu, nos rebordos do seu tableiro, vêm pousar, chilrear, pintasilgos e pardaes. Erguido o seu pequeno throno forrado de setineta escarlata, trepado para elle, e rodeado do seu povo confiante e bonacheirão, o charlatão tem o ar venturoso, o semblante desanuviado, d'um rei irresponsavel. Pendem-lhe do peito, a esmo, numerosas e espaventosas condecorações, que ninguem sabe ao certo o que são—se o Tosão d'Oiro ou Izabel a Catholica, se o Merito Agricola ou o Elefante Branco—mas que rutilam tanto e tanta vista fazem, sobre o peito d'elle, como aquellas que passam sobre o peito

d'outros, em dias de grande gala, para cerimoniaes solemnes.

Elle não as ostenta por enfatuamento: ostenta-as por conveniencia. O povinho, para se deixar governar, quer que o deslumbrem. O charlatão, para poder contar com o seu povo, precisa deslumbrá-lo. E começa por se cobrir de crachás, que é precisamente o que fazem todos os reis e todos os governos para deslumbramento dos povos.

Um homem com o peito coberto de penduricalhos reluzentes, posto sobre um throno, e fazendo um discurso no meio d'uma praça ou na encrusilhada de duas ruas, fatalmente provoca a curiosidade de quem passa. O discurso, tanto pôde ser um discurso da Corôa como um discurso de comicio. Só se a gente parar, e se aproximar para bem ouvir, é que poderá saber o que elle diz. O que querem charlatães, como o que querem reis e governos, é que o povo páre, se aproxime d'elles, os rodeie. O povo pára, aproxima-se, rodeia o charlatão.

Quem é elle? D'onde veiu elle? O que diz e o que quer elle?

É elle um profeta, um apostolo, um maluco, ou apenas dissidente de algum partido politico? Sáfu elle de um sonho, de uma seita, de um manicomio, ou simplesmente do seio do Sr. Hintze? Diz elle que o mundo acaba, ou que a vida é eterna e a alma é immortal? Quer elle endireitar aquillo que nasceu tôr-

to, ou acabar de entortar o pouco que ainda vae direito?

Aproximêmo-nos. Escutêmo-lo.

Elle não é um profeta: é um positivista. Elle não é um apostolo: é um commerciante. Elle não é um maluco: é um homem de juizo. Elle não é um dissidente: é um opportunist. Veiu não se sabe d'onde, vae «para onde calhar.» Hoje aqui, amanhã acolá. O que elle quer é fazer o seu commercio, ganhar a sua vida, juntar o seu peculio. Não é ambicioso, é precavido. Arrecada para a velhice. Se fosse ambicioso, que bons meios de fazer fortuna teria elle encontrado na fecundez da sua imaginação! Houve uma vez um charlatão ambicioso. Foi o unico. Foi Rockefeller, Rockefeller, o maior millionario dos millionarios da America.

A imaginação do charlatão é uma faculdade sem igual, ingenita, só d'elle. Ninguem se faz charlatão: nasce-se charlatão. Não se é charlatão só por se querer sê-lo.

A primeira e grande condição de exito com que o charlatão entra na vida é a sua bella coragem. A fecunda imaginação, por si só, de pouco lhe serviria. Dar largas a essa imã-



TOMAE TODAS AS MANHÃS EM JEJUM UM POUCO D'ESTES PÓS NA EXTREMIDADE DA VOSSA ESCOVA...



O MESMO PREPARADO SE EMPREGA PARA EVITAR A CARIE  
OU PARA TIRAR NODOAS, CONTRA FRIEIRAS OU CONTRA INSOMNIAS.

ginação é que para elle é tudo. Para lhe dar as largas que lhe dá, o charlatão tem de ser, antes de mais nada, um intrepido. E é-o. É-o sempre. Invariavelmente o é.

O charlatão chega ao Rocio, ao Largo de S. Domingos ou ao Pelourinho, a meio de um arraial ou a meio de uma feira, arma o seu estrado, desdobra o seu taboleiro, desembrolha as suas caixas de pastilhas, os seus frasquinhos de elixires, os seus pacotinhos de pós, agita no ar a sua campainha ou põe a fôcar o seu fonografo, e aguarda a multidão. Passa um e nem olha. Passa outro, olha, e segue. Passa outro, e pára. O caso está em haver um que páre. Porque pára logo outro, e logo outro, e, num abrir e fechar d'olhos, uma duzia. Com uma duzia d'elles deante de si, já o charlatão começa:

—«Meus caros senhores, diz elle, a vida não é uma chimera. A vida é um aggregado de principios e fins, uma successão de causas e effeitos, cuja admiravel combinação e harmonia dão razão de ser á crença que cada qual de nós possa ter no seu Deus, attribuindo a esse Deus a criação de todas as coisas visiveis e invisiveis, a engrenagem de todas ellas!»

Assim ataca o charlatão, perante o seu publico, a questão grave e eterna das religiões. E este sabio respeito pelas crenças de cada um predispõe logo os animos a uma complacente audição do mais que se seguir.

«... O corpo humano — continua elle — é sem duvida alguma a mais bella peça da materia conformada, e o primeiro dever de cada ente racional é vigilar pela perfeita conservação do seu respectivo corpo. A egualdade é a grande lei da Humanidade perante a Natureza. De facto, meus senhores, todos somos eguaes. Póde a côr da pelle não ser a mesma, póde. Mas a pele é simplesmente o involucro: o preto, o amarello, o branco têm, por baixo da pelle, o mesmo coração para amar, o mesmo estomago para digerir, o mesmo rim para segregar!»

Assim resolve o charlatão o intrincado problema das raças. Se no auditorio ha um

preto, ri o preto; se ha um macaísta, ri o macaísta. E os mais, que são brancos, riem tanto como elles.

«Ora acontece, meus senhores—prosegue o charlatão—que a perfeita conservação do corpo humano demanda cuidados rigorosos e quotidianos. A limpêsa dos dentes, por exemplo, é uma das questões higienicas, para a qual chamarei muito particularmente a vossa precio-



GRAÇAS AO MARAVILHOSO INVENTO QUE VOU TER  
A HONRA DE APRESENTAR, ERA UMA VEZ UM  
GUARDA NOCTURNO...

sa attenção. Os dentes são os órgãos essenciaes da mastigação; por elles são triturados os alimentos e divididos em minusculas particulas, de fôrma a poderem ser promptamente dissolvidos pelos succos digestivos e absorvidos e assimilados... Trazer os dentes sempre limpos é poupar o estomago e poupar a bolsa. A ruina dos dentes é a fortuna dos dentistas! Comprae-me uma d'estas pequenas caixas de pós, e um d'estes vidros de elixir: tomae todas

para o cabello, ou um preparado para evitar a calvie. Se não é qualquer d'estas coisas, é um remedio contra os calos, contra as nevralgias, contra a caspa. E tão variadas, tão multiplas são, ás veses, as virtudes do producto químico ou do preparado farmaceutico, que o mesmo preparado ou o mesmo producto é egualmente efficaz quando se empregue para evitar a carie ou para tirar nodoas, contra frieiras ou contra insomnias!

De dias a dias, de tempos a tempos, o charlatão exhibe uma novidade do seu commercio — um sacca-rolhas de novo sistema, um canivete de nova mar-



O «DERNIER CRI» DO CHARLATANISMO:  
INTERMEZZOS PHONOGRAPHICOS NO «BONIMENT» D'UM DULCAMARA FEMINGO.

as manhãs, em jejum, um pouco d'estes pós na extremidade da vossa escova e esfregae com elles os vossos dentes, os vossos preciosos dentes! depois, deitae algumas gottas d'este elixir num copo meio d'agua, e bochechae demoradamente... Nunca mais sabereis o que é uma dôr de dentes, o vosso halito terá o perfume das rosas, a comida que ingerirdes cairá com suavidade no vosso estomago, e ahí será recebida optimamente—como o grande Elias! Cada caixinha de pós—um tostão. Cada frasco de elixir—doze vintens!»

Se não é um pó ou um elixir para os dentes, é um sabonete para a barba, ou uma pomada

ca, um corta-unhas de novo engenho. Antehontem, no Pelourinho, havia um que contava as incomparaveis vantagens de certo invento a que elle chamava «aparelho para subir escadas sem auxilio de guarda-nocturno».

—«Durante muitos seculos—dizia elle—a humanidade viveu na persuasão de que o guarda-nocturno correspondia a uma insuperavel necessidade publica. Ninguem ousava subir ao seu quarto andar ou á sua agua-furtada depois das dez horas da noite sem se fazer acompanhar pelo seu guarda-nocturno. O guarda-nocturno era um parasita com que todos nós embirravamos, mas a quem todos nós eramos



O CASO ESTÁ EM HAVER UM QUE PÁRE. PORQUE PÁRA LOGO OUTRO, E LOGO OUTRO, E, N'UM ABRIR E FECHAR D'OLHOS, DUZIAS D'ELLES...

obrigados a dar palmas, como acontece com certos dramas e comedias de auctores de quem somos amigos... Hoje, graças ao maravilhoso invento que vou ter a honra de pôr dêante dos vossos olhos, era uma vez um guarda-nocturno! O guarda-nocturno custava-nos pelo menos, dois tostões por mez; o meu «aparelho para subir escadas sem auxilio de guarda-nocturno» custa apenas quatro vintens, ou para melhor dizer dois patacos, e chega para dois meses!»

Depois tirava do taboleiro uma coisa, e mostrava-a no ar, nas pontas dos dedos, descrevendo um arco no espaço: era uma ponta de pavio embebida em petroleo, num canudinho de latão...

Todo o charlatão parece ter nascido do coito de uma cigana com um caixeiro-viajante alemão. Quem lhe apalpasse a superficie dos ossos do craneo encontrar-lhe-ia, na protuberancia da astucia, como a anormalidade de dois caroços num fructo, a ardilosa sagacidade da mãe e o talento paterno da patranha.

Outros grandes exploradores da industria,

de universal renome, nunca teriam passado da chamada cêpa torta, se não houvessem lançado mão de todos os formidaveis artificios do reclame, que se pagam por milhões, que custam rios de dinheiro. Foi-lhes preciso encher, com o annuncio da sua mercadoria, paginas compactas de jornaes, paredes inteiras de predios, milhares de folhas de livros. Foi-lhes preciso ir pendurar esse annuncio no alto das mais elevadas torres, collá-lo na encosta dos montes mais ingremes, espetá-lo no cimo das mais guindadas montanhas, deixá-lo cair do firmamento por meio de aerostatos. Foi-lhes preciso ir pô-lo na bôca de crateras, estendê-lo no fundo de abismos. Foi-lhes preciso fazê-lo cantar por poetas, estilísá-lo por artistas, chamar para elle a attenção de imperadores e reis. O chocolate Mesnier, o vinho Mariani, a emulsão de Scott, os automoveis de Peugeot, as machinas Singer, nada seriam sem o esphafato dos seus cartazes, dos seus prospectos, dos seus disticos; sem o testemunho de Coquelin que disse não haver melhor chocolate que o do seu amigo Mesnier, ou de Pio X que con-

fessa ter chegado a papa graças ao vinho de Mariani, ou de Affonso XIII que se fortificou com a emulsão de Scott, ou do Senhor D.

*boniment*. Elle e o seu throno, o seu taboleiro, o seu fonografo ou a sua campainha. Elle e a sua verve. O seu cartaz é a sua propria figura,



DE TEMPOS A TEMPOS O CHARLATÃO EXHIBE UMA NOVIDADE DO SEU COMMERCIO.

Carlos que prefere a todos os automoveis os automoveis de Peugeot, ou de Sarah Bernhardt que não quer outra machina de costura que não seja a de Singer.

O charlatão—é só elle! Elle, e o seu *petit*

com o seu chapeu alto ou o seu barrete turco, o seu grande bigode preto, as suas gran-cruzes e as suas medalhas, o seu sorriso e o seu gesto. Elle, elle, e só elle!

Perdão: elle—e o seu publico.

*Clichés Benoliel*

ALFREDO MESQUITA



# Se a mocidade soubesse . . .

VI

## A AVESINHA CASEIRA



RA de tarde, em Cassel, capital do improvisado reino da Westphalia.

Os dois estavam em frente um do outro na sala meio arrebicada ao gosto francez, meio tosca á moda allemã. Todos os quartos d'aquella hospedaria tinham visto, sem duvida, muito da comedia e muito da tragedia que abundam na vida; difficilmente, porém, as paredes da Aguia Imperial presenciariam lances de paixão mais intensa do que essa que fazia vibrar as duas existencias juvenis, que o destino cruel tornara seu juguete, n'aquelle dia.

De novo estavam renuidas as duas creaturas, que se tinham desposado por amor, mas que o despeito mesquinho de uma mulher apartara uma hora depois do casamento. Ambas haviam anciado irresistivelmente pelo instante em que se tornariam a ver. Desde que estava na Aguia Imperial, quantas vezes Sidonia, ao pé da janella do pequenino quarto, relanceara os olhos para a rua, como se esperasse por algum ente querido!

A tia Betty bem lhe tinha demonstrado, com argumentos irrefragaveis, que o perdido noivo a desposara sem amor, movido apenas da compaixão; ella mesma lhe havia escripto que nunca mais o veria, e que o seu casamento não era um verdadeiro casamento; apesar de tudo, emquanto olhava para a rua, conservava no dedo a alliança, como se lhe desse o maior apreço.

Pois n'este novo encontro, parecia que estavam ambos na intenção de mais uma vez se deixarem atraioçar pela propria intensidade dos sentimentos que os dominavam. Quanto melhor não fôra que evitassem explicar-se! Um toque d'uma mão tremula em outra mão, e tudo ficaria dito e comprehendido. Infelizmente o dom funesto da palavra tem alheiado mais existencias, que mutuamente se buscavam, do que longos annos de silencio.

Quando o conde Estevam Lee de Waldorf-Kilmansegg chegara apressadamente ao pateo da hospedaria, em procura da esposa errante, trazia o coração a pulsar de amor terno e arden-

te. Logo, porém, que viu o rosto de Sidonia, marmore branco e immovel, pareceu gelar se-lhe nas veias a onda de fogo que o arrojara para ella. E comtudo, pobre creança! era justamente o recondito alvoroço da sua alegria, que lhe mantinha mais glacial a fria apparencia, emquanto o marido não se desse a conhecer pela palavra, certificando-lhe que podia acreditar na felicidade.

Assim ficaram na presença um do outro. Sidonia desviou os olhos, pensando que os braços de Estevam promptamente a cingiriam outra vez. Esmorecia toda por aquelle momento. Nada se lhe aproximou, nada a cingiu, a não ser um sentimento, cada vez maior, de frio e desolção. O som distante dos tambores e clarins das tropas do rei Jeronymo marchando para a parada, o chilrear dos passaros nas arvores do pateo, as asperas risadas da creadagem fluctuavam no ar e entravam pela janella aberta.

Voltou-se, com um olhar de cruel interrogação, para o seu esposo de uma hora e perguntou-lhe em voz forte:

—Porque veio aqui?

No espirito de Estevam deixou logo de vislumbrar a esperanza. O seu altivo sangue e tradições inglezas mal supportavam a competencia com quem só deveria ter os encantos feminis, e curvar-se-lhe com submissão. E o que n'elle havia de austriaco, ainda mais depressa o fazia assomar-se, do que se se tratasse apenas de um puro bretão. Respondeu em tom aspero:

—Porque já é tempo de acabar com este dispauterio. Porque é minha mulher. Porque não lhe consinto que vagueie por esse mundo, especialmente, louvado seja Deus! em logar como este, e sem melhor guarda que a da burgravina Betty!

Subiu de novo a côr ás faces de Sidonia, que estremeceu e ficou de olhos incendidos, quando ouviu o tom de desprezo com que foi pronunciado o nome da mulher do tio Ludovico. Replicou-lhe, procurando dar firmeza á voz, que vibrava consoante as palpitações do coração:

—Em todo o caso o sr. conde esteve para confiar a sua honra a minha tia. Como é generoso referir-se a ella d'esse modo!

—Generoso!—exclamou Estevam, já completamente dominado pela colera.—Devéras pretende dar-me lições de generosidade, tendo-me repellido, sem me permittir qualquer explicação! E é a minha noiva!...

—Pois muito bem! Estou prompta a ouvi-lo. Explique-se!—redarguiu Sidonia terminantemente, no auge da excitação.

Estevam recuou com altivez e ficou pensativo durante segundos.

Alguem que se havia tornado o seu amigo mais intimo, posto que ha tão pouco tempo e por mero acaso o conhecesse, o modesto rabequista ambulante, bem o avisára d'aquelle afflictivo lance. Ainda lhe resoava ao ouvido a phrase: «Vá dizer-lhe a pura verdade!» Mas se lhe dissesse a pura verdade, que era tão desagradavel, poderia convencel-a? Convençel-a-hia, se fosse capaz de confessar-lhe: *Sua tia Betty veio offerecer-se ao meu amor, que não existia... collocar-se debaixo da minha protecção. Como podia eu esquivar-me?*

Era coisa facil, oh, se era! para o vagueante mentor aconselhar-lhe paternalmente: «É um rapaz de bem! Vá dizer-lhe a pura verdade!...» Mas se um fidalgo tem atraz de si longas gerações de fidalgos, cada uma das quaes pautara a vida pelo código convencional do ponto de honra, a que os fidalgos obedecem, não póde facilmente, ainda que se trate do que mais preza no mundo, obrigar os labios a formarem palavras, que denunciem uma mulher relativamente a factos passados com elle proprio.

O *groom* estava em baixo, no pateo, a lavar o cavallo, e cantava uma modinha por entre o chapinhar da agua e o tilintar do balde. Os dois que se encaravam, com o amor e o odio a transbordar dos tolos corações, tinham ja ouvido aquella musica em momentos mais felizes, tocada na rabeca do vagabundo Hans. Causou-lhes agora uma impressão pungitiva.

—Afinal a tia Betty contou-me apenas a verdade, se bem que um pouco tardiamente. A prova é que o sr. conde nada me diz em contrario!—murmurou Sidonia, por entre os dentes, que se apertavam para reprimir um soluço.

—Digo-lhe sómente—redarguiu Estevam, apurando-se e olhando-a com desdem—que lhe ordeno, como seu marido, que me acompanhe!

Sidonia indicou-lhe a porta.

—Sr. conde de Wardof-Kilmansegg, espero ainda hoje receber do tribunal noticias a respeito da annullação d'essa inconsiderada cerimonia, que me tornou sua esposa. O meu advogado hade ir procura-lo.

—Minha senhora—respondeu Estevam exasperado, mas curvando-se com elegancia—tenciono ficar n'esta hospedaria. Portanto não haverá difficuldade em saber-se onde podem encontrar-me. O que me parece é que essa annullação difficilmente se realizará, sem o consentimento de ambas as partes.

Ditas estas palavras sahiu, fechando a porta entre ambos.

—Não me ama! Nunca me teve amor! Só tem orgulho!

Eram para o seu coração despedaçado estas queixas; ainda assim parecia-lhe um allivio o saber que tinha Estevam perto d'ali, debaixo do mesmo tecto.

\*

\* \*

O novo hospede, ao passar uma vsta de olhos ao quarto que lhe tñham dado no *Aigle Impérial*, nem por sombras imaginava que por baixo d'elle justamente, Betty de Wellenshausen estava em preparativos de partida; que se arrumavam as malas e apromptava tudo para a mudança immediata da burgravina, da sobrinha e dos criados para os aposentos do palacio real onde o burgrave, seu esposo e chancellor do rei Jeronymo, a esperava com impaciencia.

Depois de fazer o ajuste com o estalajadeiro, o conde sahiu em busca do rabequista Hans, seu companheiro de jornada. Estava ancioso de movimento e de ar livre. Na perturbação que o dominava, não havia para elle outro recurso. Adivinhava que ia ouvir terriveis censuras áquelle homem inflexivel, por ter desaproveitado lamentavelmente a situação. Por outro lado, esperava merecer-lhe applausos em razão de se ter resolvido a vigiar pessoalmente sua mulher.

No seu cerebro excitado fluctuavam planos vagos de arrancar d'ali á força a teimosa noiva. Para esta empreza romanesca podería certamente contar com o entusiastico auxilio do musico ambulante, cantor da mocidade, e da loucura que lhe é inherente.

\*

\* \*

Na cidadesinha pardacenta acotovellava-se

a mais heterogenea turbamulta: parasitas da côrte, austriacos e italianos; aventureiros francezes e corsos; soldados de nacionalidades tão variadas como os uniformes deados pela escandescida imaginação de Jeronymo grana-

mesquinho serviço que lhes davam agora, bisonhos recrutas da Westphalia, palmilhando as ruas, cabisbaixos, em sombrio descontentamento. Espectaculosos diplomatas passavam devagar, com fardamentos pomposos: graves



SIDONIA INDICOU-LHE  
A PORTA

deiros — os ultimos de seu irmão, ephemero rei da Hollanda — de fardas vermelhas; admiraveis *hussards* azues, francezes na maior parte, de bella apparencia, grandes palradores, os mesmos que Estevam tinha visto passar em debandadada perseguidos pelos cossacos, lembrando o sagarço marinho levado pelo temporal; *dragons d'Espagne*, verdes e côr de laranja, severos, emmagrecidos, fartos de guerra, interceptados abusivamente na marcha em que iam juntar-se ao seu guia imperial e cheios ce desdem pelo rei de pechisbeque e pelo

academicos, com as palmas verdes alastrando as bandas das compridas casacas, testemunhavam que o *manosinho* Jeronymo ainda arremedava o seu grande irmão.

A caminho do mercado seguiam os campo-

nezes, de meias azues, colletes encarnados e chapéus de grandes abas. Passavam por Estevam desageitadas raparigas da aldeia, e damas formosas, reclinadas em carruagens de luxo. E um enxame de lacaios, postilhões, *chasseurs*, com toda a insolencia propria dos serviçães de amos dissolutos, acotovelavam-n'o com a ancia de passarem para a frente, ou faziam a respeito d'elle desabusados commentarios. Se não estivesse tão absorvido pela dõr intima, notaria, em volta de si, a despeito d'aquellas manifestações de alegria e opulencia, certos indícios de cataclysmo imminente... a rapida passagem de um ou outro correio; o aspecto preocupado de alguns officiaes; os grupos que se formavam pelas ruas e que dispersavam á approximação da policia; o cantar provocador dos estudantes; o mutismo rabujento dos habitantes mais pobres; e, acima de tudo, o que havia de febril e exaggerado no contentamento das classes dirigentes. Do paço de Jeronymo sahiam alegres ruidos que se repercutiam pela cidade; ninguem tinha ouvidos, dentro d'aquelles muros, para escutar os echos que reboavam desde Dresden e Leipzig.

Estevam procurou com persistencia, mas em vão, o seu amigo rabequista. Profundamente desalentado voltou para o *Aigle Impérial*, onde soube que o estalajadeiro acabava de perder os seus melhores hospedes, nas pessoas da nobre burgravina Betty e de sua sobrinha a baroneza de Wellenshausen.

Sidonia debaixo dos tectos de Jeronymo!

Havia n'aquella noite concerto no paço real.

Na sala onde se davam estas festas é que Sidonia foi, por ordem superior, apresentada a Jeronymo.

Quando se ergueu, tendo feito uma mesura ao soberano, por cuja realza, no seu rude patriotismo e herdada tradição de raça, não sentia submissão nem respeito, encarou com elle, e viu-lhe os olhos a luzirem, fitos nos seus com um brilho de fogos fatuos. Afastou a vista para se esquivar á impertinencia, e cruzou-a com a do monteiro-mór, o coronel d'Albignac, que tambem desempenhava as funcções de estribeiro-mór, e cuja alentada figura sobresahia muito á do pequenino amo. Mirava-a egualmente com grande insistencia, lembrando animal feroz que se revê na presa. O coração da donzella confrangeu-se n'um duplo terror.

—Folgo muito—disse o rei—de ver finalmente, pelos meus proprios olhos, a joven herdeira de Wellenshausen, em cuja encantadora

peessoa está investido o direito da posse de grande parte dos meus dominios.

Disse isto em allemão, com pronunciado sotaque francez, e accrescentou carinhosamente na sua lingua materna:

—Bem vinda seja á minha côrte, mademoiselle de Wellenshausen.

Betty, que tinha escoltado até á sala de audiencia a sobrinha de seu marido, logo percebeu que o olhar do rei mal deslisara por ella—pela burgravina Betty de Wellenshausen!—para se empregar completamente na bisonha rapariguita. Tornou-se livido e immovel o seu rosto, por effeito da maior commoção de quantas podiam assaltal-a: a da vaidade ferida.

—Vossa Magestade enganou-se—retorquiui Sidonia. E a voz soou-lhe, aos proprios ouvidos, como o pipilar de um passarinho, mas firme e clara.—Eu sou a condessa de Waldorf-Kilmansegg.

O decoro apparente é de regra, mesmo nas côrtes mais novatas; comtudo Sidonia poude sentir, até ao intimo, o effeito produzido por aquella participação. O semblante de Jeronymo transtornou-se de subito, como o de creança estragada pelos mimos, ao ver-se contrariada. Fitou um olhar de colera no seu chancellor. Entumesceram as veias que sulcavam a testa carmezim do estribeiro-mór.

Sem poder reprimir o despeito, a burgravina disse com voz penetrante:

—Vossa Magestade já conhece o estado em que se acham essas coisas actualmente. Foi tudo originado por um disparate quixotesco da parte de meu primo, o conde Kilmansegg... Levou-o a tão impensada resolução esta creança, infringindo as regras que lhe impunha o legitimo orgulho e o recato feminino, e desviando-o do que lhe dictava a boa razão.

Ao proferir estas ultimas palavras, dardejou contra a sobrinha um olhar furibundo, e tocou a occultas com o cotovelo no braço do burgrave, que disse immediatamente, com voz de baixo profundo:

—O processo de annullação já está em andamento.

Jeronymo recuperou o bom humor, do que deu mostras esfregando as mãos. A despeito das suas pretensões realengas, não conseguia banir a exuberancia de gestos que é habitual nos corsos, offendendo com isto o melindre aos mais pechosos dos seus subditos.

— *Il faut aller vite, vite, alors!* — ordenou com entono.

Andar depressa e gosar, eram effectivamente as praxes constantes da sua existencia. Vinha a approximar-se-lhe implacavelmente—parecia—uma quaresma de inexcedível rigor, e por isso tanto mais vertiginoso era o seu carnaval. Tão vertiginoso que a propria rainha, verdadeira allemã, filha do Wurtemberg, que fechava os olhos para não ver, fugira do turbilhão, estonteada e anhelante, e fôra buscar abrigo em Napoleonshöhe, á espera de que o seu real esposo recobrasse o bom senso.

Eis o motivo por que era unicamente o soberano quem presidia á iniciação de Sidonia no viver da côrte.

Quando o viu afastar-se, falando animadamente com o burgrave, enquanto Betty muito desembaraçada, se apossava do coronel d'Albignac, a noivasita, sem darem por ella, escoou-se para um recanto sombrio do salão exuberante de ornatos. A dôr, que lhe tinham causado as palavras da tia, fôra tão pungente, no principio, que, para não desmaiar tivera de amparar-se aos moveis, e de chamar a si toda a energia. Então o seu espirito, naturalmente vivaz, e, n'aquella noite, extremamente excitado, começou a trabalhar. Conheceu que um perigo a ameaçava... um perigo que ella não sabia bem qual fosse. Adivinhou, porém, que era uma coisa horrível, mysteriosa. Os olhares que o rei e d'Albignac tinham fixado n'ella, e trocado um com o outro, mostrando que se entendiam de um modo repugnante; o obsequioso empenho com que o tio se referira á annullação do casamento, e o insulto que sua tia lhe fizera, eram outros tantos clarões que lhe mostravam o precipicio escancarado a seus pés, no meio da escuridão. E não tinha uma creatura amiga a quem podesse recorrer... a não ser o homem que não a amava, e um pobre musico ambulante, que iria áquella hora por algum caminho da Thuringia, tocando arias alegres no rhythmo da sua incuravel melancholia.

Apertou as mãos sobre os globos dos olhos, porque já não podia supportar a claridade das luzes.

Encostada a uma pilastra recamada de doirados, sentiu a orchestra, que estava perto d'ali, occulta por um massiço de flores, romper n'uma alegre modinha franceza, o que lhe

exacerbou mais ainda o sentimento da sua profunda desgraça.

Aquellas palavras do tio: «O processo de annullação já está em andamento», como que lhe bailavam no cerebro, ao compasso da musica. Quasi a mesma phrase dissera a Estevam, mas esta agora tinha um sentido de despietosa crueldade, inteiramente novo para ella; e quando os cornetins repetiram o motivo tocado primeiramente pelas rabecas, foi como se estivessem proclamando ao mundo a vergonha indizível que a opprimia.

Pois era possivel que houvesse alguém tão abandonado e desprotegido? Como a sua alma se expandiu ao pensar no abrigo puro e verde dos bosques, nas perfumadas alamedas dos pinhaes, com extensas manchas cortando as amarellas clareiras; nas enormes brenhas sombrias, onde não poderia penetrar o mais experiente caçador em perseguição de uma corça louca de medo... A alvorada nos bosques, no meio do gorgear dos innocentes passaritos, que esvoaçam incessantemente, enquanto a brisa sopra em liberdade, embalsamada com o perfume das violetas e fazendo tremeluzir ainda mais sobre o musgo as perolas do orvalho... O entardecer na floresta, o meigo sol a occultar-se nos confins do valle, e trespassando ainda as ramarias... o tordo a cantar a derradeira antiphona, no tronco mais alto do robusto pinheiro... O cheiro da lenha que arde na lareira da casa sumida entre as arvores, onde a tia Friedel, a mãe da floresta, está fazendo a ceia para os filhos, que não tardam a chegar mortos de fome, e onde tudo respira saude, honestidade, conchego; onde, quem sabe? estaria áquella mesma hora o Geiger-Hans, sentado ao pé do lume e tocando a sua musica estranha, em que a alegria se entrelaça com a dôr, e a zombaria com a ternura, e que, escapando-se atravez da porta escancarada, irá fluctuar ao longo da nave magestosa do arvoredor!—N'este scismar, a donzella foi-se a pouco e pouco libertando das suas maguas. Viu o sol nascer na floresta, sentiu a paz do cahir da noite.

De improviso estremeceu n'aquelle recanto solitario, e, abrindo os olhos, passou furtivamente as mãos pelas palpebras humedecidas.

De certo estava sonhando. E comtudo juraria que adejava nos ares o som da rabeca do musico ambulante, com a sua penetrante suavidade, e profundeza incomparavel.

«Allons voir danser la grande Jeannes» bramia a orchestra, mas acima do grasnido das

mente distincto, o queixume da aria montezina, a um tempo pathetico e alegre, a *modinha de Si-*



PORQUE NÃO VAE TER COM SEU MARIDO ?

rabecas, do gargalhar escarninho do oboé, do rythmo desagradavel da flauta e do tambor, deslisava harmonioso, embora perfeita-

*donia*, como entre ella e o musicose havia ajustado.

Se não estava a sonhar, é que tinha enlouquecido!

N'isto *La grande Jeanne* acabou de dançar, com grande estrepito e rufos de tambor, mas continuou a sentir-se, meio abafado, o som de um unico violino; e acima do clamor das risadas e da vozeria dos convidados, a donzella foi sempre ouvindo a sua modinha a chamal-a, a chamal-a, com a afflictiva persistencia de quem tivesse um grande desejo de falar-lhe.

Sem perfeita consciencia de que fazia, Sidonia escapou-se do esconderijo e, atravessando pelo meio da multidão indifferente, obedeceu áquella chamada. Todos os musicos da orchestra, menos um, tinham descido do estrado; por traz de um grupo de palmeiras, o que ficara ia passando o arco na rabeça, suavemente, em segredo, como se estivesse a ensaiar-se.

Sidonia desviou para os lados as folhas das palmeiras. O musico voltou-se. Os olhares dos dois encontraram-se.

Adivinhou tudo. Hans vinha salva-a. Que amigo verdadeiro!

Com os olhos a brilharem e o riso a illuminar-lhe a physionomia, disse por entre a verdura das palmeiras:

—Eu bem sabia que era o meu bom Hans!

E pasmou de si para si, por ter crido que elle a abandonasse quando lhe era tão necessario.

O musico não lhe retribuiu o sorriso. Tinha severo aspecto o seu rosto, que parecia outro, debaixo do cabello empoado, e por cima do uniforme côr de amora, bordado a prata.

—*Madame* Sidonia, que está aqui fazendo?

Disse com tristeza estas palavras, que o violino acompanhou com um melancolico *pizzicato*, sob os dedos inconscientes do artista.

Sidonia fitou n'elle os olhos infantis. Estava meio zangada, de ver que Hans, em quem sempre encontrara applausos, a censurava. Ao mesmo tempo agradava-lhe aquelle honroso tratamento de «*Madame*». A tontinha prezava no seu intimo a honra que engeitava publicamente.

—Não sabe que logar é este?—proseguiu o artista com maior severidade.—Que gente é essa que a rodeia? Nunca ouviu dizer que, se é duvidoso que alguma mulher honrada, excepto a infeliz rainha, tenha entrado pelas portas d'este palacio, é absolutamente certo que nenhuma ainda por ellas sahiu? Porque não está com seu marido? Porque?

Sidonia tinha curvado a cabeça córada e cheia de vergonha, pois na verdade sentia, com todas as fibras sensiveis, o perigo a esvoaçar-lhe ao redor, mas aprumou-se ouvindo aquellas ultimas palavras, ditas asperamente e retorquiu com força:

—Geiger-Hans, eu não tenho marido. Sa-be-o perfeitamente. Tudo isso acabou.—O coração começou a bater-lhe apressado, e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas.—Por dó não quero que nenhum homem case comigo. Por dó é que me tomaram para esposa! Não accitava, se o tivesse adivinhado. Mil vezes antes morrer!

—Morrer!—exclamou o musico, ferindo as cordas de modo que parecia que choravam.—A morte é o ultimo dos males... não, é o allivio de uma alma pura e altiva... chega a ser alegria. O final peor da vida, não é a morte. Cautela!—Mudou novamente de tom: nunca tinha falado com Sidonia tão severamente. Se ha creança egual!... Só um espirito infantil, como o seu, pode ignorar que se não trata agora de um mal para a creança, mas sim de um perigo para a mulher. Com que anciedade cheguei até aqui, para salva-a de si mesma... e com que trabalho!... O que me valeu foi que os ratos já vão fugindo da casa prestes a desmorronar-se e encontrei o segundo violino da orchestra de Jeronymo, um conhecido velho... O rato musical ia em plena debandada, justamente quando eu me dava a perros para descobrir maneira de me approximar de Sidonia. Ahi tem porque me vê com o libré do *Parvenu*. As prisões estão atulhadas de gente e Jeronymo tem medo de mim. Olhe elle, ou algum dos seus espiões, para o logar onde estamos, reconheça-me, e dentro em pouco o Geiger-Hans estará fechado tambem a sete chaves. E que será então de madame Sidonia! Volte para seu marido! Diz-me que não com a cabeça? Olhe que foi o orgulho que fez cahir o anjo... e era a Estrella de Alva!

—Não sei o que quer dizer.

—Já sabe, sim, já sabe. Que tumulto infernal não irá aqui, antes de cahir a casa! Jeronymo está planeando o seu ultimo passatempo. Não viu como elle a contemplou? Só tem para salvaguardal-a o nome de seu marido, e a sua nacionalidade austriaca, que é agora sagrada para esta gente. E quer perder esse nome! Vão fazel-a Madame d'Albignac. O titere pouco mais tempo será rei,

e como o seu estribeiro-mór não tem duvidas a tal respeito, consola-se com a ideia de salvar alguma coisa do naufragio. Sidonia e a sua riqueza são uma recompensa para um e outro... Assim foi ajustado entre ambos.

—Não comprehendo!—balbuciou a donzella, toda a tremer, segurando-se á haste de uma das palmeiras. N'um impeto repentino, supplicou-lhe:—Leve-me d'aqui! Salve-me!

—Não posso!—respondeu-lhe o artista. Era aspera a sua voz, mas tremia; aspero foi o som que elle arrancou das cordas.—Não sou eu, é seu marido quem pode salva-la. Vá ter com elle!

E começou a tocar com furia, porque voltavam já os outros musicos. Alguns olharam com curiosidade para aquella senhora tão fina, que estava falando familiarmente com o seu desconhecido collega.

Sidonia voltou-se. Muitos dos convidados tambem olhavam para ella. Ao longe Jeronymo e d'Albignac conversavam um com o outro, e—pareceu a Sidonia, mas talvez fosse obra da sua imaginação—buscavam-n'a com os olhos.

Invadiu-a um terror panico. Nem mesmo assim, porém, deixou de ser leal.

Não devia dizer mais nada ao musico, pois o contrario seria expol-o ao maior perigo. Preso o Rabequista-Hans, o seu amigo, o eterno vagabundo! Preso por causa d'ella! Isso nunca! Girou sobre os calcanhares e foi ás cegas, como a caça quando perseguida, rompendo atravez da multidão, a buscar abrigo nos aposentos do chanceller. Algumas pessoas tocaram com o cotovelo nas que lhes ficavam perto e falaram baixinho. Á porta, uma senhora de idade, de cabello todo branco e faces niveas e rosadas, segurou-a pelo vestido.

—Quem é, meu amor, e aonde vae com tanta pressa?

—Oh! Pelo amor de Deus, minha senhora, deixe-me ir. Chamo-me Sidonia de Kilmansegg e vou ter com minha tia.

Apesar da agitação em que estava, não se esqueceu do nome que podia servir-lhe de escudo.

—Está bem! Está bem!—respondeu-lhe a outra. Não ha motivo para tamanho susto. Se alguma vez precisar de auxilio, não tem mais que procurar *Madame la grande Maréchale de la Cour*. Sempre lhe poderei dar algum conselho ou prestar-lhe qualquer obse-

quio. Ah! Sympathiso muito com as meninas da sua idade.

Tinha na voz o rom rom felino, e não era desagradavel o seu sorriso. Sidonia foi d'ali mais socegada. Se lhe faltasse a protecção dos parentes, ainda lhe restaria outro meio de salvar-se, sem descer á humilhação inadmissivel de voltar para o homem a quem amava, mas que não lhe tinha amor. E era este o unico recurso que Hans tinha inventado!

Nos aposentos do chanceller tudo era azafama e confusão. Dois creados passaram por ella, acarretando bahus, e as creadas da burgravina corriam de um lado para outro, levando nos braços molhos de vestidos de seda, e de rendas.

Sidonia estacou cheia de espanto; o coração estremeceu-lhe. Betty teria recebido qualquer aviso e aquelles preparativos eram para ambas partirem... em busca de logar onde ficasse perfeitamente a salvo. Entrou de corrida no quarto da tia e viu-a já vestida para a jornada, guardando apressadamente as joias nos estojos. Betty ergueu-se, e toldou-se-lhe o rosto quando reconheceu a sobrinha.

—Ah! Pensou em mim?—perguntou esta.—O Rabequista é que me disse tudo. Como é horrivel!... Em menos de um minuto fico prompta. Para onde vamos!

A burgravina não lhe respondeu logo e ficou n'ella os olhos azues, com uma expressão glacial. Falou depois serenamente, mas em tom decisivo:

—Volto para a Austria. Já não posso aturar a Westphalia e tudo o que lhe pertence. Não quero saber quaes são as suas tenções, porque nada tenho comsigo de hoje em deante.

Ao dizer isto fechou o estojo que tinha na mão, produzindo um estalido que pareceu dar força ás ultimas palavras. Sidonia ficou attonita:

—Rompo com a sua Westphalia, minha querida—continuou a burgravina, com alegre despeito—rompo com seu tio, o meu Barba-Azul, em *premier lieu*, e com Jeronymo, esse plebeu, esse ridiculo *parvenu*.

Era energico o desdem com que ella proferiu estas palavras, contra quem apenas deitara uma rapida olhadela para a figurinha deliciosa da burgravina, e concentrara toda a sua attenção n'uma creança de escola. Disse, rindo ás gargalhadas:—Felizmente tenho relações, mandaram prevenir-me em segredo, para que fugisse quanto antes de *cette canaille*. Dão a Jeronymo e a seu reino uma es-

mana de vida, quando muito. Na Austria, *Dieu merci!* estarei longe bastante, para não ver a queda ridicula do *fantoche!*

A joven condessa de Waldorf-Kilmansegg estava como petrificada, emquanto a burgravina, não parando de falar, corria d'aqui para ali, como um ratinho. Afinal estacou a meio do quarto. Os olhares das duas encontraram-se, os seus pensamentos chispavam um contra o outro.

—Vae sósinha?—perguntou Sidonia, com estranho som na voz. Garras de ferro trituravam-lhe o coração.

Betty deu nova gargalhada e respondeu:

—Quem sabe?... Talvez arranje alguém para me escutar. O conde de Waldorf-Kilmansegg vae assignar, dizem, um documento, precioso, que d'aqui a pouco lhe apresentarão da sua parte, Sidonia. Logo que o fizer, também dirá *Hop lá, postillon!* Como é meu primo, ninguem me levará a mal que eu lhe accite a protecção. Não ha nada mais correcto.

A donzella estremeceu como corça assustada, e fugiu. Já ia longe e ainda sentia as pisadas de Betty a seguirem-na, imitante ao resoar das buzinas de caça.

Correu, de cabeça baixa, pelo corredor além e foi bater contra a volumosa pessoa do burgrave, que vinha de muito bom humor, não tendo encontrado o presagio dos bahus. Nem elle tinha realmente bom faro para os presagios. O seu reinho acabava de prometter-lhe nova mercê territorial e ampla recompensa, e o burgrave não nutria a menor duvida sobre a duração do poder real.

—Para onde ias tão depressa, minha filha?—perguntou elle, agarrando-a com certo carinho. Sidonia amparou-se ao tio, com repentino enternecimento.

—Ó tio Ludovico, leve-me quanto antes para fora d'este palacio! Já! Vamos outra vez para o nosso velho burgo!

—Mas que é isso?—E ao fazer-lhe a pergunta, o chanceler desviou-a um pouco de si, muito brincalhão, excitado pelo regio Silbery, que, em companhia do soberano, estivera libando, em homenagem á mudança que ia haver nos destinos da herdeira de Wellen-

shausen.—Se eu agora sahia do Paço!...—E abanava a cabeça negativamente.—Falas assim porque ainda não sabes os projectos que formei a teu respeito. O casamento que fizeste com tanta pressa, nunca foi do meu agrado. Já vês que pensamos da mesma fórma. Acabo de te arranjar outro marido, e um logar brilhante na côrte. Hein, minha Sidonia! Um excellente marido e uma bella posição!

A donzella ergueu os olhos, observando ansiosa o rosto carmezim do tio, que meneava outra vez a cabeça maliciosamente, e casquinava um frouxo de riso.—Ora! Ora! Ás mulheres fica bem a timidez, mas os homens é que sabem o que a ellas convem ou não convem. Devemos fazer-lhes a vontade quando fôr possível, sem nunca ir muito longe no capitulo das concessões.

Sidonia escutava-o e lia-lhe o quer que fosse de implacavel no olhar embrutecido.

Sentindo o burgrave apertar-lhe fortemente as mãos com as suas que escaldavam, ia tendo um deliquio; mas reanimou-se e gritou-lhe desesperadamente, obedecendo a uma inspiração do seu espirito feminil:

—A tia Betty está fechando as malas. Não sabe?... Vae-se embora para a Austria!

—O quê!—rugiu Ludovico. E precipitou-se pelo corredor que ia ter ao quarto da esposa.

—«Se precisar de auxilio — tinha-lhe dito aquella senhora edosa — procure por *Madame la Maréchale de la Cour*». Que triste filha de Eva precisaria mais de auxilio do que a afflicta Sidonia, collocada entre o Scylla de um perigo mysterioso e o Charybdis de uma cruel humilhação?

Não era para hesitações o seu genio. Demorou-se unicamente o tempo necessario para ir buscar uma capa de viagem, e tomou novamente pelo corredor exterior. Ao primeiro lacaio que encontrou, disse que fosse leval-a aos quartos de *Madame la Grande Maréchale*.

Lá ficaria esperando—pensou—que a illustre dama voltasse da festa. Junto d'aquella velhinha tão amavel, encontraria forçosamente refugio, bom conselho, e auxilio para voltar no dia seguinte para a sua querida floresta thuringiana.

(Conclue no proximo numero)

AGNES EGERTON CASTLE.



## Ao pé da lareira

**N**'UMA noite de inverno muito fria e chuvosa estavam marido e mulher sentados á lareira.

O lume, ao mesmo tempo que os aquetava ia cozendo a ceia. Era um caldo de feijão com couves, que devia estar quasi prompto, em razão do bom cheiro que deitava.

Mas nem o marido nem a mulher lhe prestavam atenção, e até pareciam preocupados, pois suspiravam de vez em quando.

É que nenhum d'elles estava contente com a sua sorte, apesar de haver, com certeza, muita gente, que se julgaria feliz vivendo como elles viviam.

Sempre que sabiam ter acontecido coisa boa a algum dos seus conhecidos, o marido dizia para a mulher, ou a mulher para o marido:

— Só comnosco é que a fortuna não quer nada. Nunca havemos de sair da cepa torta. Paciencia!...

Porém não tinham paciencia nem pouca nem muita, e passavam horas e horas dizendo mal á sua vida, como n'aquella noite invernososa, em que a panella cantava «rom! rom!» na lareira e o vento soprava pelas frinchas da porta e gemia ao longo da chaminé.

Quantos pobresinhos andariam lá por fóra, encharcados pela chuva e pelo grão que arranhava como unhas nos vidros da janella, e gelados por aquelle frio mais cortante do que navalha de barba! E como era feliz, comparado com elles, o casal, que ali estava, muito quente e agazalhadinho, á espera da ceia!

— Sabes o que eu agora pensei? perguntou o marido.

— Não adivinho, respondeu a mulher. Eu cá por mim pensava que podiamos ser muito ricos.

— Pois o que eu tinha na ideia vinha a dar n'isso, pouco mais ou menos.

— Explica-te, homem!

— Dizia com os meus botões que era bem bom que ainda houvesse fadas, como essas de que rezam as historias...

— Da Carochinha?... Bem me fio eu n'isso!

— Se ainda as houvesse — continuou o marido a dizer — e se uma d'ellas me apparecesse, eu pedia-lhe...



EU CÁ SÓ LHE PEDIA QUE ME SATISFIZESSE  
TRES DESEJOS

— Também eu lhe pedia muita coisa, interrompeu a mulher.

— Eu cá só lhe pedia que me satisfizesse tres desejos!

— Tres unicamente?

— Bastavam.

— Então haviam de ser dois meus e um teu.

— O contrario, mulher de... não sei que diga! Dois meus e um teu, porque a lembrança foi minha.

— Aceito a condição — tornou-lhe a mulher — mas socega que nenhum de nós tem esse trabalho, porque as taes fadas não passam de uma refinada patranha. Não existem, nem decerto...

Antes que ella dissesse que nunca tinham existido, a parede do fundo da chaminé abriu-se, como por encanto, e no meio de um clarão branco e esverdeado appareceu uma mulher muito linda, mais alva do que os jasmims ou as açucenas, com cabellos que eram exactamente fios de oiro e um vestido que parecia feito de prata e de pedras preciosas.

O casal ficou mudo de espanto e de medo, e a mulher de cabellos de oiro falou d'esta maneira:

— Ouvi o seu pedido e venho satisfazel-o. Os tres desejos que primeiro formularem nas condições que disseram, serão logo cumpridos.

E desapareceu juntamente com a tal claridade, vendo-se outra vez a parede ennegrecida pelo fumo.

O marido olhou para a mulher e a mulher olhou para o marido, sem se atreverem a dizer chuz nem buz.

Ella afinal, por ser de um sexo ordinariamente mais linguareiro, perguntou:

— E esta?

— Estou banzado! disse elle.

— Será verdade?

— A prova é facil de tirar. Se fôr cumprido o nosso primeiro desejo...

— Já sabemos que os outros dois o serão tambem:

— O nosso primeiro desejo! exclamou o marido. Ainda que a gente imagine que esteve sonhando, precisa tomar muito sentido no que pedir, pois dado o caso de se realizar a promessa...

— Vai esperando! disse a mulher, que nunca perdia occasião de arreliar o marido.

— E é que espero! tornou este.

De repente o caldo, que estava a ferver, transbordou da panella para o lume e apagou-o em parte.

A mulher, pela força do habito, pegou na panella; tirou-lhe a tampa e mexeu o caldo com uma grande colher de pau.

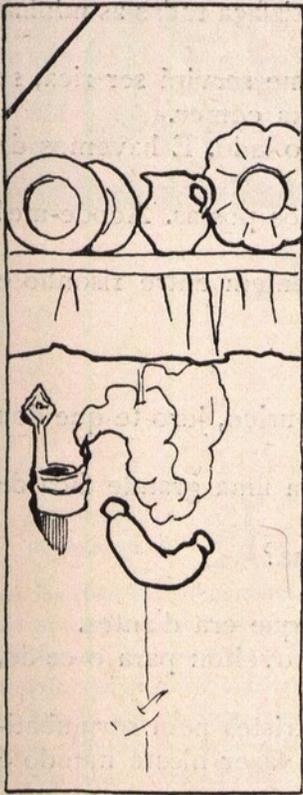
Provou-o e, como o achasse pouco saboroso, disse para o marido:

— Com um bom chouriço é que ficava excellente.

— Isso é coisa ordinaria! accudiu elle. D'aqui por deante só hei de comer petiscos dos mais finos.



APARECEU UMA MULHER MUITO LINDA,  
MAIS ALVA DO QUE OS JASMINS OU AS AÇUCENAS



UM CHOURIÇO... FOI CAHIR  
NO COLLO DA MULHER

— Fia-te n'essa!  
— E porque não? Já te esqueceste do que ouvimos á fada?

— Sei lá se ouvi ou não ouvi!

— Não acreditas?

— Em disparates de certo que não.

E tendo provado outra vez o caldo, tornou a dizer:

— Com um chouriço ficava optimo. Quem me dera ter aqui um, para lhe deitar!

Palavras não eram ditas, quando se sentiu a restolhada de uma coisa que descia péla chaminé, e um chouriço muito roliço e luzidio foi cahir no collo da mulher.

— Ah! Grande estúpida! gritou ao homem, quando se recobrou do espanto. Assim desperdiças fortuna!

— Eu podia lá imaginar! murmurou ella com voz sumida.

— Por seres uma tola, uma birrenta, uma teimosa!

— Serei tudo isso, mas tu és um atrevido e um malcriado.

— Hein! Tu fazes o mal e ainda em cima refilas! Olha que te arrependes! bradou elle furioso.

— Isso mesmo! exclamou a mulher a choramigar. Maltratas-me por eu não ter adivinhado...

— Só podias esperar o que succedeu.

— Se tinhas a certeza, porque não me preveniste? Já vês que tambem tiveste culpa.

— E esta! vociferou o marido. Faz a asneira de pedir o chouriço e ainda se atreve a... Oxalá que elle se te agarrasse á ponta do nariz.

Tate!

O chouriço deu um pulo, como coisa viva, e foi pegar-se ao sitio indicado, tornando o nariz, que já não era muito pequeno, n'uma especie de tromba de elephante.

Apenas sentiu agarrado a si o chouriço, a mulher deu um grito formidavel, e deitou-lhe com força ambas as mãos, puxando-o e repuxando-o, na ancia de o arrancar.

Mas quanto mais a pobre de Christo forcejava para tiral-o, mais o maldito se lhe apegava.

Peor ainda! Notou com espanto que o chouriço *lhe doía*, quando o esticava. É que o tinha agora como parte do seu corpo!

Não se resignando a ser trombuda, desatou a chorar copiosamente. As lagrimas eram tantas, que lhe molhavam as faces e o nariz, e até o chouriço, pondo-o cada vez mais luzidio.

— Vês em que deu a tua rabinice? perguntou-lhe o marido. Bem! Ainda posso for-



É UM HORRENDO PENDURICALHO, LÁ ISSO É

mar outro desejo. Vou pedir uma grande riqueza, com que satisfaça todas as minhas vontades.

— E de mim não te lembras? gemeu a mulher. De que me servirá ser rica, se tiver este trambolho deante da bocca? De certo nem me deixa comer.

— Deixa, respondeu o marido. Basta que o desvies para o lado. E havemos de ter as mais finas iguarias.

— Marido da minha alma! gritou ella, ajoelhada e de mãos postas. Acode-me! Olha que foste tu que me puzeste na cara este aleijão.

— É um horrendo penduricalho, lá isso é, observou o homem entre risonho e compadecido.

— Não me deixes n'esta desgraça!

— A gente habitua-se a tudo.

— Se não fizeres com que a fada me livre do maldito chouriço, juro-te que dou cabo de mim!

E levantou-se de chofre, para ir buscar acima da meza uma grande faca de cozinha.

— Juras tambem que não tornas a ser teimosa, nem rabina?

— Juro, sim, meu amor!

— Pois então, o meu desejo é que o teu nariz volte ao que era d'antes.

Assim aconteceu logo, e o chouriço nem sequer se aproveitou para o caldo, porque lhes mettu repugnancia.

Marido e mulher nunca mais, d'ali por deante, andaram tristes nem sorumbaticos, convencidos, afinal, de que o melhor que cada um pode fazer n'este mundo é contentar-se com a sua sorte.





# Actualidades

## Grandes topicos

### A CONFERENCIA DE ALGECIRAS

**A** conferencia de Algeciras progride lentamente.

Os delegados marroquinos insistem em submeter todas as propostas ao Sultão antes de concordarem com ellas, mas não teem duvida em fazer opposição sob sua responsabilidade propria. As questões mais graves, que são a do Banco do Estado e a da organização da policia, ainda não estão definitivamente resolvidas. Quanto á primeira, a conciliação entre a França e a Allemanha não se afigura impossivel. A segunda é que, como se diz vulgarmente, tem dente de coelho.

A Allemanha oppõe-se tenazmente ás aspirações francezas. A imprensa germanica tem até descido a meios pouco dignos para exercer pressão n'esse sentido. Ainda em fevereiro os jornaes de Berlim publicaram um telegramma de Algeciras, accusando a França de romper as negociações sobre a questão bancaria, isto quando o assumpto estava a pique de resolver-se, de tentar obter preponderancia absoluta no exercicio das funções policiaes em todo o territorio marroquino, e de pensar na incorporação de Marrocos na Africa franceza. Tudo isto era absolutamente falso. O que a França deseja é um mandato para manter a ordem em centros onde haja pessoas ou

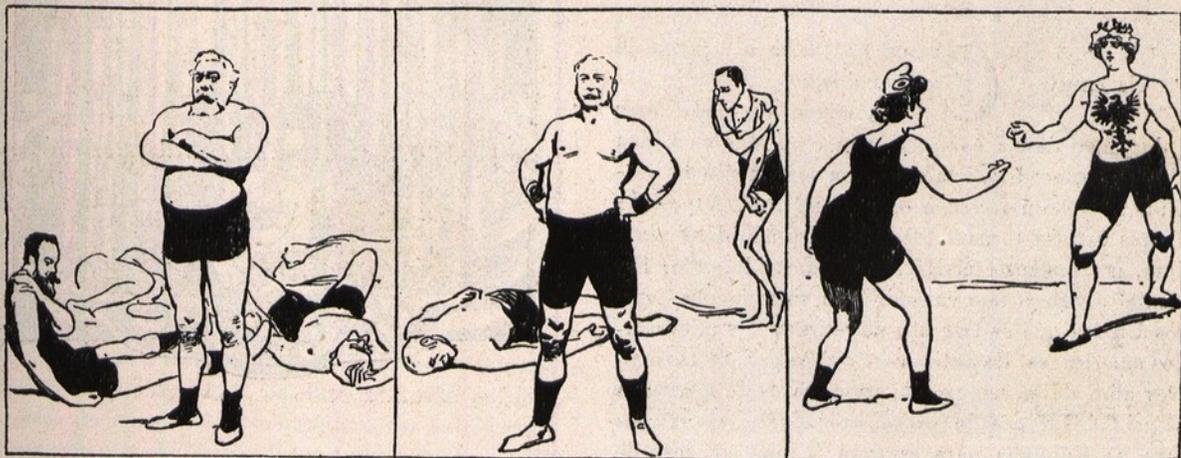
propriedades europeas a proteger. Calcula que para isso bastarão 30 officiaes europeus e 50 subalternos indigenas commandando soldados marroquinos disciplinados. Só uma imaginação exaltada supportaria que esses 50 officiaes levariam a cabo a annexação de Marrocos pela França.

A contraproposta da Allemanha é que a policia das cidades maritimas seja deixada ao Sultão sob a inspecção das potencias secundarias. Este plano afigura-se naturalmente á maioria dos diplomatas de uma inutilidade obvia.

Certo é que a Allemanha se encontra virtualmente isolada na conferencia. A attitudo da Italia, favoravel á França, até induz a imprensa allemã a aventar a ideia da revogação da Triplice Alliança, da qual a Italia seria excluida.

### A QUESTÃO RELIGIOSA NA FRANÇA

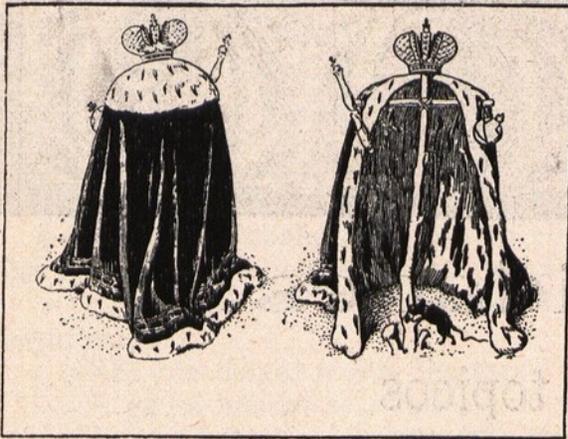
**A** lei de separação da igreja e do estado exige a elaboração do inventario das propriedades ecclesiasticas, antes que se organizem legalmente as associações de caracter religioso que devem tomar conta d'ellas. Note-se que este inventario foi exigido e applaudido pelos proprios catholicos, e são elles os que actualmente se estão revoltando contra o cum-



### JOGOS ATHLETICOS DA EUROPA

*Eleição presidencial na França, eleições geraes na Inglaterra, lucta diplomatica entre a Allemanha e a França*

DO «WEEKBLAD VOR NEDERLAND»



DUAS VISTAS DIFFERENTES DA AUTOCRACIA RUSSA  
Como os reaccionarios a vêem, e como ella é na realidade  
DO «NEUE GLUHLICHTER»

priminto da lei. Os disturbios continuam na provincia, e veremos como o novo ministerio Sarrien conseguiu pôr cobro a elles.

CRISE  
NA HUNGRIA

O parlamento hungro foi dissolvido. O partido da coalisào opposicionista tinha a maioria. Recusou-se a tomar conta do governo, emquanto o rei não accedesse a certas exigencias. Francisco José tem resistido com tenacidade.

O rescripto regio dissolvendo a camara foi devolvido pelos deputados sem o abrirem, e foi depois lido n'uma sala vasia. Em seguida foi promulgado, sem ratificação parlamentar, o tratado commercial com a Allemanha. Os chefes da coalisào deliberaram oppôr-se á cobrança de impostos e ao recenseamento dos recrutas. A venda de jornaes foi prohibida nas ruas, sendo este passo dirigido contra a circulação dos orgãos baratos e sensacionaes da Coalisào.

Nas mãos do imperador de Austria, rei da Hungria, está a serra com que se hão de anputar os ligamentos politicos entre as duas nações irmãs.

NA CHINA

CRESCER na China o espirito de nacionalismo.

Viu ella o que pode fazer o Japão, e deseja competir com elle. Mas na China o movimento reformista cobre um sentimento de hostilidade crescen'e contra os estrangeiros. A posição d'estes está-se tornando difficil, para não dizer perigosa, no immenso territorio do Celeste Imperio. Tãmanho alvoroço tem causado esta situação nos Estados Unidos que se fala alli na retirada dos missionarios americanos. Expediram-se avisos para certas missões afim de se removerem para locaes de segurança ao primeiro rebate de perigo, e mandaram-se reforços para as Filipinas para estarem á mão em caso de necessidade. Os factos provam a razão d'estas medidas. A missão americana de Nau-Chang, a 400 milhas acima da foz do Yang-tze-Kiang, foi destruida, e as-

sassinada uma familia ingleza de quatro pessoas e mais seis missionarios catholicos.

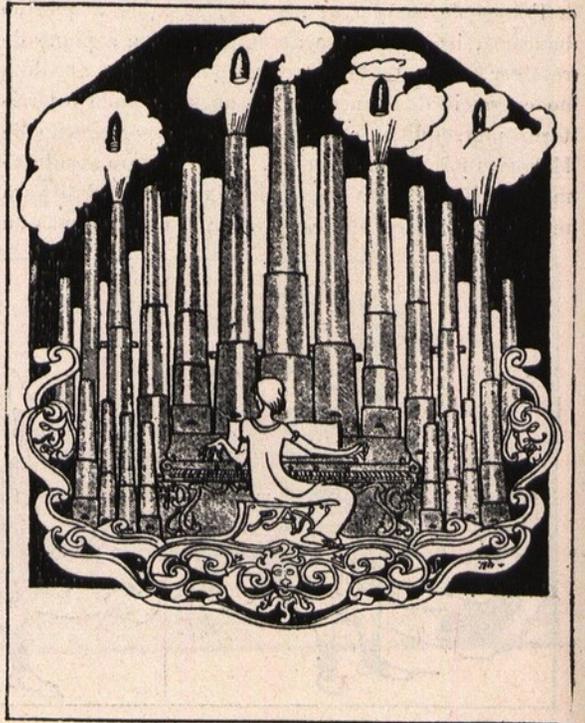
A proxima intervenção das potencias afigura-se fatal. Mas a situação da politica internacional torna deveras melindroso este expediente.

A MAIS TREMENDA CATASTROPHE DE MINAS

EM todo o mundo produziu uma impressão angustiosa a medonha tragedia occorrida na mina de Courrières, uma povoação a cinco leguas da velha cidade fortificada de Bethune, no Pas de Calais, e a uns sete de Lille. Os mineiros haviam descido ás 7 horas da manhã do dia 10 de março, e passada meia hora ouviram-se explosões em tres pozos. O fogo tinha-se conservado abafado durante alguns dias, e irrompeu finalmente a uma profundidade de uns 230 metros abaixo da superficie. Comquanto catastrophes d'esta natureza não sejam infelizmente raras nas regiões carboníferas, esta sobreleva pelo numero de victimas, 1150 homens, e peia viveza tragica dos pormenores todas as registadas nos fastos da desventura humana. O que sobretudo arripia é a longa permanencia de entes vivos nas entranhas da terra, n'uma agonia lenta, sem que nenhum soccorro lhes podesse valer.

Pela lista seguinte se pôde comparar a mortalidade produzida por esta catastrophes com outras mais notaveis que a antecederam, ha quarenta annos a esta parte:

1866 — Perto de Barnsley.....	388
1877 — Perto de Glasgow.....	200
1878 — Perto de Newport.....	268
1880 — No paiz de Galles .....	101



ORGÃO DA PAZ — MODELO DE 1906  
DO «LUSTIGE BLÄTTER»

1880 — Durham.....	164
1880 — Newport.....	120
1885 — Pendlebury.....	177
1887 — Victoria Colliery.....	170
1889 — Saint Etienne.....	184
1890 — Saint Etienne.....	109
1890 — Moumouth.....	176
1891 — Saint Etienne.....	73
1892 — Bridgend.....	116
1892 — Anverines (Belgica).....	153
1893 — Dewsbury.....	139
1893 — Pontypridd.....	61
1894 — Pontypridd.....	286
1901 — Caerphilly.....	81
1902 — Pennsylvania.....	105
1902 — Fernie.....	150
1902 — Tennessee.....	mais de 200
1903 — Hanna.....	175
1905 — Rhondda.....	119
1906 — Courrières.....	1150

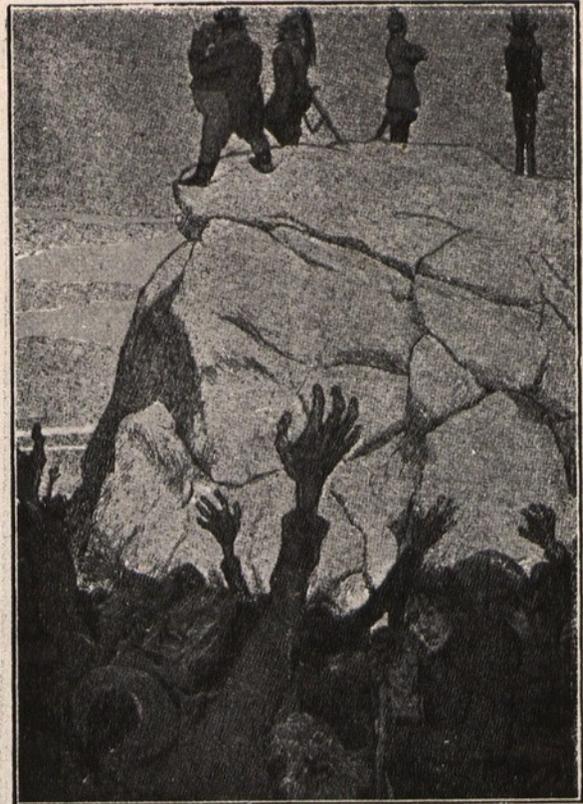
ELEIÇÕES  
NA RUSSIA

O primeiro periodo eleitoral da Russia, para a organização da Duma, vae decorrendo no meio da indiferença da maioria de população, que não crê no liberalismo das novas leis, das manifestações revolucionarias em muitos pontos do Imperio e das violentas medidas reaccionarias impostas ao governo do conde Witte pelas classes preponderantes da politica russa.

Sobre este assumpto, não podemos resistir ao desejo de transcrever uns periodos mordazes que encontramos n'um jornal londrino: «Os preparativos para a eleição na Russia vão caminhando com grande energia. Ha districtos em que quasi toda a gente de alguma educação tem sido presa, afim de assegurar um voto imparcialmente popular. Se depois d'isto os e'leitores ainda hesitarem em exercer as suas regalias, serão instruidos nos seus deveres por cossacos. A nenhum eleitor será concedido lançar mais do que uma bomba na urna eleitoral.»

O VINHO E A  
SAUDE DE  
JOHN BULL

DEPOIS da entente com a França, reconheceram os inglezes, ao contrario do que se supunha até então, que os vinhos tintos de Bordeaux conteem menos acido do que os vinhos brancos da Allemanha e são por conseguinte menos prejudiciaes aos rheumatisantes. É de crer que para esta convicção concorresse quasi tanto a politica como a sciencia. Mas, como John Bull está igualmente convencido de que os vinhos de Bordeaux são os mais baratos do mundo, aconselhariamos aos lavradores e commerciantes de Portugal que trabalhassem por lhe tirar essa ideia do toutiço, não se esquecendo comtudo de lutar vantajosamente com os vinhos francezes no que respeita á pureza e á salubridade.

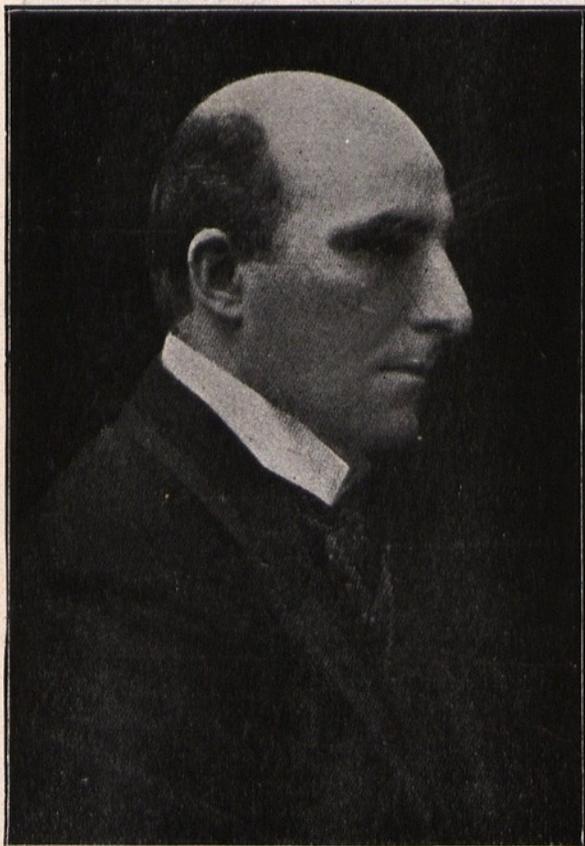


AS POTENCIAS INDIFFERENTES  
Emquanto a Russia está empenhada n'uma tremenda revolução, as nações europeas concentram a atenção n'outros assumptos em diversas partes do mundo. O grito dos russos opprimidos n a lhes importa.  
DO «ULK»



UM FUTURO CASUS BELLI  
MARTE — Vou apanhar isto e arrecadar. Qualquer dia deita-se-lhe uns gatos.  
DO «LUSTIGE BLÄTTER»

## Vida na arte



PINERO

A NOVA PEÇA  
DE PINERO

Um grande triumpho obteve ultimamente em Londres o mais illustre dos modernos dramaturgos inglezes, Pinero, triumpho apenas egualado pelo que lhe proporcionou ha annos o seu conhecido drama *A Segunda Mulher de Tanqueray*. Como portuguezes, pertence-nos uma parcella de orgulho, por isso que nas veias do notavel escriptor corre, como é sabido, o velho sangue portuguez. É por isso, e por ser geralmente menos vulgarisado entre nós o movimento dramatico da Grã-Bretanha, que os *Sevões* consagram a este acontecimento artistico algumas linhas que não se afiguram descabidas.

*His House in Order*, é o titulo da nova peça de Pinero, e não atinamos de prompto com uma correspondencia bastante suggestiva d'este titulo, cuja traducção litteral é *A casa d'elle em ordem*. A palavra *ordem* não se limita porem n'este caso ao arranjo material. Designa mais alguma cousa: o decoro, a decencia, a seriedade, a respeitabilidade, no sentido convencional e burguez d'estes vocabulos.

Mas ao novo drama — dizem-n'o quantos o conhecem — adaptava-se uma repetição paraphraseada do titulo com que correu mundo a obra mais divulgada de Pinero. *A segunda mulher de Jesson*, eis como se etiquetaria perfeitamente uma peça na qual a segunda consorte tem de travar uma lucta constante

contra a primeira, morta ha annos mas sempre presente. E este conflicto, apenas indicado na antiga peça, é o motivo central da recente.

É a memoria da fallecida, consagrada em apothese pela sua parentela e pelo proprio marido, como o anjo do lar, a personificação da virtude e da ordem material e moral, que reage continuamente sobre a sorte da esposa viva, cujas maneiras de proceder desacordam com as noções todas burguesas da respeitabilidade domestica. E todavia, graças ao velho expediente dramatico de cartas encontradas n'um movel antigo, vem finalmente a descobrir-se que, sob um veu espesso de hypocrisia, a defunta occultava um temperamento vicioso e desregrado, tendo introduzido no lar um filho adulterino e estando a pique de fugir com o amante quando um desastre lhe poz termo á vida. Ao mesmo tempo, manifestam-se na successora, sob as apparencias frivolas, solidas qualidades de character. É esta a triumphadora, em cujos braços cae no final o esposo, arrependido do injusto conceito que formara e mal dizendo a sua cegueira.

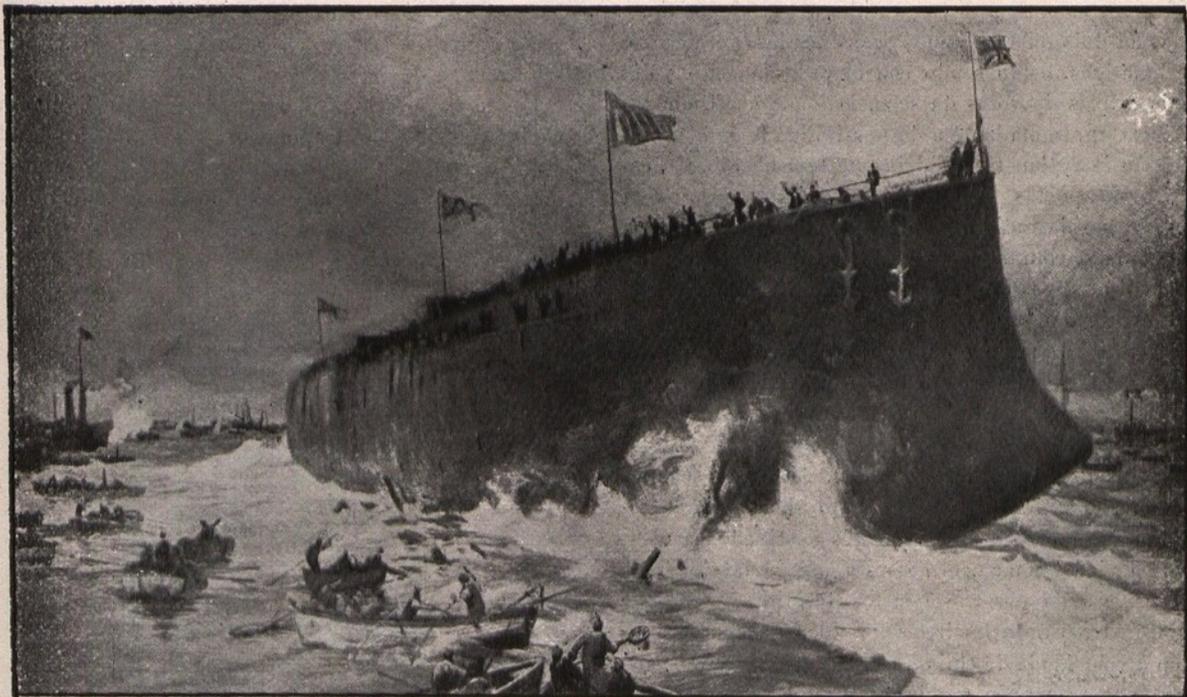
São estas as linhas geraes do drama, onde se põe em relevo a sciencia dramatica de Pinero e onde os caracteres são traçados com raro vigor. O elemento comico, representado pela familia absorvente e banal da fallecida, permite ao dramaturgo o expandir a veia satyrica, porventura com uns leves toques de caricatura. Não falando do papel da protagonista, cheio de interesse dramatico, o papel masculino mais brilhante é o do irmão de Jesson, um *raisonneur* que rescende um pouco à velha escola, pelo emphatico das tiradas, mas que, tendo nas mãos o fio da acção, conserva constantemente presa a attenção do auditorio.

A NOVA CREAÇÃO  
DO COQUELIN

Latente é o titulo da nova peça de Alfred Capus é Lucien Descaves, representada ultimamente em Paris. Pode dizer-se que ella é principalmente destinada a pôr em relevo as altas qualidades do mais popular decerto entre os actores francezes da actualidade. Coquelin ainé tem com effeito um papel que desempenha á maravilha: um typo essencialmente moderno, o ricaço epicurista que faz socialismo avançado, um demagogo que passeia de automovel, faz o gyro *fashionable* do Bois de Boulogne, frequenta as *premières* da moda, os casinos e os clubs mais aristocraticos, e tem a ancia de se envolver no *grand monde*. A explicação do titulo está n'um tiro de revolver com que, por questões particulares, o sujeito é ferido, e que elle faz todos os esforços para attribuir a um attentado anarchista, afim de se collocar na evidencia. Brilham na peça todas as qualidades de espirito que notabilisam Capus e a vivacidade pittoresca que distingue o seu collaborador.

O exito parece ter sido consideravel.

## Vida na sciencia e na industria



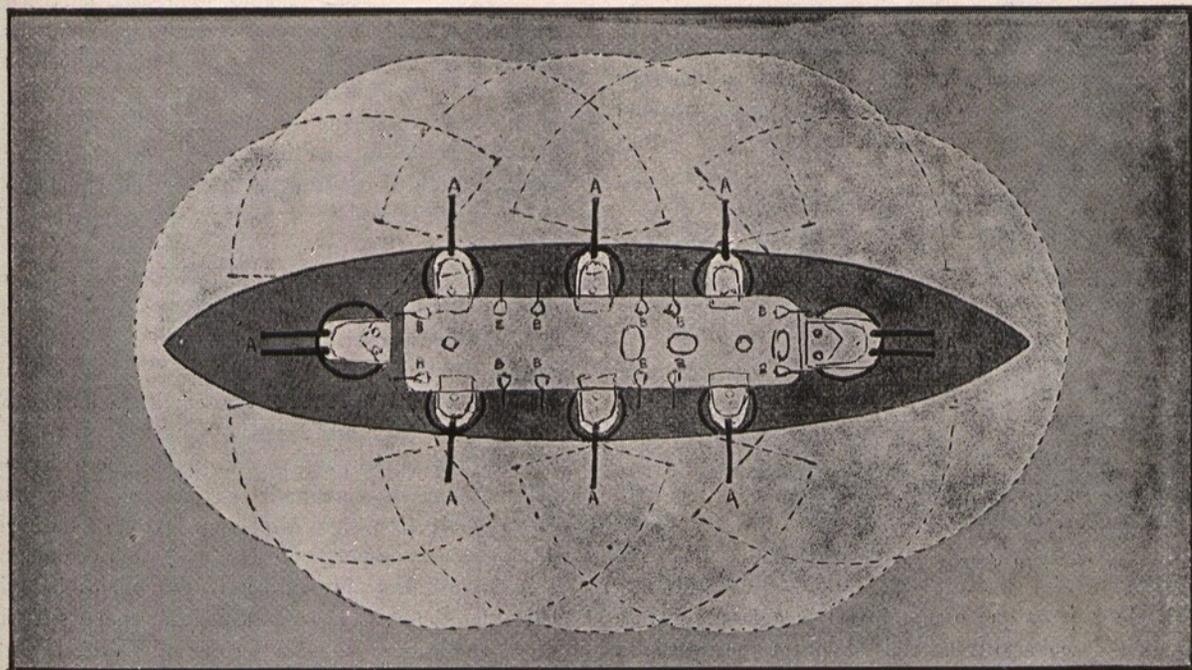
LANÇAMENTO DO «DREADNOUGHT»  
O mais poderoso dos navios de guerra do mundo

O MAIS PODEROSO  
NAVIO DE GUERRA  
DO MUNDO

O rei de Inglaterra presidiu em fevereiro ao lançamento do *Dreadnought*, o qual representará sob todos os pontos de vista um *record* na construção naval. Será elle, quando completo, o maior, o mais veloz e o mais poderoso navio do mundo. A quilha foi posta em 2 de outubro passado. Deverá fazer experiencias no proximo outono, e içará

em fevereiro do anno que vem a insignia de Almirante commandando a esquadra do Atlantico.

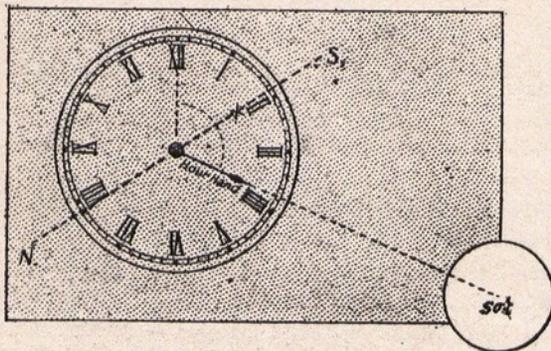
A principal bateria do *Dreadnought* consta de dez peças de 12 pollegadas, efficazes n'uma amplitude de cinco a seis milhas, arremessando um projectil de 850 arrateis. A sua velocidade de 21 milhas, e o seu armamento, poderão equiparal-o a dois, ou talvez a tres, dos navios de guerra hoje existentes.



ACÇÃO OFFENSIVA DO «DREADNOUGHT»

COMMUNICAÇÕES  
INTERPLANETARIAS

A descoberta do radium e das suas surprehendentes propriedades por tal forma modificaram as concepções scientificas, que certas theorias, ha dois ou tres annos classificadas de delirios de lunaticos, estão sendo considera-las a serio pelos mais graves doutores da sciencia moderna. Uma das ultimas apresentadas é a da possibilidade de communicação interplanetaria, ideia que tem obsido o espirito de poetas e sonhadores durante seculos. A observação da radio-actividade, que pareceria ser um phenomemo commum a quasi todos os corpos, dá origem á supposição de que o mundo esteja a pique de descobrir uma nova fonte de energia inteiramente differente de qualquer outra até hoje conhecida ou imaginada. A materia de toda a especie pensa-se agora ser apenas energia condensada em varias formas, que é licito suppor se pode libertar e utilizar para fins nunca até hoje tentados. Até ao presente, a maxima quantidade de movimento devido á intervenção humana é a dos projecteis destinados a destruir a vida humana, e n'esses a maxima velocidade attingida anda por tres quartos de milha (menos de 1400 metros) no primeiro segundo. Em comparação com a velocidade de emissão das particulas radio-activas, que se suppõe regular entre 60:000 a 200:000 milhas por segundo, isto é perfeitamente insignificante. Mesmo Mercurio que, sendo o planeta mais proximo do sol, se move com mais velocidade, attinge apenas umas trinta milhas por segundo. No emtanto, uma viagem da terra á lua com a velocidade de Mercurio levará pouco mais de duas horas, a Venus entre dez e onze dias, e a Neptuno, o planeta mais distante da terra, tres annos. Mas se, em vez da velocidade de Mercurio, poderemos chegar á velocidade minima das particulas radio-activas, os prazos das respectivas viagens reduzir-se hiam a um tempo praticamente desprezível. Por outro lado, tão prodigiosa é a distancia das estrellas que até a velocidade das particulas radio-activas empallidece na imaginação. Assim, com a velocidade de 60:000 milhas por segundo, ellas alcançariam a estrella mais proxima da terra só dentro de uns treze annos.



BUSSOLA IMPROVISADA

É de suppôr que o mundo esteja em vespéras de alguma descoberta transcendendo outra qualquer feita desde que começou a historia da humanidade.

BUSSOLA  
IMPROVISADA

systema é já divulgado, mas vale a pena relembra-lo ou tornal-o conhecido a quem por acaso o ignore. Quem não disponha senão do relógio para se orientar, pode fazel-o pela maneira seguinte:

Pegue-se no relógio horizontalmente de forma que o ponteiro das horas aponte para o sol. A bissectriz do angulo feito pelo ponteiro com a linha que passa pelo numero XII e pelo centro do relógio, determina a linha norte-sul verdadeira.



FOGÃO RADIO-INCANDESCENTE

FOGÕES  
RADIO-INCANDESCENTES

Um engenheiro francez, Mr. De-lage, applicou ao aquecimento domestico uma manga com propriedades calorificas muito desévolvidas, analogas ás usadas até hoje para iluminação. Composta de uma mistura cujo producto activo é o *cerium*, calcula-se que essa manga irradia 100 por 100 mais de calor do que uma manga Auer identica na forma e peso. O rendimento do apparelho pode considerar-se 40 por 100 superior aos dos apparelhos já conhecidos.

Esse apparelho de aquecimento compõe-se de um certo numero de focos intosivos de gaz dispostos uns ao lado dos outros. Sobre cada foco colloca-se uma manga denominada corpo radio-incandescente. Estas mangas quasi não dão luz, mas emittem horisontalmente um calor muito intenso.

Cada foco é independente, de modo que pelas respectivas torneiras se pode regularizar o calor. Esta disposição é preferivel á que consiste em baixar todas as chammas por meio de uma torneira commum.

A nossa figura apresenta um dos modelos de fogão bastante elegante, já construido. Este novo systema de aquecimento, simples e commodo, está de certo destinado a grande vulgarisação.

# Vida nos campos

## ABRIL

NO JARDIM

**C**OMEÇARAM já as influencias fecundas da primavera. Mudam-se para os logares definitivos as estacas que estiveram abrigadas durante o inverno, taes como verbenas, fuchsias, heliotropios, begonias, etc.

Mettem-se na terra os tuberculos, e semeam-se boas noites, chagas, chrisanthemos, mignonete, secias, papoulas dobradas, etc.

Havendo bom tempo, sacham-se as plantas que vão florir, começando já a regal-as. São ellas as primaveras, anemonas, narcisos, amores perfeitos, violetas e as rosas.

Estas ultimas, especialmente as de florescencia precoce, são muitas vezes atacadas de pulgão, o que se pode combater com fumigações de tabaco, ou borrifos de agua de sabão amarello.

As fumigações de tabaco applicam-se de tarde ou de manhã, quando o ar está perfeitamente calmo.

O sabão amarello emprega-se em dissolução de 100 grammas cada litro de agua, applicando cautelosamente com um pincel sobre os pontos atacados.

NA VINHA

**G**vinhateiro trata n'este mez de fazer as suas enxertias. Esta operação, já conhecida e empregada pelos gregos da antiguidade, é de grande importancia para o melhoramento de castas, unificação de typos, e especialmente para a transformação dos productos das cepas americanas e resistentes ao phylloxera, em productos aceitaveis nos nossos mercados.

Baseia-se a enxertia no phenomeno da soldadura de dois vegetaes, vivendo um á custa do outro.

Ha variedade de processos para se alcançar essa soldadura. O mais empregado hoje é o que se denomina de *fenda cheia*, ou *simples*.

A haste enraizada, que desejam transformar e que se chama o *carvalho*,

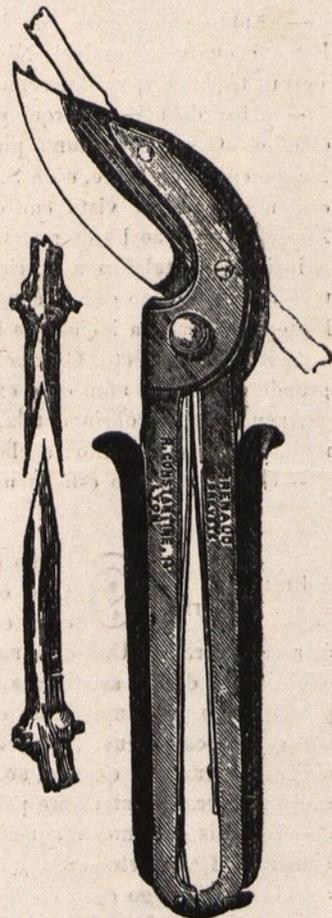
é aparada 2 a 3 centimetros acima de um nó, e ahí é talhada uma especie de forquilha na profundidade de 2 centimetros, onde entra a haste, em que desejamos transformar a planta e que se chama o *garfo*, ajustando-se o melhor que for possivel, para o que se devem escolher diametros eguaes. Esta junção é depois ligada solidamente com qualquer ligadura macia, no que se está empregando uma especie de junco macio e resistente, chamado *raphia*.

A seiva que sobe pela haste enraizada penetra nos tecidos da que se lhe junta e ahí é transformada, fazendo fructificar esta com os productos naturaes á sua casta. O todo fica constituindo uma planta, cuja parte inferior tem todas as condições de resistencia ás doenças que atacam as raizes, e cuja parte superior tem todas as qualidades necessarias de uma boa cepa.

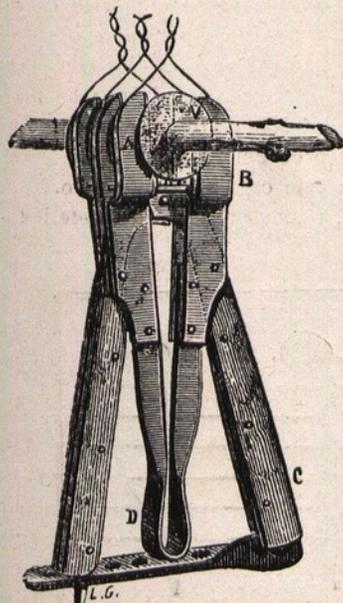
Na reconstituição das nossas vinhas destruidas pelo phylloxera, foi necessario lançar mão de apparelho que facilitasse a grande faina de importantes enxertias, habilitando qualquer a enxertar com perfeição, o que só se podia obter com bons enxertadores que não chegavam.

A nossa gravura representa um d'esses apparelhos, a tesoura *Despujols*. É uma tesoura com dois gumes reunidos nas pontas, e que corta em V qualquer haste que passe entre ellas. Assim a mesma tesoura corta o cavallo e o garfo, sendo o ajustamento dos dois o mais completo possivel.

A pinça *Alliès* serve para ajustar sobre o enxerto duas meias rolhas de cortiça, como capa protectora, e ligar tudo com arame. Este processo é perfeito, e facilita a ligadura do enxerto do bacelo na terra.



TESOURA DESPUJOLS



PINÇA ALLIÈS

## Variedades

### UM RETRATO DIFFICIL DE PINTAR

Diante Gabriel Rossetti, eminente poeta e pintor inglez, recebeu um dia a visita de um principe da India, o qual lhe disse:

— «Venho encommendar-lhe um retrato de meu pae.»

— «Seu pae está em Londres?» perguntou Rossetti.

— «Não, senhor. Meu pae já morreu.»

— «Tem alguma photographia ou qualquer retrato d'elle.»

— «Nada, não temos retrato nenhum.»

— «Então como quer que lhe pinte um retrato? Bem vê que é impossivel. Não posso encarregar-me de um trabalho absurdo, como esse.»

— «Absurdo não sei porque,» retorquiu gravemente o indio. «O senhor costuma pintar retratos de Maria Magdalena, e de Circe, e de S. João Baptista, e creio que nunca poz a vista em cima d'essas pessoas. Por que é que não ha de retratar meu pae?»

Insistiu por tal forma o principe que Rossetti não teve remedio senão ceder, á mingua de argumentos. Pintou uma cabeça ideal que tinha algo de oriental e de regio no aspecto. O principe veio ao atelier, em grande cerimonia, afim de o examinar.

Apenas se descobriu a tela, olhou para elle com muita attenção e desatou a chorar perdidamente.

— «Muito mudado está meu pae!» exclamou elle.

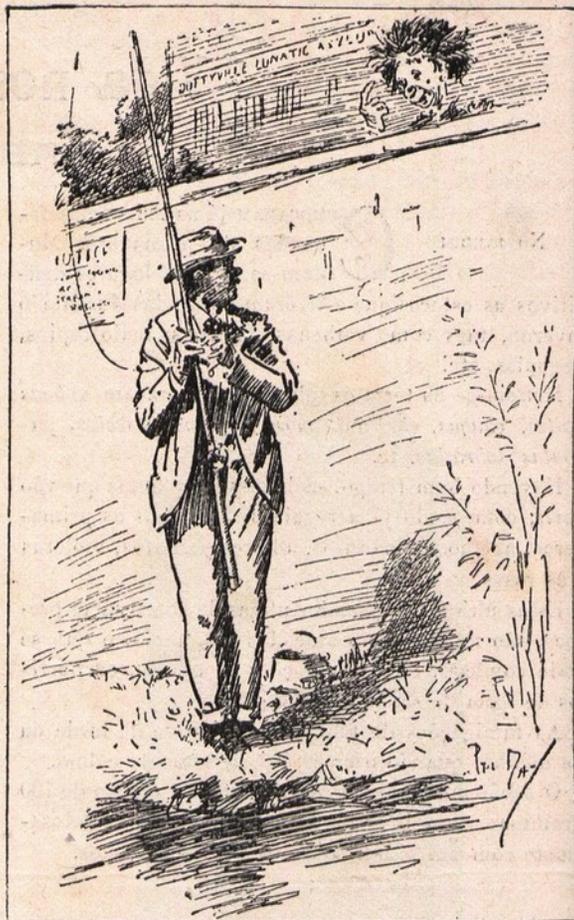
### RESPOSTA À LETRA

Barão de Hirsch, celebre em todo o mundo como financeiro e philantropo, pertencia á raça hebraica. Um dia, na Allemanha, jantava elle na casa de um aristocrata, em companhia de um principe que proclamava alto e bom som o seu rancor contra os judeus. A descortezia d'este conviva chegou ao cumulo, quando, ao descrever uma digressão que fizera recentemente pela Turquia, exclamou:

— Ha dois costumes n'aquelle paiz que me impressionaram favoravelmente: judeus ou cães que se apanhem, dão logo cabo d'elles.

O barão de Hirsch olhou a sorrir para o seu insultador e redarguiu placidamente:

— Que fortuna não vivermos lá, nem eu nem o principe!



O INTERNADO DO HOSPITAL DOS DOIDOS — Que está o senhor a fazer ahí ha duas horas?

O FISCADOR — Estou á espera do peixe.

O INTERNADO — Ah! sim? Então entre cá para dentro.

### RIQUEZA DE BRACOS E PERNAS

Uma dama está mostrando uma visita a galeria de retratos dos seus antepassados — «Este general que aqui vê,» explica ella, «era meu quarto avô. Valente como um leão, mas muitissimo infeliz, coitado! Não entrou em batalhas que não perdesse um braço ou uma perna.»

Depois acrescenta com orgulho e convicção.

— «Alli onde o vê, tomou parte em dezeseite batalhas.»

